

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**COMPLEXO DO ALEMÃO:  
DOS TELEJORNAIS À NOVELA**

**ANA MARIA DE MENDONÇA RAMALHO**

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**COMPLEXO DO ALEMÃO:  
DOS TELEJORNAIS À NOVELA**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**ANA MARIA DE MENDONÇA RAMALHO**

**Orientadora: Profa. Beatriz Jaguaribe**

RIO DE JANEIRO  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Complexo do Alemão: dos telejornais à novela**, elaborada por Ana Maria de Mendonça Ramalho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Beatriz Jaguaribe  
Pós-Doutora em Comunicação pela Universidad de Buenos Aires  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Cristiane Costa  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Ilana Strozenberg  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

## FICHA CATALOGRÁFICA

RAMALHO, Ana Maria de Mendonça.

Complexo do Alemão: dos telejornais à novela. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientadora: Beatriz Jaguaribe

RAMALHO, Ana Maria de Mendonça. **Complexo do Alemão: dos telejornais à novela.** Orientadora: Beatriz Jaguaribe. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar a evolução da imagem do Complexo do Alemão nos últimos anos. A partir de como os telejornais da TV Globo noticiaram a ocupação do Complexo do Alemão até a imagem romanceada da favela na novela *Salve Jorge*, o objetivo é analisar as mudanças no modo como a televisão mostrou e abordou o Complexo do Alemão antes e depois da ocupação da polícia e da implementação das Unidades de Polícia Pacificadora na região. Essa pesquisa também propõe mostrar como a política das Unidades de Polícia Pacificadora possibilitou a inserção do território do Complexo do Alemão no imaginário da cidade do Rio de Janeiro e proporcionou maior visibilidade na mídia para uma comunidade que era temida pelos próprios cariocas, a ponto de transformá-la no principal núcleo da novela *Salve Jorge*. O objetivo é mostrar a desmistificação dos moradores do Complexo do Alemão que apareciam na mídia geralmente num contexto de violência e como eles se tornaram um público de interesse para os telespectadores de novelas do Brasil.

**Palavras-chave:** Complexo do Alemão, telejornalismo, novela.

## SUMÁRIO:

1. Introdução .....	7
2. História do Complexo do Alemão .....	11
2.1 Como surgiu o Complexo do Alemão .....	11
2.2 A presença do Comando Vermelho .....	14
2.3 Caso Tim Lopes e o impacto na mídia .....	18
2.4 A derrubada do helicóptero no Morro dos Macacos.....	23
2.5 A Unidade de Polícia Pacificadora .....	25
3. Complexo do Alemão nos telejornais .....	30
3.1 A Feira das Drogas .....	30
3.2 A tentativa de ocupação em 2007 .....	32
3.3 Os ataques em novembro de 2010 .....	35
3.4 A ocupação da Vila Cruzeiro .....	38
3.5 A ocupação do Complexo do Alemão .....	44
4. O Complexo do Alemão como protagonista de novela .....	49
4.1 O Alemão romanceado .....	49
4.2 O estilo das periguetes .....	55
4.3 A relação e a distância entre morro e asfalto .....	58
4.4 A Ocupação repaginada .....	62
5. O imaginário do Alemão .....	64
5.1 Rodrigo Pimentel ou Capitão Nascimento? .....	64
5.2 O morador da favela na novela .....	68
5.3 A favela conquista seu espaço .....	70
6. Conclusão .....	79
7. Referências .....	82

## 1. INTRODUÇÃO

No Rio de Janeiro, uma cidade que aparece na mídia tanto pelo seu caráter turístico e suas belezas naturais quanto pela violência, a favela é um tema urgente, que é sempre debatido nos meios de comunicação, principalmente sob o viés da criminalidade. A presença das favelas, que estão espalhadas por toda a cidade – desde o subúrbio até às áreas mais ricas, como a Zona Sul –, e do tráfico de drogas, que habita o interior da maioria das comunidades, além dos altos índices de violência da cidade, geraram um clima de insegurança em todo o Rio de Janeiro, fazendo com que cada ação de violência, quer ocorresse no morro quer ocorresse no asfalto, fosse logo relacionada às favelas ou aos traficantes. Porém a favela, que sempre havia sido tratada pelos governos como um problema a ser sanado, resistiu. Nos últimos anos, ela conquistou seu espaço como parte da imagem do Rio de Janeiro e se integrou à cidade no imaginário social.

Nesse trabalho será analisada a mudança na imagem do Complexo do Alemão, o conjunto de favelas mais temido pela polícia e pelo governo do Rio de Janeiro. Conhecido como o Quartel-General do Comando Vermelho, a maior facção criminosa do estado, o Alemão foi escolhido como objeto de estudo pela sua presença constante na mídia, sua ligação com acontecimentos importantes que ocorreram na cidade e por ter passado por uma mudança radical no imaginário brasileiro. De inimigo número 1 dos cariocas o Complexo do Alemão se tornou protagonista de novela da Rede Globo. Assim, esse trabalho vai analisar essa transformação tendo como base a emissora que transmitiu a novela que deu destaque para o Alemão. Por meio dos telejornais e da telenovela *Salve Jorge*, o objetivo é mostrar como a televisão abordou o Complexo do Alemão antes e depois da ocupação da polícia e do exército em novembro de 2010 e da implementação das Unidades de Polícia Pacificadora. Com essa análise visou mostrar a desmistificação dos moradores do Complexo do Alemão, que apareciam na mídia com os rostos cobertos em matérias que estavam sempre em um contexto de violência, e como essa representação evoluiu a ponto deles se tornarem protagonistas da novela do horário nobre da Rede Globo. Esse trabalho acompanha essa evolução da imagem dos moradores do Alemão: desde figuras acuadas e sem voz até personagens interessantes para telespectadores de todo o Brasil.

Para começar essa análise o capítulo 2 – *História do Complexo do Alemão*, como sugere o título, vai procurar introduzir o Complexo do Alemão, destacando o contexto histórico do conjunto de favelas. Primeiro, será apresentada uma breve história do surgimento

da favelização na área com base nos dados do Instituto Pereira Passos e em Silva (2012). Esse trecho vai oferecer também informações que ilustram a realidade atual do complexo. Em seguida, o Comando Vermelho será apresentado, já que a facção sempre atuou com destaque na região, sendo um dos fatores responsáveis pela imagem negativa do Complexo do Alemão no imaginário social. A partir de Amorim (2011), Barcellos (2003) De Lima (2012) e Valladares (2005), o objetivo é oferecer um pequeno relato da história dessa facção criminosa e mostrar como a escolha do Complexo do Alemão como Quartel-General introduziu o morro na dinâmica do crime organizado, tornando os moradores constantes reféns das guerras entre facções e entre o tráfico e a polícia.

Dois casos de destaque serão analisados nesse capítulo para ajudar na compreensão de como o tráfico de drogas e a violência influenciaram a formação da imagem do Complexo do Alemão no imaginário brasileiro. Através de depoimentos dos jornalistas da Rede Globo disponíveis no site da emissora, será mostrado como o assassinato do jornalista Tim Lopes mudou o modo como a imprensa tratava a cobertura jornalística nas favelas cariocas, terminando por distanciar ainda mais a favela dos meios de comunicação. Serão discutidas ainda a visibilidade midiática e a fama almejada pelos traficantes, além da crueldade dos criminosos. O segundo caso analisado será a derrubada do helicóptero da polícia no Morro dos Macacos, em 2009. Esse exemplo evidente do alto poderio bélico dos traficantes cariocas em um momento em que o Rio de Janeiro acabara de ser eleito cidade-sede das Olimpíadas de 2016 fez com que o problema da violência fosse debatido internacionalmente, forçando o governo a ter uma atitude mais visível e eficaz, o que impulsionou a política das Unidades de Polícia Pacificadora. Essa política será explicada ao final desse capítulo de contextualização com base em De Lima (2012), Jaguaribe (2011), Soares et al. (2011) e em relatos da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro. A proposta das Unidades de Polícia Pacificadora, as UPPs, será confrontada com a violência de extermínio do Batalhão de Operações Especiais, o Bope. Além disso, será mostrado como a escolha das favelas contempladas no mapa do estado do Rio de Janeiro serviu mais para proteger turistas do que os próprios moradores dos morros cariocas.

A partir de análises de matérias em telejornais da TV Globo sobre o Complexo do Alemão, o capítulo 3 – *O Complexo do Alemão nos Telejornais* vai procurar explicitar como o jornalismo da emissora estudada tratou o conjunto de favelas. Começando por uma das matérias da série *Feira das Drogas* de Tim Lopes, o objetivo será mostrar como o morador do Alemão estava envolto numa aura de mistério criada pelo medo e pelo estigma da violência. Outras matérias sobre o Complexo do Alemão serão analisadas com o intuito de extrair que



tipo de imagem da favela era construída pela mídia. Será feita a leitura crítica das coberturas televisivas dos telejornais da Rede Globo, analisando a transmissão das ocupações dos conjuntos de favelas da Penha e do Alemão e a tentativa de mobilização social através do Disque-Denúncia. Nesses telejornais serão identificadas estratégias como: o apelo à veracidade baseada na linguagem realista da filmagem; o uso do recurso melodramático para atizar a empatia do espectador; o reforço dos mecanismos de combate ao crime por meio do Disque-Denúncia que coloca a ação do cidadão anônimo como ajudante da polícia; e o uso da transmissão ao vivo que dá ao telespectador a impressão de viver aquela história. Para esse capítulo foi escolhido um recorte histórico que vai de 2001, data da série *Feira das Drogas*, até 2010, ano da ocupação do Complexo do Alemão pela polícia e pelo exército.

O capítulo 4 – *O Complexo do Alemão como Protagonista de Novela* vai analisar o Alemão romanceado trazido para o horário nobre da televisão brasileira através da novela *Salve Jorge* da autora Gloria Perez. Dando ênfase ao comportamento dos personagens, ao modo como são vestidos e ao jeito de falar, esse capítulo buscará estudar como os moradores do Alemão são apresentados para o público da telenovela. Através de Amorim (2011) Barcellos (2003), Cano (2012), Dantas (2012), De Lima (2012), Guimarães (2002), Neves & Dalbeto (2013), Ramos (2012), Villaça (2011) e Vital da Cunha (2009) serão debatidas questões como a escolha de São Jorge como padroeiro dos personagens principais, o relacionamento entre moradores e traficantes na trama, o funk proibidão, o novo papel da empregada doméstica nas telenovelas da Rede Globo, a representação amenizada da pobreza nas novelas e o conflito entre classes. Além disso, será feita uma análise de como a ocupação do Complexo do Alemão, que já terá tido sua representação nos telejornais estudada nessa pesquisa, foi trabalhada na dramaturgia.

O capítulo final, o 5 – *O Imaginário do Alemão*, vai buscar discutir essa hipervisibilidade do Alemão nos últimos anos, com o intuito de mostrar como a imagem do complexo evoluiu e como a favela conquistou mais espaço para ser vista de outros ângulos na televisão a partir da telenovela. A partir de dois casos de pessoas reais que foram figuras centrais durante a ocupação do Complexo do Alemão, marcando um hibridismo entre realidade e ficção, será discutido o papel legitimador que esses dois personagens reais tiveram nos discursos dos telejornais e da telenovela. O primeiro caso apresentado será o do comentarista de segurança Rodrigo Pimentel, que desempenhou papel de destaque durante a cobertura ao vivo dos ataques de traficantes em novembro de 2010 e as ocupações dos complexos do Alemão e da Penha. Em seguida, será apresentado o caso do jovem Rene Silva,

criador do jornal *Voz da Comunidade*, que relatou o que acontecia no Alemão durante a ocupação através do *Twitter*.

Com base em Alvito (2006), Feldman (2008), Freitas (2011), Jaguaribe (2007 e 2009), Ramos (2012), Rinaldi (2006), Santana (2009), Villaça (2011), Zaluar (2006) e Zaluar & Alvito (2006), esse capítulo vai recuperar a imagem do Alemão desde a série *Feira das Drogas*, debatendo o estigma de violência, que acoberta e esconde moradores de favelas cariocas até hoje, e analisando a visibilidade midiática das favelas como local de violência. Será estudado como o realismo estético entrou em cena nos telejornais, através de recursos como o vídeo-amador, a transmissão ao vivo e o tom de improviso durante as ocupações em novembro de 2010 e como ele está presente na novela, principalmente através do uso de um evento real e impactante para traçar o caminho da trama. Serão discutidos também a sensação de insegurança e medo no Rio de Janeiro e como a própria imagem da cidade passa por uma transformação em relação às favelas. Esse capítulo também vai mostrar como a periferia tem ganhado espaço na mídia com representações que vão além das notícias de violência dos telejornais e como a Rede Globo, percebendo essa tendência, passou a incorporar outros territórios cariocas às tramas das telenovelas, possibilitando o surgimento de novos protagonistas, como a personagem Morena de *Salve Jorge*.

## **2. HISTÓRIA DO COMPLEXO DO ALEMÃO**

O objetivo desse capítulo é introduzir o Complexo do Alemão, destacando o contexto histórico do conjunto de favelas no Rio de Janeiro. Para isso, será apresentada uma breve história do surgimento do complexo, além de dados sobre a realidade atual do conjunto. Em seguida, será introduzido o Comando Vermelho, facção criminosa que comandou, e ainda comanda, a maioria dos morros cariocas e que usou o Complexo do Alemão como quartel-general durante anos. Dois casos de destaque serão analisados e explicados para ajudar na compreensão de como o tráfico de drogas e a violência influenciaram a formação da imagem do Complexo do Alemão no imaginário brasileiro. O assassinato do jornalista da Rede Globo Tim Lopes, em 2002, e a derrubada do helicóptero da polícia no Morro dos Macacos, em 2009, contribuíram para a construção da imagem do Complexo do Alemão como um território sem lei, temido pelos cariocas e onde traficantes com forte poderio bélico se escondiam. Para finalizar esse capítulo de contextualização, serão apresentadas as Unidades de Polícia Pacificadora que são parte da política de segurança do governador Sérgio Cabral.

### **2.1 Como surgiu o Complexo do Alemão**

Muitos cariocas definem o Complexo do Alemão como um conjunto de favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro. Porém, o Complexo do Alemão é, na verdade, um bairro oficial, apesar de sua área muitas vezes ser tratada como parte dos bairros próximos - Ramos, Penha, Olaria, Inhaúma e Bonsucesso. O Complexo do Alemão ficou muito conhecido através de notícias sobre tráfico de drogas, violência e operações policiais, mas a região já viveu épocas mais calmas e os moradores das favelas não foram os primeiros habitantes do local. Há mais de 500 anos, antes da colonização portuguesa, os índios Tamoios foram os primeiros a ocupar a região que se estendia desde a Baía de Guanabara até a Serra da Misericórdia, os morros dos Urubus e do Juramento e “Inhaúma”, que na língua dos Tamoios significava “água suja”.

Muito depois do extermínio das tribos indígenas, no século XVIII, os jesuítas se estabeleceram no terreno e deram origem à Fazenda de Inhaúma e seus engenhos. Em 1760, os jesuítas foram expulsos e as terras foram desmembradas em várias fazendas que deram origem aos atuais bairros Ramos e Bonsucesso, entre outros<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em:  
[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main\\_bairro.asp?bairro=ComplexodoAlemao&area=156&tipo=click](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?bairro=ComplexodoAlemao&area=156&tipo=click) Acesso: 30 set. 2013

No início do século XIX, houve a ocupação da Serra da Misericórdia, comandada por Francisco Rego. Quando ele morreu, suas terras foram vendidas para Joaquim Leandro da Motta que dividiu a propriedade em grandes lotes e vendeu um deles a Leonard Kacmarkiewicz<sup>2</sup>. É a esse estrangeiro que nos referimos toda vez que falamos “Complexo do Alemão”. Leonard Kacmarkiewicz é conhecido até hoje pelos moradores e é logo citado na visita guiada ao complexo, feita pelo guia de turismo local Cristiano Ferreira, da empresa Gigatrek. Mas, efetivamente, o complexo não é mais de Leonard, nem ele nunca foi alemão que merecesse o nome. Nascido na Polônia, o imigrante Leonard veio para o Brasil se refugiar da Primeira Guerra Mundial. O estrangeiro logo ganhou o apelido que é dado até hoje no Rio de Janeiro para pessoas altas e loiras: “Alemão”. Por causa de seu dono, a Serra da Misericórdia ficou conhecida como Morro do Alemão.

Em 1928, o “Alemão” promoveu o primeiro loteamento de suas terras, na área das atuais comunidades Joaquim de Queiroz e Grotá, que tinham ocupação dispersa até 1950. A partir daí, outros aglomerados de barracos foram surgindo crescentemente. As atuais comunidades Nova Brasília e Itararé começaram a ser ocupadas por volta de 1940. Logo depois, na década de 1950, surgiram as comunidades dos morros do Alemão, da Esperança, dos Mineiros e do Relicário. Em 1961, nasceu o Morro da Baiana e, a partir dos anos 1970, a Fazendinha, Reservatório de Ramos e Parque Alvorada<sup>3</sup>.

Já com muitas comunidades, no final dos anos 1980, o conjunto de favelas que ocupava o leste da Serra da Misericórdia formou a XXIX Região Administrativa Complexo do Alemão, que compreende uma área de 2,96 km<sup>2</sup><sup>4</sup>.

Segundo o artigo do professor Rafael Silva (2012)<sup>5</sup>, mestre em História da PUC-RJ, paralelamente à presença do Complexo do Alemão, nos anos 1920 se instalou na região o Curtume Carioca, que chegou a se tornar a maior indústria de curtição da América Latina. Já que para chegar ao local as opções de acesso eram poucas, muitos operários se instalaram na região, o que incitou o crescimento populacional. Com o desenvolvimento da cidade, novas

---

<sup>2</sup> Disponível em:

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main\\_bairro.asp?bairro=ComplexodoAlemao&area=156&tipo=click](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?bairro=ComplexodoAlemao&area=156&tipo=click) Acesso: 30 set. 2013

<sup>3</sup> Disponível em:

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main\\_bairro.asp?bairro=ComplexodoAlemao&area=156&tipo=click](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?bairro=ComplexodoAlemao&area=156&tipo=click) Acesso: 30 set. 2013

<sup>4</sup> Disponível na aba Regiões Administrativas / Complexo do Alemão / Território e Meio Ambiente em:

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_ra.htm) Acesso: 12 set. 2013

<sup>5</sup> Disponível em: <http://novocomplexodoalemao.wordpress.com/2012/12/04/as-complexas-raizes-do-complexo-do-alemao/> Acesso: 12 ago. 2013.

vias de acesso foram construídas, entre elas a Avenida Brasil em 1946, e a região se tornou o principal pólo industrial do Rio de Janeiro dos anos 1950 até os anos 1970.

Em 1951, o polonês Leonard Kacmarkiewicz dividiu o resto de seu terreno em lotes e os vendeu. Assim, o comércio e a indústria se diversificaram, mas a ocupação desordenada dos morros próximos, que teve grande crescimento principalmente durante o primeiro governo de Leonel Brizola, acabou gerando a saída das indústrias do local nos anos 1980 e 1990. Como concluiu o professor Rafael Silva (2012): “a industrialização gerou o crescimento populacional, e o crescimento populacional acabou afastando as indústrias”<sup>6</sup>.

A Serra da Misericórdia, uma formação geológica de morros e nascentes, foi quase toda desmatada por causa da construção dos barracos. Segundo dados do Instituto Pereira Passos<sup>7</sup>, em 2001, o Complexo do Alemão possuía apenas 0,29% de área natural, que seria floresta alterada, ou seja, que sofreu intervenção humana. Assim, o bairro é atualmente o 116º no ranking de áreas naturais do Rio de Janeiro. Com 74,88% de área urbana, o Complexo do Alemão está inserido em programas de recuperação ambiental e é o terceiro bairro com maior área de Unidade de Conservação - APARU (Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana).

De 2000 para 2010, a população local saltou de 65.026 para 69.143, sendo 33.800 homens e 35.343 mulheres<sup>8</sup>. Os moradores estão distribuídos em 21.035 domicílios<sup>9</sup>, sendo a grande maioria casas próprias. No censo de 2000<sup>10</sup>, ficou registrado que o abastecimento de água de 92,27% dos domicílios era feito através de rede geral canalizada e 84,27% estavam ligados à rede geral de esgotamento sanitário. Apesar da rede de abastecimento de água chegar à maioria das casas, ainda há moradores que se abastecem de poços artesianos e de algumas nascentes de água locais. Embora o Censo 2000 registre que 84% dos domicílios de favela do bairro possuem rede de esgotamento sanitário, podem ser constatadas áreas específicas onde há valas a céu aberto e despejo de esgoto in natura nos corpos hídricos. No caso do lixo, o Complexo do Alemão aparece em 152º lugar no ranking dos 159 bairros com

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://novocomplexodoalemao.wordpress.com/2012/12/04/as-complexas-raizes-do-complexo-do-alemao/> Acesso: 12 ago. 2013.

<sup>7</sup> Disponível na aba Regiões Administrativas / Complexo do Alemão / Território e Meio Ambiente em: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_ra.htm) Acesso: 12 set. 2013

<sup>8</sup> Disponível em:

[http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/2972\\_pop%20residente%20por%20sexo%20e%20razão%20de%20sexos\\_ap\\_ra\\_bairro\\_1991\\_2000\\_2010.XLS](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/2972_pop%20residente%20por%20sexo%20e%20razão%20de%20sexos_ap_ra_bairro_1991_2000_2010.XLS) Acesso: 11 set. 2013

<sup>9</sup> Disponível em: [http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/3168\\_tipo%20de%20domicilio.XLS](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/3168_tipo%20de%20domicilio.XLS) Acesso: 11 set. 2013.

<sup>10</sup> Disponível na aba Bairros / Complexo do Alemão / Domicílios: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_ra.htm) Acesso: 12. set. 2013.

serviços de limpeza com apenas 49,79% dos domicílios contemplados. Grande parte da população, 46,97%, ainda tem o lixo coletado em caçambas.

Em 2010, 93,5% da população com mais de 10 anos já era alfabetizada<sup>11</sup>. O complexo conta com três escolas, duas creches e um espaço de desenvolvimento infantil que são frequentados por 2.665 crianças e adolescentes<sup>12</sup>. No ranking das regiões administrativas por renda per capita de 2000, os moradores do Complexo do Alemão figuram em último lugar (31º) com uma renda de R\$ 177,31 por pessoa<sup>13</sup>. No censo de 2000, o Complexo do Alemão foi a região com o pior IDH - Índice de Desenvolvimento Humano do Rio de Janeiro, ficando em 126º no ranking<sup>14</sup>.

Atualmente, não é no polonês Leonard Kacmarkiewicz que os moradores dos morros cariocas pensam quando ouvem o apelido “alemão”. Por causa do narcotráfico, o nome ganhou um novo significado, como explica esse trecho do livro “Abusado”, de Caco Barcellos: “Alemão é o inimigo. Tá sempre querendo nos quebrá, matá mermo. A gente é o lado certo da vida errada. Os alemão tão no lado errado da vida errada” (BARCELLOS, 2003, p. 240). Independente da facção, na linguagem dos traficantes “Alemão” é o inimigo, o membro de outra facção criminosa ou qualquer pessoa que ameace o “movimento”, ou seja, o tráfico, e deve manter distância: “Alemão, mané, otário. Melhor sair voador. Ou toma de ponto 50. Pra sair detonado. Já é cevê! Cevê! (Funk)” (BARCELLOS, 2003, p. 181). A seguir será mostrado quem são esses alemães e como o Complexo do Alemão se tornou, depois de muitas disputas, o Complexo do Inimigo.

## 2.2 A presença do Comando Vermelho

O tráfico de drogas está presente na maioria das favelas cariocas. Segundo Valladares (2005), o morro oferece uma posição estratégica: “Por sua posição privilegiada ele se debruça sobre a cidade e, isolado, oculta de quem observa de baixo aquilo que se passa no alto. Todos aqueles que chegam à sua parte mais elevada [...] experimentam uma sensação de medo misturada a uma espécie de fascinação” (VALLADARES, 2005, p.31). Em sua condição de

---

<sup>11</sup> Disponível em:

[http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/3135\\_pessoas%20de%2010%20anos%20ou%20mais%20por%20classe%20de%20rendimento%20e%20alfabetizacao.XLS](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/3135_pessoas%20de%2010%20anos%20ou%20mais%20por%20classe%20de%20rendimento%20e%20alfabetizacao.XLS) Acesso: 12 set. 2013.

<sup>12</sup> Disponível na aba Regiões Administrativas / Complexo do Alemão / Educação em:

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_ra.htm) Acesso: 12 set. 2013

<sup>13</sup> Disponível na aba Regiões Administrativas / Complexo do Alemão / Renda em:

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_ra.htm) Acesso: 12 set. 2013

<sup>14</sup> Disponível em:

[http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1172\\_%C3%ADndice%20de%20desenvolvimento%20humano%20municipal%20\(idh\).xls](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1172_%C3%ADndice%20de%20desenvolvimento%20humano%20municipal%20(idh).xls) Acesso: 12 set. 2013

morro carioca, o Complexo do Alemão é muito conhecido no Rio de Janeiro como o QG do CV. QG para quartel-general e CV para Comando Vermelho, a maior e mais famosa organização criminosa do Brasil. Segundo Carlos Alberto de Lima, a escolha do Complexo do Alemão como quartel-general não foi por acaso:

A região tem fácil acesso às principais vias rodoviárias do Rio de Janeiro, como Avenida Brasil, Linha Amarela, Linha Vermelha, Avenida Pastor Martin Luther King Jr., entre outras. A região possuía, antes de se tornar muito perigosa, muitas fábricas e um comércio movimentado. Pela sua posição geográfica era fácil escoar os materiais vendidos e ali produzidos. Não por acaso, os traficantes aproveitaram da mesma facilidade verificada, para poder receber e escoar seu principal produto: a droga. Assim, tanto para chegar aos locais dos crimes como para fugir deles, havia várias e diversificadas rotas de fuga. (DE LIMA, 2012, p.44)

É preciso conhecer um pouco a história do Comando Vermelho para entender o Complexo do Alemão, a impressão de medo que ele causava nos cariocas e a decisão do governo estadual de implantar as UPPs - Unidades de Polícia Pacificadora.

O Comando Vermelho nasceu nos anos 1970 e 1980 no Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande. Durante a ditadura militar, era para lá que iam os presos políticos, além de outros criminosos “comuns”, como assaltantes de bancos, assassinos, ladrões. O jornalista Carlos Amorim defende a tese de que foi a mistura dos presos comuns com os presos políticos que resultou na formação do Comando Vermelho: “Lá (no presídio da Ilha Grande) se organiza a Falange LSN, embrião do Comando Vermelho, sob orientação de alguns presos que tiveram a vida carcerária tremendamente influenciada pelos condenados de origem política”. (AMORIM, 2011, p.40). A “Falange LSN”, chamada pelo autor de embrião do CV, se referia à ala do presídio destinada aos presos políticos, os presos da Lei de Segurança Nacional. Segundo Amorim, os principais grupos revolucionários envolvidos em ações militares tinham representantes na Galeria B do presídio da Ilha Grande.

A convivência com os presos políticos teria feito com que os bandidos aprendessem técnicas de guerrilha urbana, lessem livros de Karl Marx e Che Guevara e se organizassem. Amorim chega a chamar a ação dos bandidos de “paródia das técnicas de guerrilha urbana” (AMORIM, 2011, p.50) e diz que o convívio teve efeitos extraordinários: “gente miserável, analfabeta e violenta desenvolve complexos mecanismos de articulação. É nisso basicamente que resulta o aprendizado com os presos políticos” (AMORIM, 2011, p.69). Segundo Leeds (2006), além de princípios de organização política, os presos também desenvolveram uma consciência coletiva até então inexistente no sistema penitenciário brasileiro. A convivência entre os presos e suas consequências também foram retratadas pelos jornais da época. Uma matéria do jornal O Globo de 8 de abril de 1961 realça as características do armamento e das técnicas usadas por uma quadrilha do Comando Vermelho:

Fica claro que a sua sofisticação [dos bandidos da quadrilha de Zé do Bigode] não se limitava ao tipo de armamento que usavam: sua periculosidade era, em consequência, muito maior. Usavam as técnicas da guerrilha, codificadas, na década de 1960, por Mariguela e Guevara. Aprenderam-nas, certamente, na cadeia, onde conviveram com terroristas de esquerda. (O GLOBO *apud* AMORIM, 2011, p.52)

William da Silva Lima, o primeiro e mais importante líder do Comando Vermelho, conhecido como Professor, afirmou que leu muitos livros na cadeia. Em 2001, William da Silva Lima lançou seu próprio livro: *Quatrocentos contra um: Uma história do Comando Vermelho*<sup>15</sup>. Nele, relatou uma das mais impressionantes quedas de braço entre a polícia do Rio de Janeiro e o Comando Vermelho. A resistência do bandido Zé do Bigode, que enfrentou sozinho o cerco de 400 policiais, durante mais de 12 horas, em um apartamento no Conjunto dos Bancários, na Ilha do Governador, tornou o bandido famoso e inspirou o título do livro de William da Silva Lima. Em 2010, o livro do Professor ganhou um filme, *400 contra 1 - A História do Comando Vermelho*, dirigido por Caco Souza. Zé do Bigode morreu por amor ao Comando Vermelho e pela vontade de enfrentar a polícia:

Enquanto atira pela janela, Zé do Bigode lança o grito de guerra:

- Podem vir, miseráveis. Tenho bala pra todos vocês. Nós já desmoralizamos o sistema penal. Agora é a vez da polícia. Podem vir, porque aqui está o Comando Vermelho.

Essa é a primeira vez que o nome da organização é citado em público. (AMORIM, 2011, p.79)

Esse episódio mostra que desde o início da história do Comando Vermelho já havia um comportamento de enfrentamento em relação à polícia. Nesse caso, percebe-se que o bandido se coloca como um guerreiro disposto a morrer pela facção. Em 1981, ano em que o nome “Comando Vermelho” foi gritado pela primeira vez por Zé do Bigode, o CV já tinha mais de dois mil adeptos, segundo cálculos do Departamento de Sistema Penal (AMORIM, 2011). O diretor do Desipe na época, Avelino Gomes Moreira Neto, chegou a declarar: “O Comando Vermelho controla quatro presídios, e a administração tem dificuldades em tomar qualquer medida sem o beneplácito deles” (AMORIM, 2011, p.97). Inicialmente, o CV era um símbolo da resistência dentro das carcerárias cariocas. Os dogmas da facção decretavam a morte para quem assaltar ou estuprar companheiros; o fim das rivalidades trazidas das ruas; o uso da violência apenas para tentar fugir e a luta permanente contra repressão e os abusos. Essas regras do Comando Vermelho deram aos detentos uma nova vida nas cadeias cariocas. Com o lema “do preso, para o preso e com o preso”, os membros criaram times de futebol, jornais e até uma biblioteca (AMORIM, 2011).

---

<sup>15</sup> LIMA, William da Silva. **Quatrocentos contra um: Uma história do Comando Vermelho**. São Paulo: Editora Vorazes, 1991.



Hoje, quem olha para os muros do Rio de Janeiro, principalmente nas periferias e favelas do estado provavelmente já viu a frase pichada “Paz, Justiça e Liberdade”. O lema lembra “Igualdade, Fraternidade e Liberdade” da Revolução Francesa, mas na verdade é o slogan da facção criminosa que controla grande parte das favelas cariocas. Pouco depois das regras, o slogan “Paz, Justiça e Liberdade” foi criado, em uma clara inspiração nos textos comunistas e revolucionários introduzidos pelos presos políticos.

A primeira geração de dirigentes do Comando Vermelho se caracterizava por esse viés mais idealista, afinal, foram eles que conviveram com os presos políticos da Lei de Segurança Nacional. Além disso, eles mantinham fortes laços de amizade. Quando esse primeiro escalão da organização começou a sofrer mudanças, principalmente por causa de mortes dos dirigentes, foi preciso eleger uma nova comissão. Esses novos comandantes foram responsáveis por transformar o CV em uma empresa. Eles começaram a tomar decisões marcadas pelo pragmatismo, sempre buscando obter maiores lucros. Para alcançar esse objetivo, o foco da organização mudou:

É como se a organização deixasse de ser uma cooperativa de artesãos e passasse a ser uma empresa: menos pessoal e mais profissional. No futuro, vai se tornar fria e cruel. Um dos pontos de divergência é a definição da atividade principal da “companhia”. Antes eram os assaltos com fins corporativistas. Nesses primeiros meses de 1982, ganha força entre eles a ideia de que o tráfico de drogas é mais seguro e lucrativo. (AMORIM, 2011, p.97)

Ainda na guerra pelo controle do presídio da Ilha Grande, alguns sobreviventes das falanges derrotadas em 1979 se uniram sob o nome Terceiro Comando (AMORIM, 2011). A existência de uma segunda organização criminosa, que logo também perceberia o lucro seguro e farto do tráfico de drogas, foi determinante para o início da guerra nos morros. As máfias da cocaína latino-americanas procuravam sócios para revender a droga que eles entregariam, mas, para conquistar a associação com os cartéis, o Comando Vermelho precisava controlar a totalidade dos pontos de vendas nas favelas, englobando ou destruindo pequenas quadrilhas independentes. A luta entre as fações começou, então, para garantir o monopólio da distribuição de drogas no varejo. Esse monopólio era essencial para se negociar uma boa posição com os atacadistas tradicionais e se tornar “sócio preferencial” nos grandes acordos com os barões de cocaína colombiana. Segundo Amorim, o objetivo é eliminar a concorrência de forma rápida e limpa para, também, obter o apoio da população local: “[...] a luta tem que acabar rapidamente. Estancar a hemorragia e devolver às favelas a paz armada do Comando Vermelho são os objetivos” (AMORIM, 2011, p.117).

A localização privilegiada do Complexo do Alemão fez com que o conjunto de favelas estivesse sempre na mira das fações criminosas. Assim, a história do complexo se mistura

com a história da guerra do tráfico no Rio de Janeiro. Esse trecho do livro *Força de Pacificação*, ilustra como a disputa entre as facções estava, há anos, presente do cotidiano do Complexo do Alemão:

Foi travada uma grande guerra no Morro do Alemão na época em que era dominado pelo traficante Orlando da Conceição, o Orlando Jogador, que acabou sendo morto numa emboscada por outro traficante, seu afilhado, Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê. Nessa época, o Comando Vermelho perdeu o controle da área no complexo por alguns meses para outra facção criminosa - o Terceiro Comando. (DE LIMA, 2012, p. 42)

A guerra para recuperar parte dos cinquenta pontos de venda que foram tirados do CV nessa época durou três meses. Segundo Barcellos (2003), os combates diários no Complexo do Alemão contribuíram para o clima de insegurança que culminou numa intervenção federal armada contra as favelas da cidade. Essa operação foi chamada Operação Rio do II Exército e envolveu vinte helicópteros, dezenas de tanques e veículos militares, 11 mil policiais civis e federais, 28 mil PMs e 17 mil soldados de infantaria do Exército. Como a expectativa era realizar prisões em massa de traficantes, navios da marinha foram até preparados para receber os prisioneiros. Porém, as forças de segurança não permaneceram nas favelas. Para Barcellos (2003), foram 30 dias de uma operação que não passou de uma grande blitz contra 2,5 milhões de pessoas pobres dos morros. Alguns meses depois, traficantes já agiam livremente nas comunidades.

O Comando Vermelho recuperou grande parte do Complexo do Alemão, mas essa guerra entre Orlando Jogador e Uê fez nascer um novo embrião do crime carioca. Segundo Barcellos, “para enfrentar os ataques em massa do CV, Uê se aliou a um traficante independente, Celsinho da Vila Vintém, assim que ele fugiu do presídio Milton Dias Moreira, em outubro de 1994. Nesta data, os dois criaram a facção ADA, os Amigos dos Amigos” (BARCELLOS, 2003, p.286-287). Essa nova facção entrou na roda das batalhas pelo controle dos pontos de drogas dos morros cariocas e também tentou conquistar o estratégico Complexo do Alemão, como mostrou De Lima: “[...] o Morro do Adeus permaneceu nas mãos do Terceiro Comando até ser tomado pela facção criminosa Amigo dos Amigos (ADA) em maio de 2007. Recentemente, antes da ocupação pelas forças de segurança, o Morro do Adeus tinha sido retomado pelo Comando Vermelho” (DE LIMA, 2012, p. 42).

### **2.3 Caso Tim Lopes e o impacto na mídia**

Em 2002, um assassinato cruel na Vila Cruzeiro, favela vizinha ao Complexo do Alemão e que fica dentro do bairro, chocou o país e mudou o modo do jornalismo brasileiro

tratar as favelas e o tráfico de drogas. Em 2001, o jornalista da Rede Globo Tim Lopes ganhou o prêmio Esso pela reportagem *Feira das Drogas*<sup>16</sup>, exibida pelo Jornal Nacional. Com uma câmera escondida, ele flagrou o poder dos traficantes, que vendiam drogas livremente no meio das ruas do Alemão. A série rendeu o primeiro prêmio Esso do telejornalismo brasileiro e colocou Tim na mira dos traficantes do Comando Vermelho, que comandavam o Complexo do Alemão na época.

A favela sempre foi um tema presente nas reportagens de Tim Lopes. Em 1994, ele recebeu o prêmio de melhor reportagem feita no jornal O Dia pela série “Funk: som, alegria e terror”<sup>17</sup>. Era também sobre funk a matéria que o jornalista produzia quando foi sequestrado por traficantes em 2002. No dia 2 de junho de 2002, Tim Lopes subiu a Vila Cruzeiro com uma microcâmera para gravar imagens de um baile funk promovido por traficantes. Era a quarta vez que ele ia ao morro para colher material para essa reportagem. Ele teria recebido uma denúncia de exploração sexual de menores e venda de drogas. Tim Lopes ficou desaparecido por mais de um mês. Sua morte só foi confirmada quando a Polícia Civil fez uma operação no Complexo do Alemão para procurar um cemitério clandestino no alto do morro. Na favela da Grotta, foram encontrados partes do equipamento usado pelo repórter. Mais tarde um exame de DNA confirmou: um dos corpos era o de Tim Lopes.

Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco, foi preso 109 dias depois do assassinato de Tim Lopes na favela da Grotta. Ele era apontado como um dos líderes do CV na época e chefe do tráfico no Complexo do Alemão. A TV Globo já tinha feito 17 horas de matérias cobrando a prisão dos assassinos de Tim Lopes<sup>18</sup>. Todas as pessoas envolvidas na morte do jornalista foram presas, “do sujeito que foi comprar a gasolina para queimá-lo até o sujeito que de fato o matou da forma mais bárbara do mundo”, como ressaltou o jornalista Ali Kamel, em vídeo institucional publicado na página da TV Globo sobre a morte do jornalista Tim Lopes<sup>19</sup>. Tim Lopes foi torturado, assassinado com uma katana, uma espécie de sabre japonês, e seu corpo foi queimado no “microondas”, crematório improvisado pelos traficantes em que corpos humanos são queimados em pneus incinerados com gasolina. Esse método é escolhido pelos criminosos porque deixa poucos traços dos corpos, dificultando o trabalho da polícia quando esta tenta identificar os corpos e obter provas das mortes das vítimas (JACUARIBE, 2009).

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>17</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/tim-lopes.htm> Acesso: 30 set. 2013

<sup>18</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 12 de ago. 2013

<sup>19</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 12 de ago. 2013

No vídeo, o jornalista Márcio Gomes disse que a morte do colega de trabalho foi uma lição: “Aprendemos da pior forma possível, mas que tenham ficado as lições. Nesses dias ainda conturbados que a gente vive, de operação policial, efetivamente é um divisor de águas: antes do Tim e depois”. Roberto Kovalick também dividiu o sentimento de surpresa: “Antes do Tim Lopes, a gente se sentia como o Super-Homem. A gente acreditava que nada, jamais, aconteceria conosco.” O jornalista Renato Ribeiro também se surpreendeu com a crueldade do crime: “Eu acho que o resultado mostrou que na verdade o poder da bandidagem, dessa violência instalada no Rio de Janeiro, era muito mais cruel do que a gente imaginava.”

Para o historiador e sociólogo E.J.Hobsbawm, essa violência dos criminosos é necessária para a imagem do bandido social. Segundo o autor,

Matar e agir com violência faz parte da imagem do bandido social. Não há razão para esperarmos que, como grupo, ajam de conformidade com os padrões morais. (...) O terror faz parte da imagem pública. São heróis, não a despeito do medo e horror que inspiram suas ações, mas por causa deles. São (...) vingadores e aplicadores da força, não são vistos como agentes da Justiça, e sim como homens que provam que até mesmo os fracos e pobres podem ser terríveis. (HOBBSAWM *apud* AMORIM, 2011, p.171-172)

O fotógrafo Rogério Reis declarou que o assassinato de Tim Lopes foi prova substancial de que essa atitude audaciosa dos jornalistas não poderia mais existir e lembrou que Rosenthal Calmon Alves, ex-editor executivo do Jornal do Brasil, começou a dar workshops para espalhar a ideia de que os jornalistas do Rio tinham que ser treinados da mesma maneira que os correspondentes de guerra (JAGUARIBE, 2009).

O jornalista Ali Kamel, lembrou como eram feitas as coberturas jornalísticas em favelas antes do assassinato de Tim Lopes:

[...] quando eu comecei na profissão, na Rádio Jornal do Brasil, em 1982 ou 83, houve um deslizamento de terra no Pavão-Pavãozinho e eu fui mandado cobrir, era ‘foca’. E quando eu subi o morro tinha homens armados e aquilo me chocou muito. Quando eu voltei à redação e contei que havia homens armados me trataram como um foca: ‘Ah que novidade, homens armados na favela’. Eu só conto isso pra demonstrar que a gente via com naturalidade, os jornalistas brasileiros viam com naturalidade o fato de que traficantes andavam armados na favela e que não nos faziam mal. A editora disse: ‘Vai lá e faz só a matéria do desabamento, do deslizamento com 18 mortos. Homem armado na favela: isso não é novidade.’ Então, isso foi um erro nosso. Porque a gente naturalizou algo que era absolutamente inaceitável.<sup>20</sup>

A Rede Globo, cujos telejornais serão analisados nesse trabalho, mudou a maneira de tratar as favelas cariocas depois da morte do jornalista Tim Lopes. Por causa da morte brutal de um colega de trabalho, muitos jornalistas desenvolveram uma relação emocional com o Complexo do Alemão, uma relação de ressentimento e medo, que acabou sendo transmitida

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

para as matérias. Além disso, um novo posicionamento da direção da emissora começou a tratar o Alemão como área de risco, o que causou um distanciamento entre os jornalistas e as comunidades do Rio de Janeiro, como destacou a jornalista Ana Paula Araújo em seu depoimento:

Isso mudou muito a política aqui da Globo para os jornalistas que vão pra áreas de risco. Qualquer matéria que tivesse a ver com favela dominada pelo tráfico - que na época eram todas, bem antes da história das UPPs - a gente tinha que fazer imagens de longe, em algum ponto seguro, marcar com as pessoas - os moradores da favela - fora das comunidades, numa área em que a gente pudesse entrevistar. E pra gente foi muito ruim, porque a gente quer poder entrar nos lugares, a gente quer ir a todas as comunidades e favelas e bairros e todos os lugares do Rio de Janeiro, mas a gente enfrentou durante muito tempo essa limitação, que continua um pouco até hoje, até hoje há lugares em que a gente não consegue entrar e para fazer matéria é muito difícil.<sup>21</sup>

Antes das Unidades de Polícia Pacificadoras, o único modo de entrar em uma favela com uma equipe de filmagem era pedindo autorização ao tráfico. Os jornalistas não falavam diretamente com os traficantes, mas ligavam para as associações de moradores, que sempre pediam um tempo para pedir autorização. Os produtores tinham, então, que explicar a pauta, que era sempre avaliada pelos traficantes. Se a presença da equipe fosse autorizada, ela seria acompanhada pelo presidente da associação ou um representante. O repórter André Luiz Azevedo disse no vídeo que até mesmo esse procedimento, considerado “seguro”, acabou com a morte de Tim Lopes: “Claramente, a gente decidiu que a partir daquele momento, nós não negociaríamos, não faríamos acordo com o tráfico para ter acesso a regiões do Rio de Janeiro. Antes, quem diz que não fez acordo, que não negociou com o tráfico ou nunca entrou em favela, está mentindo.”

O jornalista Carlos Henrique Schroder garantiu que a orientação segue até os dias de hoje, 11 anos após a morte de Tim Lopes:

A orientação tem sido clara: risco zero. Não precisamos ter heróis mortos aqui dentro, não devemos ter. Acho que o exemplo do Tim foi muito claro pra gente. Então, se existe risco, a gente não deve ir. [...] Se houver risco a gente não vai. Pode até perder a pauta, pode até perder o assunto. [...] Então a gente passou a fazer uma cobertura menor? Passou. E a gente fez uma reavaliação também de matéria de polícia, de violência durante a madrugada. Potencializar essas situações em que a gente servia muito de coluna social de bandido?<sup>22</sup>

Como pode-se perceber através desse depoimento, após o assassinato de Tim Lopes, os moradores de favela perderam espaço nos telejornais. Mesmo se a pauta fosse um assunto não relacionado à violência, como educação, saúde e serviços da prefeitura, não poderia ser

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>22</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

realizada por causa do tráfico. Os moradores perderam também o poder de denúncia, já que os jornalistas não poderiam ir até as favelas para apurar o caso. Isso fez com que a violência, as operações policiais e a guerra entre facções dominassem ainda mais os noticiários quando o assunto era as favelas, já que a violência causa mortes que não podem ser ignoradas pela mídia. Villaça (2011) destacou que é uma ironia que a morte do jornalista, que foi criado no Morro da Mangueira e lutou para inserir as comunidades pobres na pauta dos grandes veículos, tenha sido esse divisor de águas.

Os jornalistas da TV Globo começaram também a repensar o tratamento e a linguagem dada a reportagens sobre o tráfico de drogas. O jornalista Cesar Seabra destacou que, muitas vezes, o modo de chamar os traficantes acabava criando uma aura de poder em torno deles: “É legal ressaltar a questão do não endeusamento desses caras, de não tratar ‘Mais uma ação criminosa ousada’, ‘o líder dos bandidos’, ‘o líder do tráfico do morro tal’... O tráfico não tem líder nenhum, entendeu? Tem um bandido lá que chefia de alguma forma”.<sup>23</sup>

O fotógrafo Rogério Reis também ressaltou que, nesse momento pós-Tim Lopes, a mídia está cada vez mais atenta para a origem das notícias e suas consequências sociais. Quando ele próprio edita e escolhe fotos, procura evitar as tentativas gratuitas de ganhar visibilidade midiática (JAGUARIBE, 2009). Essa tentativa de chamar a atenção da mídia não é novidade entre os traficantes cariocas. Segundo Amorim (2011), os próprios membros do Comando Vermelho entravam em contato com a mídia para dar suas versões dos fatos. O autor relatou até o caso do criminoso José Carlos Gregório, o Gordo, que ocupava a tarefa de “relações públicas” da facção. Gordo conhecia muitos jornalistas e chegava até a telefonar para a redação dos jornais confirmando ou desmentindo uma notícia que envolvesse o Comando Vermelho. Para Leeds (2006), foi graças à imprensa que os chefes do CV se tornaram figuras populares e assumiram papéis heroicos entre os favelados.

Assim, pode-se concluir que o assassinato de Tim Lopes causou um afastamento significativo entre os jornalistas da maior emissora de televisão do país e os moradores do Complexo do Alemão. Como a morte do jornalista afetou toda a categoria, muitos outros veículos também passaram a ser mais cautelosos durante coberturas em favelas. Além disso, a TV Globo passou a evitar termos que fizessem com que os traficantes se tornassem celebridades em suas comunidades. Durante a cobertura da ocupação da Vila Cruzeiro, em 2010, essa mágoa causada pela morte de Tim Lopes vai ser percebida no momento em que os

---

<sup>23</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

policiais ocupam a Vila Cruzeiro e, também, durante a prisão do traficante Zeu, que estava envolvido na morte do jornalista.

## 2.4 A derrubada do helicóptero no Morro dos Macacos

Em outubro de 2009, o Rio de Janeiro ficou em evidência nos noticiários internacionais, porque foi escolhido para ser a cidade sede das Olimpíadas de 2016. Foi a primeira vez que uma cidade da América Latina ganhou o concurso para sediar o evento e o clima era de alegria. Uma grande festa na Praia de Copacabana celebrou o anúncio da vitória do Rio, mas a euforia durou pouco. Apenas duas semanas depois, o poderio bélico do Comando Vermelho e as consequências da guerra entre facções no Rio de Janeiro chocaram novamente os cariocas e, dessa vez, o mundo, que tinha os olhos voltados para o Rio. Em uma tentativa de invasão ao Morro dos Macacos, em Vila Isabel, controlado pela facção Amigos dos Amigos, ADA, traficantes do CV abateram um helicóptero da Polícia Militar, deixando três policiais mortos e três feridos. Uma matéria do jornal americano The New York Times, destacou que a derrubada aconteceu a apenas uma milha (1.609 km) de distância do estádio do Maracanã, o maior símbolo do esporte brasileiro.<sup>24</sup> No jornal britânico The Guardian, a manchete deu destaque para os grandes eventos que o Rio vai sediar: “Cidade-sede da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016 abalada pela violência enquanto senhores da guerra batalham pelo controle do tráfico de cocaína”<sup>25</sup>.

Os responsáveis pelo ataque foram identificados como Fabiano Atanásio da Silva, o FB, e Leandro Domingos Berçot, o Lacoste. O Disque-Denúncia chegou a oferecer R\$ 10 mil de recompensa por informações sobre o paradeiro de FB, que foi preso em São Paulo, em janeiro de 2012<sup>26</sup>. Ele era apontado como chefe do tráfico de drogas da Vila Cruzeiro, região que já tinha grande importância estratégica para o Comando Vermelho. Segundo a Secretaria de Segurança do RJ, “FB foi um dos principais protagonistas de uma onda de ataques a vários pontos do Rio, culminando com a tomada das Forças Policiais ao Complexo do Alemão, em novembro de 2010”<sup>27</sup>. Para derrubar o helicóptero, os traficantes teriam usado metralhadoras calibre.30 ou .50, ou então fuzis 7.62.

---

<sup>24</sup> Disponível em: [http://www.nytimes.com/2009/10/21/world/americas/21rio.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2009/10/21/world/americas/21rio.html?_r=0) Acesso: 26 set. 2013

<sup>25</sup> Tradução da autora. Trecho original: “*Host city of the 2014 World Cup and 2016 Olympics shaken by violence as warlords battle for control of the cocaine trade*”. Disponível em:

<http://www.theguardian.com/world/2009/oct/17/rio-favela-violence-helicopter> Acesso: 26 set. 2013

<sup>26</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01/traficante-fb-e-presos-em-sao-paulo-por-policiais-do-rio.html> Acesso 12 set. 2013

<sup>27</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01/fb-confessou-ter-comandado-fuga-de-trafficantes-do-alemao-diz-policia.html> Acesso 12 set. 2013

Dois dias após a derrubada do helicóptero, um vídeo<sup>28</sup> foi postado no youtube, cantando a vitória do Comando Vermelho. A música seria de um Mc Alexandre e mistura trechos de matérias jornalísticas com a letra: “Quem manda é nós do poder paralelo / De 762 e aqui tá de tripé / A blazer passa mal e o caveirão volta de ré”. O vídeo, que teve mais 18 mil visualizações, mostra, em imagens, um balanço das armas usadas na invasão dos traficantes e entre elas estariam: 58 fuzis 7.62, 8 metralhadoras .30 e 4 metralhadoras .50, todas armas capazes de derrubar helicópteros.

Apesar do armamento impressionante e da grande repercussão que a queda do helicóptero causou no Brasil e no exterior, o perigo de sobrevoar os morros do Rio não era novidade entre os policiais e essa não foi a primeira vez que uma aeronave da polícia foi abatida:

[...] os helicópteros da polícia evitam sobrevoar determinado ponto do Morro do Borel porque podem ser abatidos pelo fogo das metralhadoras pesadas. Os pilotos da Líder Táxis Aéreos recebem ordens de não sobrevoar nenhuma favela pelo mesmo motivo.

E não é à toa. No Morro do Juramento, um helicóptero da polícia foi abatido. Toda a tripulação morreu. (AMORIM, 2011, p.18)

O acidente no Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho, aconteceu na década de 80 e foi pouco lembrado durante o ataque no Morro dos Macacos. O jornalista da Rede Globo, Erick Brêtas, relembrou o ataque no Morro dos Macacos para justificar a apreensão e o medo que os traficantes do Comando Vermelho inspiravam na população:

Traficantes que são capazes de derrubar um helicóptero da Polícia Militar, né, achava-se que eles fossem ficar encastelados ali no Alemão de uma maneira muito mais renitente do que acabou sendo. Tinha o medo de que um grande banho de sangue acontecesse. Antes de acontecer, a gente imaginava que a ocupação do Alemão ia ser o Dia D da segurança pública do Rio de Janeiro.<sup>29</sup>

Como pode-se perceber pelo acidente no Morro do Juramento nos anos 80, o Rio de Janeiro está, desde essa época, diariamente sujeito à violência. Mas, com a iminência da realização de grandes eventos e com os noticiários internacionais voltados para a cidade, a derrubada do helicóptero teve grande repercussão e acabou com o clima de comemoração. Segundo Jaguaribe, “momentaneamente, a violência esvaziou a celebração e gerou um clima de forte incerteza e dúvidas” (JAGUARIBE, 2011, p.328). Mas, como a cidade do Rio de Janeiro tinha firmado um compromisso internacional, esse clima de incerteza tinha que ser extinguido. Para isso, o governo apostou na nova política da ocupação permanente das favelas, como explica Jaguaribe (2011):

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=y2mYFqOKo8M> Acesso: 5 de set. de 2013.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao.htm> Acesso: 12 set. 2013.



[...] desta vez, ao invés da habitual troca de acusações ou de operações morosas, a resposta foi deslanchar a ação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPS) em várias favelas cariocas. A mensagem estava dada. As autoridades governamentais visaram ocupar territorialmente as favelas não apenas com medidas repressivas, mas também como parte de uma vasta agenda de modificações urbanas (JAGUARIBE, 2011, p. 328)<sup>30</sup>.

Com o intuito de conquistar o concurso para ser a cidade-sede das Olimpíadas, o governo tinha investido no processo de branding para vender o Rio como uma cidade merecedora de receber recursos, investimentos e turistas. Os pontos motivadores para a escolha da “cidade maravilhosa”, como a beleza natural, a cultura popular vibrante, a riqueza histórica de uma cidade que já foi capital do país e o atrativo turístico, contrastavam com os altos índices de violência alavancados pela guerra do tráfico. Para amenizar esse ponto negativo, o governo do estado e a prefeitura investiram suas forças nas Unidades de Polícia Pacificadora, que em outubro de 2009 eram apenas quatro em toda a cidade: no Morro Santa Marta, na Cidade de Deus, no Batan e uma para as comunidades Babilônia e Chapéu Mangueira.

## **2.5 A Unidade de Polícia Pacificadora - UPP**

Esse estudo só é possível devido à política das Unidades de Polícia Pacificadora aplicadas em algumas favelas do Rio de Janeiro a partir de 2008. Se não fosse a presença da UPP no Complexo do Alemão, não seria seguro gravar uma novela com imagens filmadas no conjunto de favelas.

A Unidade de Polícia Pacificadora é definida pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro como “uma pequena força da Polícia Militar com atuação exclusiva em uma ou mais comunidades, numa região urbana que tem sua área definida por lei”<sup>31</sup>. Cada UPP tem sua própria sede, comandada por um oficial comandante. Além do fato de estar dentro de uma favela, a grande diferença entre as UPPs e os batalhões da Polícia Militar é o efetivo. Cada unidade conta com um time de policiais recém-formados. Esses policiais são treinados especialmente para aplicar um novo conceito de policiamento:

As UPPs trabalham com os princípios da polícia de proximidade, um conceito que vai além da polícia comunitária e que tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de segurança pública. A atuação da polícia pacificadora, pautada pelo diálogo e pelo respeito à cultura e às características de cada comunidade, aumenta a interlocução e favorece o surgimento de lideranças comunitárias.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9054>. Acesso em: 27 set. 2013.

<sup>31</sup> Disponível em: [http://www.upprj.com/index.php/o\\_que\\_e\\_upp](http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp) Acesso: 12 set. 2013

<sup>32</sup> Disponível em: [http://www.upprj.com/index.php/o\\_que\\_e\\_upp](http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp) Acesso: 19 set. 2013

A rotina constante de operações policiais nas favelas cariocas e da guerra entre traficantes e policiais fizeram com que muitos moradores de favelas desenvolvessem uma relação de desconfiança e aversão à polícia. Em muitos casos, os policiais que trabalham no batalhão da área acabam sendo conhecidos pelos moradores que os relacionam a eventos violentos e de sofrimento. Por isso, a convivência diária entre policiais antigos e moradores não seria viável. Além disso, policiais que estão na corporação há mais tempo e são treinados para trabalhar em operações policiais têm uma conduta mais violenta que não condiz com a política das UPPs. Foi pensando nesses fatores que os responsáveis pela formação dos contingentes das Unidades de Polícia Pacificadora resolveram criar turmas específicas para esse trabalho. Além disso, a “Polícia Militar criou um banco de talentos para identificar policiais com formação em outras áreas de conhecimento, que possam agregar mais qualidade ao serviço prestado às comunidades”<sup>33</sup>. Esse contato com a população é a essência das UPPs. Segundo De Lima,

As UPPs trabalham com os princípios da polícia comunitária, que é um conceito e uma estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de segurança pública. O governo do Rio está investindo R\$ 15 milhões na qualificação da Academia de Polícia para que, até 2016, sejam formados cerca de 60 mil policiais no Estado. (DE LIMA, 2012, p.14)

A primeira Unidade de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro foi inaugurada no dia 19 de dezembro de 2008, em Botafogo, na Zona Sul da cidade. Escolhida para ser a primeira favela contemplada, a favela Santa Marta é tratada até hoje como unidade-modelo do projeto. O Morro Dona Marta foi controlado pelo Comando Vermelho durante muitos anos, sendo um dos locais mais estratégicos para os traficantes por se localizar na área nobre da cidade. Apesar da entrada da favela ser em frente ao 2º Batalhão da Polícia Militar, os policiais não tinham “autorização” do tráfico para entrar na favela, então, a polícia só subia o morro através de operações policiais que contavam com um grande contingente e que geralmente resultavam em tiroteios e mortes.

Com cerca de 4 mil habitantes, o Morro Dona Marta conta com 123 policiais militares que fazem parte da UPP. Ao longo dos anos, o projeto se espalhou pelo Rio de Janeiro e até novembro de 2013 já havia 34 Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas do estado com um efetivo de 8.592 policiais. A previsão é de que até 2014, esses números subam para 40 UPPs e 12.500 policiais. Segundo dados oficiais, as UPPs em operação abrangem 226 territórios e beneficiam mais de 1,5 milhão de pessoas das áreas pacificadas<sup>34</sup>. Segundo De

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/historico> Acesso: 12 set. 2013

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www.upprj.com> Acesso: 03 nov. 2013

Lima, “as UPPs representam uma importante arma do Governo do Estado e da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro para recuperar territórios perdidos para o tráfico e levar a inclusão social à parcela mais carente da população”. (DE LIMA, 2012, p. 14) Com esse novo modelo, o objetivo principal é a paz nas comunidades contempladas.

Segundo a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, o modelo das UPPs foi inspirado em uma experiência bem-sucedida na área de Segurança Pública em Medellín, na Colômbia. Mas, no caso do Complexo do Alemão, que contou com apoio de forças militares, houve também influência de técnicas usadas por oficiais do exército durante a Missão de Estabilidade das Nações Unidas no Haiti:

[...] foi em Port au Prince, após o bem sucedido investimento nos três grandes bastiões da criminalidade (Cité Soleil, Cité Militaire e Bel Air) durante a fase de pacificação, que efetivos de valor Campanha de Infantaria foram desdobrados no terreno em regiões críticas, criando o que hoje no Rio de Janeiro está sendo identificado como Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Por um dever de justiça, é preciso reconhecer que este conceito foi originalmente materializado, com pleno êxito, no Contingente Brasileiro no Haiti. (DE LIMA, 2012, p. 9)

Porém, antes de implementar as Unidades de Polícia Pacificadoras é preciso entrar nas comunidades controladas pelo tráfico de drogas. Não apenas entrar, mas expulsar os traficantes e garantir que eles não retornem para suas casas. Para fazer essa parte da tarefa, chamada pela Secretaria de Segurança e pela mídia de “ocupação”, a secretaria utilizou policiais muito diferentes dos citados acima. Carro-chefe das forças de segurança do Rio de Janeiro e conhecido como a “tropa de elite”, o Batalhão de Operações Policiais Especiais, o Bope, é o primeiro a entrar nas favelas quando uma operação para implantação de uma UPP é iniciada. Apesar de ser considerado fundamental no esquema planejado pela Secretaria de Segurança, esse departamento da polícia carioca tem uma filosofia completamente contraditória ao das UPPs, uma filosofia de guerra que os favelados cariocas já conhecem há mais de 40 anos:

O embrião do BOPE - o Núcleo da Companhia de Operações Especiais da PMERJ - foi criado em 19 de janeiro de 1978, sob inspiração do então capitão PM Paulo César Amêndola de Souza, mas apenas em 1991 foi batizado com o nome atual. O BOPE não foi preparado para enfrentar os desafios da segurança pública. Foi concebido e adestrado para ser máquina de guerra. Não foi treinado para lidar com cidadãos e controlar infratores, mas para invadir territórios inimigos. (SOARES et al, 2011, p.8)

O “hino” da corporação, cantado durante os exercícios diários pelos soldados do Bope ajuda a dar a dimensão da violência adotada pelo batalhão. Usando expressões como “maldito cão de guerra” e “mensageiro da morte”, o hino expõe a estratégia do Bope de causar medo nos inimigos. A música traz ameaças de morte como “trago a morte e o desespero e a total destruição”, “posso provar que sou forte, isso se você viver” e “sou treinado para matar /

mesmo que custe a minha vida, / a missão será cumprida, / seja ela onde for / espalhando / a violência, a morte e o terror”. A violência da Tropa de Elite carioca está destinada às favelas, como percebe-se pelo trecho da música: “Vou me infiltrar na favela / com meu fuzil na mão, / vou combater o inimigo, / provocar destruição” (SOARES et al, 2011, p.10).

Com o objetivo de enfrentar o maior número de traficantes possível, esses policiais entram nas favelas que receberão uma UPP e permanecem por algumas semanas na fase chamada “ocupação”. Geralmente um dia antes da operação, o governo anuncia que o Bope vai subir a favela. Essa política tira a surpresa da ação e permite que alguns traficantes fujam para outras comunidades. Essa ação foi muito criticada pela mídia, mas o governo defende que ela evita mortes, já que diminui o confronto. Segundo o governo, o objetivo não é colocar os moradores no fogo cruzado entre traficantes e policiais. Mesmo assim, são os “caveiras”, como são conhecidos os policiais do Bope, que são mandados para as favelas no primeiro momento. O comportamento deles também destoa da conduta imposta aos soldados da brigada de infantaria que formaram a força de pacificação no Complexo do Alemão em 2010. Alguns códigos de conduta ilustram essa diferença, como “nenhum cidadão deverá ser considerado ou tratado como inimigo” (DE LIMA, 2012, p.35), “a população deverá ser tratada com urbanidade e respeito” (DE LIMA, 2012, p.36) e buscar “estabelecer um vínculo de respeito mútuo entre a tropa e a população local, fazendo o uso de expressões básicas da boa educação: bom dia, boa tarde, boa noite, por favor, com licença, conte conosco” (DE LIMA, 2012, p.86).

Com o anúncio de que o Rio de Janeiro seria a cidade-sede de grandes eventos como a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude em 2013, a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, o governo do estado priorizou pacificar favelas que estivessem próximas aos locais dos eventos. A intenção inicial era criar um “cinturão de segurança” no entorno do estádio do Maracanã que seguisse até a Barra da Tijuca, onde grande parte dos jogos das Olimpíadas acontecerão. Uma matéria do jornal O Globo, de junho de 2011<sup>35</sup>, mostra como a escolha das comunidades ocupadas foi pautada pelos grandes eventos esportivos que o Rio vai receber:

A ocupação da Mangueira, realizada no domingo por cerca de 750 policiais civis e militares, com o apoio das Forças Armadas, abre espaço para o fechamento do cinturão de segurança em torno do palco principal da Copa do Mundo de 2014: o Maracanã. O mapa da cidade, no entanto, ainda traz pontos vulneráveis no caminho dos grandes eventos esportivos que se aproximam do Rio. Para a Copa, o Complexo da Maré é o último grande obstáculo: ocupado por traficantes, margeia a Linha Vermelha, principal ligação com o Aeroporto Tom Jobim. Para as Olimpíadas de

---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ocupacao-da-mangueira-fecha-cinturao-em-torno-do-maracana-mare-desafio-2873566> Acesso: 30 set. 2013

2016, há desafios pendentes como a Rocinha e o Vidigal, no meio do caminho entre a Zona Sul e a Barra, regiões que abrigarão provas dos Jogos.<sup>36</sup>

As UPPs possibilitaram que as favelas se aproveitassem de uma grande fonte de renda da cidade: o turismo. Com a segurança garantida por policiais a postos 24 horas por dia, se tornou razoável fazer o *favela tour*, que transforma a favela em uma espécie de “museu a céu aberto”. Em jipes com ares de safari, os turistas de bermudas e com protetor solar no rosto podem visitar a miséria das favelas cariocas, apreciar uma boa vista de cima dos morros e ter um gostinho de aventura e uma prova do exótico que o Rio de Janeiro oferece. Segundo Jaguaribe, as favelas cariocas se tornaram ícones no imaginário global: “Há tanto o fascínio e o horror frente aos imaginários da favela violenta e desregrada quanto o fascínio e o glamour da favela “comunidade” estilizada ou autêntica. As favelas cariocas tornaram-se, portanto, um trademark da própria cidade do Rio de Janeiro” (JAGUARIBE, 2011, p. 343)<sup>37</sup>. Aproveitando-se desse fascínio, os projetos sociais e de segurança da prefeitura do Rio e do governo do estado dão a oportunidade para que esse imaginário seja explorado, transformando-se em mais um atrativo turístico para a cidade, constituindo “uma parte estratégica da promoção da imagem do Rio de Janeiro atrelada à favela” (JAGUARIBE, 2011).

Essa estratégia governamental reinventa a cidade integrada, repaginando o estigma da “cidade partida”, segundo o qual a cidade não vai até a favela e a favela não vai até a cidade. Ao contrário das políticas de erradicação das favelas, os projetos sociais atuais valorizam a imagem da favela para melhor integrar o ideário de “cidade maravilhosa”. Essa valorização da favela será vista mais adiante no capítulo sobre a novela *Salve Jorge*.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ocupacao-da-mangueira-fecha-cinturao-em-torno-do-maracana-mare-desafio-2873566> Acesso: 30 set. 2013

<sup>37</sup> Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9054>. Acesso em: 27 set. 2013.

### 3. O COMPLEXO DO ALEMÃO NOS TELEJORNAIS

A morte do jornalista Tim Lopes na Vila Cruzeiro mudou o modo como os jornalistas, principalmente da Rede Globo, viam o Complexo do Alemão e o retratavam. A partir da reportagem feita pelo próprio Tim Lopes, algumas matérias sobre o Complexo do Alemão serão analisadas com o intuito de extrair que tipo de imagem da favela era construída pela mídia. Começando por uma tentativa fracassada de ocupação, em 2007, será feita a leitura crítica das coberturas televisivas dos telejornais da Rede Globo, analisando a transmissão das ocupações dos conjuntos de favelas da Penha e do Alemão e a tentativa de mobilização social. Nesses telejornais serão identificadas estratégias que podem ser descritas como: o apelo à veracidade baseada na linguagem realista da filmagem; o uso do recurso melodramático para ativar a empatia do espectador; o reforço dos mecanismos de combate ao crime por meio do Disque-Denúncia que coloca a ação do cidadão anônimo como ajudante da polícia; e o uso do ao vivo que dá ao telespectador a impressão de viver aquela história.

#### 3.1 A Feira das Drogas

O Complexo do Alemão sempre esteve na mídia, principalmente, em um contexto de violência e tráfico de drogas. Em 2001, as três reportagens que formam a série *Feira das Drogas*, produzidas por Tim Lopes, denunciaram a venda de drogas em plena luz do dia e o forte armamento dos traficantes.

A primeira matéria da série abriu o Jornal Nacional em agosto de 2001<sup>38</sup>. Na cabeça que chama a reportagem William Bonner usa a expressão “território sem lei” para se referir ao Complexo do Alemão. Ele ressalta o absurdo da feira livre de drogas, o armamento pesado dos traficantes e como os moradores eram obrigados a conviver com essa rotina: “Como numa feira livre, traficantes vendem drogas no meio da rua num conjunto de 12 comunidades do Rio. Andam armados entre os 60 mil moradores. Sem serem incomodados pela polícia.” O repórter Flavio Fachel<sup>39</sup> introduz a matéria lembrando o público de que o Alemão não é tão distante assim e o localiza para os moradores do Rio: “São 12 comunidades que ficam a menos de 15 minutos do Centro do Rio.” Essa informação é essencial, porque contrasta com o absurdo dos flagrantes das imagens e faz o telespectador se perguntar como a polícia pode estar tão ausente em um território que fica a apenas 15 minutos do centro do Rio. Em seguida,

---

<sup>38</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>39</sup> O repórter Flávio Fachel gravou o texto e a passagem das matérias, já que Tim Lopes, como repórter investigativo, evitava aparecer no vídeo, não podendo, portanto, ser reconhecido pelo público.

ele explica que a equipe usou uma câmera escondida para fazer imagens de uma feira ilegal e que este é o resultado de uma semana de investigações. Essa informação dá a entender que a equipe teve dificuldade para gravar a ação dos traficantes, mas, logo em seguida, as imagens mostram criminosos que não estavam com medo de serem flagrados e o repórter complementa: “Em frente ao supermercado, à luz do dia, traficantes de drogas disputam compradores. Aos berros”<sup>40</sup>.

Em seguida, o telespectador pode ouvir e ver os traficantes negociando as drogas. Os gritos de “Maconha de 2”, “Pó de 15”, “Pó de 5” encham a tela. Em tom de ironia e incredulidade, o repórter diz que os traficantes anunciam ofertas como num mercado público e “fazem propaganda”. Em seguida, as vozes dos traficantes comprovam a informação: “Promoção no pó de 5” e “Pó de 15, vem cheirar o pó bom da Grotal!”<sup>41</sup> As imagens mostram crianças com cigarros de maconha, uma fila de compradores de cocaína, o consumo da droga no local e homens armados com pistolas e fuzis. Isso tudo em uma rua movimentada com supermercado, farmácia e outros comércios. A matéria mostra como a venda de drogas está banalizada na região. Na reportagem, um dado importante e assustador: segundo um relatório da Polícia Federal, uma tropa de 150 homens armados com fuzis, metralhadoras e granadas faziam a segurança dos pontos de venda de drogas no Complexo do Alemão. Com esse esquema, o tráfico vendia todos os meses no Rio de Janeiro duas toneladas e meia de cocaína e cinco toneladas e meia de maconha.

Através dessa matéria percebe-se também que a ocupação do Complexo do Alemão pela polícia não é uma ideia nova. E uma das cenas mais emblemáticas da ocupação em 2010 – o hasteamento das bandeiras do Rio de Janeiro e do Brasil – também não é novidade: “No início do ano, a Polícia Militar do Rio, numa operação com quase 700 homens decidiu ocupar as favelas do Conjunto do Alemão. Como nas batalhas de guerra, os pênies fincaram uma bandeira do batalhão no ponto mais alto do morro.”<sup>42</sup> Mas, a presença dos policiais não durou e em agosto de 2001 só 20 policiais se revezavam para cuidar da bandeira do Batalhão de Operações Especiais. Pelo texto do repórter, a impressão é de que falta pouco para que esses policiais também abandonem o Alemão. O tom final da reportagem é de cobrança em relação à ausência da polícia: “Sem repressão, o tráfico tomou conta das ruas das favelas. Agora,

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lobes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>41</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lobes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>42</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lobes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

existe um traficante armado para cada ponto de venda de drogas. E a sensação de que aqui a lei não vale. Só a polícia ainda não conseguiu identificar a feira ilegal de drogas no Conjunto do Alemão”<sup>43</sup>.

O foco principal é mostrar como os traficantes não têm medo, não se escondem, reforçando a imagem de um território deslocado do Rio de Janeiro, onde tudo é possível. A matéria passa a imagem de um morador habituado à presença dos traficantes. O texto faz questão de ressaltar que toda a ação gravada aconteceu à luz do dia e que não há policiamento. Na última frase, em tom irônico, o repórter critica a atuação da polícia. A cabeça de William Bonner, introduzindo a matéria, também termina com uma crítica à polícia e um apelo à segurança dos moradores. A abordagem do *Jornal Nacional* é o descaso da segurança pública com os moradores do Alemão. O resultado final foi mostrar o Alemão como um território sem lei, que não está inserido no Rio de Janeiro.

### 3.2 A tentativa de ocupação em 2007

Em 2007, uma guerra entre facções criminosas voltou a colocar o Alemão em evidência. Uma matéria da repórter Bette Lucchese, exibida no Fantástico no dia 24 de junho desse ano<sup>44</sup>, mostrou o drama vivido pelos moradores da região, principalmente as crianças, que tiveram as aulas canceladas. Com imagens de redações feitas pelos estudantes da região e sonoras de professores, que não quiseram mostrar os rostos, a reportagem apela para o emocional e trabalha, principalmente, o sentimento de pânico dos moradores. Como foi exibida no Fantástico, programa líder de audiência aos domingos e que passa em rede nacional, esse exemplo mostra a qual imagem do Complexo do Alemão os brasileiros tinham acesso na época.

Pedro Bial, que apresentava o programa em 2007, usa expressões como “fogo cruzado” e “guerra” para chamar a matéria: “Há quase dois meses, os moradores das favelas do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, vivem em meio a um fogo cruzado entre policiais e traficantes.”<sup>45</sup> No meio da cabeça, uma pausa com imagens de tiroteio e sobe som de tiros introduz o tom cinematográfico. Depois, Pedro Bial continua: “Nessa guerra, nem as escolas estão à salvo”.

---

<sup>43</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>44</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=-4mJdnVyKc4&list=PLBF1AB827F74B58D3> Acesso: 18 set. 2013

<sup>45</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=-4mJdnVyKc4&list=PLBF1AB827F74B58D3> Acesso: 18 set. 2013



A reportagem começa com a narração de um menino que lê um trecho de uma redação escolar: “As famílias do bairro da Penha, no Rio de Janeiro, se preparavam para dormir, quando de repente ouvem-se fogos, rajadas e estrondos. Ninguém dorme assustado com tal barulho.” A escolha de usar uma voz de criança para ler a redação deixa clara a proposta de levar a reportagem para o lado emocional, porque lembra o telespectador de que foi uma criança que escreveu palavras tão sofridas e dramáticas. Não fica claro se o narrador é morador do Alemão, mas para o telespectador a impressão de que é a própria criança que escreveu a redação quem está lendo aquelas palavras dá a carga dramática necessária para prender a atenção.

Entre os trechos lidos pelo menino, sons de tiros podem ser ouvidos. Os professores da escola local que dão entrevista estão cobertos e têm a voz disfarçada. Assim, a imagem dos moradores do Complexo do Alemão passada pela reportagem é de pessoas acuadas, com medo, crianças que não vão à escola por causa de tiroteios, além de professores e moradores traumatizados e com crises de pânico. Na passagem, a repórter Bette Lucchese mostra como o perigo é real: “São mais de 50 dias de confronto. Aqui não existe uma zona neutra. Os tiroteios acontecem em qualquer lugar, a qualquer hora e as balas perdidas também atingem o espaço da educação. Neste muro de uma escola pública, marcas de tiros de fuzil.” Segundo Jaguaribe (2007), imagens de cartuchos descartados e buracos de bala da parede são recursos para expressar a violência através das marcas que ela deixa no ambiente.

Essa reportagem segue num caminho contrário à matéria *Feira das Drogas* exibida em 2001<sup>46</sup>, pelo Jornal Nacional. Enquanto nas imagens feitas pela câmera escondida em 2001 vê-se moradores que convivem com o tráfico como se isso fosse uma coisa normal, nessa reportagem do Fantástico eles revelam o pavor que essa convivência forçada causa e quais suas consequências nas pessoas e, principalmente, nas crianças. Uma professora chega a dizer: “É muito triste, mas a gente vê pessoas passarem armadas como se fosse uma coisa normal, como se fosse um instrumento de trabalho.”<sup>47</sup>

As consequências desse convívio com a violência, que na série *Feira das Drogas* não são exploradas, são mostradas pelo Fantástico e são fundamentais na tentativa de fazer o telespectador se identificar com o morador da favela. O morador da classe média jamais compreenderia uma pessoa que não sente medo durante tiroteios, que vê drogas e fuzis como uma paisagem natural, mas pode se identificar rapidamente com pessoas que sofrem com essa

---

<sup>46</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=-4mJdnVyKc4&list=PLBF1AB827F74B58D3> Acesso: 18 set. 2013

realidade e têm problemas psicológicos causados por ela, como é o caso de professores e alunos que aparecem na reportagem.

Em junho de 2007, a situação da violência nos complexos da Penha e do Alemão ficou insustentável. No dia 27, três dias após a exibição dessa reportagem no Fantástico, mais de 1.300 homens da polícia, com o apoio da Força Nacional, fizeram uma megaoperação no conjunto de favelas. O resultado da ação foi um saldo de 19 mortes, como foi mostrado pelo RJTV em uma reportagem de Gabriela de Palhano<sup>48</sup>. Porém, a Força Nacional ocupou somente os acessos ao conjunto de favelas com o intuito de evitar que os traficantes recebessem reforço de armas ou bandidos e não podia circular livremente pelas comunidades. A repórter Gabriela de Palhano usou a expressão “QG dos bandidos” para indicar o ponto mais alto do conjunto de favelas do Alemão. Nessa tentativa de ocupação, os traficantes mostraram resistência:

Os traficantes reagiram com violência. A polícia levou carros blindados e uma retroescavadeira usada para destruir as barricadas dos traficantes. Os bandidos usaram também um caminhão para bloquear uma rua, mas as tropas policiais ultrapassaram os obstáculos e depois de cinco horas de combates chegaram ao objetivo: o esconderijo dos bandidos e também local do arsenal.<sup>49</sup>

Em comparação com a ocupação do Complexo do Alemão em 2010, a tentativa de encontrar o Quartel-General dos traficantes em 2007 foi um fracasso. Na reportagem, o chefe de Polícia Civil confirma que os policiais deixaram a favela após a operação, ao contrário do que foi feito em 2010. Gilberto Ribeiro chega a dizer que a polícia acredita que, a médio prazo, será possível viver de forma tranquila dentro das comunidades. Porém, uma nova tentativa de ocupação só vai acontecer três anos depois.

Governador do Rio de Janeiro há apenas 6 meses, Sérgio Cabral foi entrevistado no *RJTV* e respondeu sobre a saída da polícia. Nessa entrevista<sup>50</sup>, ele deu indícios de que já estudava implantar as Unidades de Polícia Pacificadora:

Nós não temos o efetivo suficiente. Uma operação como essa, envolvendo mais de mil policiais, é uma operação complexa, de planejamento. Nós vamos repetir essa operação em várias comunidades, vocês podem estar certos disso, mas sempre requerendo planejamento e estratégia. Agora, não vamos abandonar a comunidade. Nós manteremos policiais na comunidade que é outro segredo do êxito da Colômbia. A presença desses policiais nas ruas de acesso, isso inibe a compra e o consumo de drogas, a entrada de armas... Não que deixe de entrar ou deixe de sair, nós não temos 100% o controle, mas você gera uma inibição muito grande, muito radical e

---

<sup>48</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DTct2AMicuM&list=PLBF1AB827F74B58D3> Acesso: 18 set. 2013

<sup>49</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DTct2AMicuM&list=PLBF1AB827F74B58D3> Acesso: 18 set. 2013

<sup>50</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F8iNGivS-5Y> Acesso: 18 set. 2013

enfraquece. Nós estamos mantendo a operação e outras ações serão feitas, não só lá como em outros locais.<sup>51</sup>

### 3.3 Os ataques em novembro de 2010

Em novembro de 2010, a ocupação do Complexo do Alemão ainda não estava planejada. A estratégia da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro era pacificar outras favelas essenciais para o tráfico de drogas, enfraquecendo as facções criminosas, principalmente o Comando Vermelho. Mas, no final de 2010, a situação da violência no Rio de Janeiro fez com que a estratégia do governo estadual fosse questionada:

No final do ano de 2010, o Rio de Janeiro enfrentava gravíssimos problemas ligados à segurança pública. A população sofria com roubos de automóveis, arrastões, assaltos à ônibus, um grande número de latrocínios (roubos seguidos de morte), balas perdidas, tráfico de armas e de drogas. Os marginais ainda desafiavam as autoridades, fechando ruas e avenidas, colocando fogo em ônibus e carros particulares, além de assassinar policiais, em confronto direto ou mesmo fora dele. (DE LIMA, 2012, p. 12)

As UPPs, que nessa época já eram 13 instaladas no Rio de Janeiro, fizeram com que traficantes fossem expulsos das favelas e perdessem o controle de alguns pontos de venda de droga, o que causou muito prejuízo para as facções, principalmente para o Comando Vermelho, que foi a facção mais afetada. Por causa desses fatores, no dia 20 de novembro de 2010 uma onda de violência começou na cidade a mando dos chefes das facções criminosas que estavam presos. A polícia também investigava uma suspeita de que o prejuízo e a falta de pagamentos tivessem causado sequestros de parentes de traficantes considerados importantes nas facções. Segundo De Lima (2012), foi a perda dos territórios com a criação das UPPs e o sequestro de familiares que impulsionaram a onda de violência que resultou em mais de cem veículos queimados.

No dia 20 de novembro, um grupo de criminosos tentou fazer um arrastão na Rodovia Rio-Magé, em Duque de Caxias, e acabou matando um motorista de ônibus baleado. No dia seguinte, seis homens armados com fuzis roubaram três carros na Linha Vermelha. Dois dos veículos foram incendiados e um foi abandonado. Durante a fuga, eles ainda atiraram contra um carro oficial do Comando da Aeronáutica. A mídia cobrava uma solução das autoridades e pedia mais participação da população.

No dia 21 de novembro, o *RJTV* começou uma campanha para que os cariocas denunciassem traficantes através do Disque-Denúncia<sup>52</sup>. O serviço é “uma central comunitária de atendimento telefônico [...] destinada a receber informações anônimas da população sobre

---

<sup>51</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F8iNGivS-5Y> Acesso: 18 set. 2013

<sup>52</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=gFonUoAJZKo> Acesso: 18 set. 2013

atividades criminosas [...]”<sup>53</sup>. O Disque-Denúncia passou a ser tratado como “uma arma muito importante do cidadão”. Em entrevista ao vivo com o coordenador do Disque-Denúncia, Zeca Borges, a repórter Flávia Jannuzzi destacou que o serviço tinha montado uma força-tarefa para receber denúncias sobre os atentados e que o anonimato era garantido. Zeca Borges realçou que as denúncias já deram resultados e que elas são um apoio da população à ação das autoridades. Em tom didático, a repórter chega a dizer: “Agora, a população tem que continuar incentivando, né? Tem que continuar incentivando a denúncia, tem que denunciar mesmo, participar.” A isso, o coordenador responde: “É muito importante. Nós não podemos ter um policial em cada esquina, mas certamente em cada esquina nós vamos encontrar um cidadão: um trabalhador, uma dona de casa, um estudante. E eles podem ser uma arma valiosa para a polícia.” O número do Disque-Denúncia foi repetido várias vezes numa tentativa evidente de fazer o telespectador anotá-lo.

O esforço da equipe de reportagem e do Disque-Denúncia se baseia no fato de que quanto maior for o número de ligações mais pessoas se sentem encorajadas a denunciar. Na página do serviço na internet, fica claro que a relação do Disque-Denúncia com a imprensa tem como objetivo mobilizar a população: “Os resultados do Disque Denúncia são repassados à imprensa para reforçar a imagem do serviço e estimular um maior número de pessoas a prestar informações. O projeto está alicerçado na utilização da mídia como agente mobilizador da população”<sup>54</sup>.

Na noite do dia 22, uma cabine da Polícia Militar, próxima à Linha Amarela, foi atacada por bandidos que passaram em dois carros disparando tiros. No dia seguinte, mais uma cabine da PM, dessa vez no Irajá, foi baleada. Percebendo o clima de afrontamento dos bandidos, a Secretaria de Segurança colocou todo o efetivo policial nas ruas para combater os ataques, mas eles só aumentaram.

O *RJTV* voltou a incentivar moradores a denunciarem os traficantes. Essa preocupação em mostrar como as pessoas estão denunciando pode ser percebida numa outra entrada ao vivo, feita pela mesma repórter, dois dias depois: “Nos últimos 3 meses o serviço já cadastrou 51 informações sobre o assunto e desde sábado já foram 16 novas denúncias.”<sup>55</sup> Aqui, vale lembrar novamente a matéria *Feira das Drogas*<sup>56</sup>. Nela, fica claro que todos os moradores do

---

<sup>53</sup> Disponível em: [http://www.disquedenuncia.org.br/o\\_que\\_somos.php](http://www.disquedenuncia.org.br/o_que_somos.php) Acesso: 18 set. 2013

<sup>54</sup> Disponível em: [http://www.disquedenuncia.org.br/o\\_que\\_somos.php](http://www.disquedenuncia.org.br/o_que_somos.php) Acesso: 18 set. 2013

<sup>55</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=c5Cd5Zk598c&list=PL620A81F5EAD490B> Acesso: 18 set. 2013

<sup>56</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

Alemão sabem onde estão os traficantes e quem eles são, já que estes não fazem questão de se esconder e ostentam armas em plena luz do dia. Porém, nessa matéria o repórter escolheu não chamar a população para denunciar. Pelo contrário, ele quis abordar o fato de a polícia não investigar e não coibir o tráfico naquele território, permitindo que a feira de drogas acontecesse livremente. Nove anos depois, o comportamento da emissora é outro. No momento dos ataques, pode-se perceber que ela posiciona a denúncia como um dever do cidadão. De acordo com essas entradas ao vivo e as entrevistas do coordenador do Disque-Denúncia, a impressão passada é de que a polícia está fazendo o possível para encontrar os traficantes e os mandantes dos ataques. De acordo com a série *Feira das Drogas*<sup>57</sup>, a narrativa de que a polícia não tem informações e ignora onde estão os traficantes não se sustenta, já que até uma equipe de reportagem consegue fazer imagens dos criminosos. Mas, em 2010, a emissora aborda a questão de modo a fazer o telespectador acreditar que qualquer informação é essencial para ajudar nas investigações. É como se a polícia se baseasse apenas nessas ligações para achar os criminosos, quando, na verdade, ela já sabe onde eles estão há anos e nada faz como é mostrado no tom irônico da reportagem *Feira das Drogas*<sup>58</sup>.

No dia 24 de novembro, a escalada do crime continuou. Bandidos queimaram um carro no acesso ao Túnel Noel Rosa e, em outro ponto da Zona Norte, na Tijuca, um outro carro foi incendiado. Também na Tijuca, um homem foi preso com uma garrafa de gasolina. Ele confessou aos policiais que agia a pedido de traficantes do Complexo do Alemão. Outros ataques foram realizados em diversos pontos do Rio de Janeiro. Em cinco dias de ataques, 129 pessoas foram detidas e 19 pessoas morreram (DE LIMA, 2012). O clima no Rio de Janeiro era de tensão e medo. Cinco dias depois do início dos ataques, o governador Sérgio Cabral pediu ao Ministério da Defesa que fosse autorizado o uso de equipamentos de material logístico e transportes da Marinha Brasileira. (DE LIMA, 2012)

Em vídeo institucional disponível no site Memória Globo<sup>59</sup>, o jornalista Erick Brêtas falou da importância do uso das Forças Armadas:

Aquilo foi uma quebra de paradigma também, porque durante muitos anos se falou da possibilidade de envolver as Forças Armadas no combate ao tráfico e era um tabu. Era um enorme tabu entre os políticos, na sociedade: ‘Ah não, não podemos, o Exército não sabe fazer isso’. E naquele momento era preciso dar uma resposta. E as Forças Armadas entraram.”<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>58</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>59</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>60</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao.htm>

O general do exército Adriano Pereira Júnior lembrou que a primeira dificuldade da operação foi convencer a sociedade e a mídia de que o exército saberia se comportar na atividade de policiamento com o contato diário com a população (DE LIMA, 2012). A mídia tratou o uso das Forças Armadas no Rio de Janeiro como algo inédito, mas elas já ocuparam favelas cariocas anteriormente, como durante a operação Rio do II Exército em 1994, citada por Barcellos (2003). Para Leeds (2006), o uso do exército está relacionado tanto às impressionantes imagens do Rio de Janeiro veiculadas na imprensa nacional e internacional, que mostram uma cidade sitiada, quanto ao descrédito da polícia, instituição tradicionalmente encarregada de zelar pela ordem pública, que se tornou cada vez mais corrupta e envolvida no tráfico de drogas que deveria combater.

### **3.4 A ocupação da Vila Cruzeiro**

Na madrugada do dia 25 de novembro, mais dois carros foram incendiados. Durante a manhã, bandidos atearam fogo a um caminhão, um carro, um micro-ônibus e duas motos. À tarde, foram mais onze ataques a veículos no Rio de Janeiro. Como resposta, as forças de segurança do Estado, sob a coordenação do Bope, invadiram a Vila Cruzeiro, que fica ao lado do Complexo do Alemão. Assim que o Bope entrou na favela, os traficantes foram informados sobre o posicionamento dos blindados da Polícia e da Marinha. O blindado do BOPE, conhecido como “caveirão”, foi atingido por duas bombas de fabricação caseira e teve dois pneus furados. Os traficantes mantinham a postura de enfrentamento. Eles desfilavam com fuzis pelas escadarias da Igreja da Penha e atiravam contra os policiais.

A apresentadora Ana Paula Araújo do *RJTV - 1ª Edição* abriu o telejornal com uma frase, em tom de tensão, sobre os ataques que aconteciam em todo o estado: “Começamos o RJ nesse dia de muita preocupação com novos ataques violentos de bandidos. No Rio em alguns bairros, também em Niterói, na Baixada Fluminense, em São Gonçalo, nossos repórteres estão pelas ruas ao vivo trazendo as informações de como está a Região Metropolitana nesse momento.”<sup>61</sup> Em seguida, a entrada ao vivo da repórter Tatiana Nascimento que estava no helicóptero da emissora dá uma noção do clima de pânico que se espalhava pelo estado:

Olha, Ana Paula, manhã realmente muito tensa no Rio de Janeiro. A gente estava aqui sobrevoando aqui a Vila Cruzeiro onde tem uma operação da polícia nesse momento. E nós fizemos umas imagens impressionantes aqui. Num dos becos ali da favela, muitos bandidos armados, nós ficamos uns 5 minutos ali fazendo imagens. Eles chegam com motos, fuzis. Em determinado momento ali, dispararam alguns

---

<sup>61</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I29GkS0FIIE> Acesso: 18 set. 2013

tiros também. Então, uma imagem realmente assustadora. E nós temos a informação de um senhor de 81 anos que foi baleado aqui na Vila Cruzeiro.<sup>62</sup>

A participação da repórter e as imagens “impressionantes” de “muitos bandidos armados”, já são suficientes para assustar a população. Para complementar, ela continua a entrada ao vivo com mais informações de outros atos violentos pela cidade. Pelas imagens na televisão, via-se claramente que traficantes se preparavam para uma guerra. A postura de enfrentamento era clara e o armamento era pesado. Nesse estágio, o clima de apreensão dos moradores da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão se espalhou por cariocas e fluminenses, já que todas as regiões estavam sendo atacadas por bandidos. Nesses dias de ataques, todos os cariocas entenderam um pouco como era viver numa área de conflito e puderam se identificar mais com os moradores das favelas.

Como destacou o jornalista Ali Kamel<sup>63</sup>, os traficantes acreditavam serem capazes de superar as forças de segurança do Estado, mas não tinham organização nem força suficiente para isso. Por isso, quando a ocupação da Vila Cruzeiro começou, eles precisaram fugir e se abrigar no Quartel-General do Comando Vermelho, como destacou De Lima: “com a investida da polícia, entretanto, os traficantes fugiram em massa para o Complexo do Alemão, uma região constituída por inúmeras comunidades. Essa fuga foi transmitida ao vivo por emissoras de televisão e correu o mundo” (DE LIMA, 2012, p.20).

No dia 25, a cobertura da TV Globo começou no *Bom Dia Brasil* com flashes ao vivo sobre o começo da ocupação e seguiu até o *Jornal da Globo*. A partir das 10 horas da manhã, a apresentadora Ana Paula Araújo entrou no ar e permaneceu ao vivo durante quase oito horas. O apresentador Márcio Gomes e o comentarista Rodrigo Pimentel juntaram-se a Ana Paula durante a transmissão. Com o título de *Rio Contra o Crime*, a edição especial englobou também o *Jornal Hoje*, o *RJTV – 2ª Edição*, o *Jornal Nacional* e o *Jornal da Globo*. Essa programação mostra um esforço da emissora em aproveitar ao máximo as imagens da ocupação, acompanhando cada instante da operação como um *reality show* da violência carioca.

Durante um dos momentos mais marcantes da transmissão estavam no estúdio do *RJTV* os apresentadores Ana Paula Araújo e Márcio Gomes e o comentarista de segurança Rodrigo Pimentel, que desempenhou um papel fundamental durante a cobertura principalmente aproximando o discurso jornalístico do público. Pimentel não é apenas um comentarista de segurança. Para muitos, é considerado um herói, já que foi a grande

<sup>62</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I29GkS0FIImE> Acesso: 18 set. 2013

<sup>63</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao.htm> Acesso: 18 set. 2013



inspiração para a criação de um personagem carioca que conquistou o público e estava em alta no momento da ocupação. No capítulo 5 será explorado o papel desse comentarista no imaginário da população durante a transmissão das operações policiais.

A fuga dos traficantes foi flagrada pelos helicópteros das redes de televisão. É possível perceber o tom de surpresa dos apresentadores Ana Paula Araújo e Márcio Gomes com o número de traficantes que escaparam do cerco da polícia na Vila Cruzeiro. A imagem mostra tantos traficantes que a apresentadora não tem tempo de terminar as frases: “E olha a movimentação dos traficantes ali de moto, circulando por essa área, parece um movimento... Eu ia falar que parece um movimento de fuga, mas já vem outro ali chegando”<sup>64</sup>.

Os traficantes passam correndo, em motocicletas e em um carro lotado. Pimentel lembra que o Complexo do Alemão é controlado pela mesma facção criminosa que a Vila Cruzeiro, uma informação essencial, já que, se fosse o contrário, essa fuga resultaria numa guerra entre facções do outro lado do morro, colocando mais vidas em risco. Em um momento, percebe-se que alguns dos traficantes correm abaixados. Márcio Gomes chega a perguntar: “Existe um homem bem abaixado, todos estão bem abaixados. Será que há policiais nesse momento dando tiros aí?”<sup>65</sup>. Por essa pergunta pode-se perceber que não há mais informações. A única fonte de informação são as imagens feitas no próprio helicóptero. Para manter as imagens no ar resta aos apresentadores especular. Eles interpretam livremente as imagens. A opinião do comentarista Rodrigo Pimentel acaba prevalecendo nesse momento, já que ele usa como base sua experiência na polícia.

Durante a cobertura é preciso repetir em vários momentos o que já foi visto e contextualizar os telespectadores, como tenta fazer Márcio Gomes quando uma picape cheia de traficantes passa em alta velocidade pela ladeira: “Vamos deixar claro: são três horas da tarde, essas imagens são ao vivo de um dos helicópteros da Rede Globo, que está sobrevoando toda a região onde a polícia faz a ação. Veja o carro. Quantos homens estão ali atrás?”<sup>66</sup>. As portas do carro estão abertas e os traficantes apontam fuzis para fora do veículo. Segundo Rodrigo Pimentel, essa atitude indica que os bandidos “estão preparados para o confronto com a polícia”. Márcio Gomes pergunta para o comentarista se existe policiamento do outro lado para prendê-los. A pergunta é quase retórica, já que ela já foi feita durante a transmissão e Márcio Gomes já sabe a resposta. A essa pergunta Rodrigo Pimentel responde:

Márcio, não existe. A operação coordenada no Complexo do Alemão, ela não ocorreu. Seria uma operação maior ainda, Márcio, que essa já realizada. Então, a

<sup>64</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I5IxBnvtkXo> Acesso: 18 set. 2013

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I5IxBnvtkXo> Acesso: 18 set. 2013

<sup>66</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I5IxBnvtkXo> Acesso: 18 set. 2013



opção da polícia foi: Complexo da Penha. E nós apostávamos, Márcio, no enfrentamento. Toda a organização dos criminosos sugeria o enfrentamento. Agora, parece que eles estão fugindo<sup>67</sup>.

Essa resposta do comentarista evidencia como a Secretaria de Segurança e a Rede Globo esperavam que os criminosos reagissem. Mas, ao perceber o tamanho do efetivo da polícia destacado para a operação, eles optaram por recuar. Ana Paula Araújo enumera as atitudes que fizeram da fuga dos traficantes uma surpresa: “Fizeram barricadas, atiraram contra um dos blindados da Marinha que estava com policiais militares entrando e, agora, eles escapando, aí.” Essa reposta de Pimentel também aumenta a ansiedade do telespectador que antecipa uma operação “maior ainda” para prender esses traficantes que fugiram para o Alemão. Márcio Gomes resume a cobertura em tom de choque:

A imagem é impressionante. São dezenas. E eu me arriscaria a dizer cem homens. Nós já vimos cem homens aí saindo, seja num carro ou seja em várias motos e eles correm abaixados, ou seja, há sinais de disparos. Já vimos disparos sendo feitos no chão. E dois, pelo menos dois bandidos foram feridos, sendo arrastados pelos seus comparsas.<sup>68</sup>

Segundo Freitas (2011), a transmissão ao vivo é um recurso importante quando se pretende expressar que os fatos são verossímeis. O selo “ao vivo” tem um forte traço de autenticidade e transmite transparência, sendo uma técnica discursiva na televisão que convence o telespectador de que o que ele vê realmente está acontecendo (CARVALHO *apud* FREITAS, 2011, p.6). Segundo Fachine (*apud* FREITAS, 2011, p.6), o “ao vivo” faz com que o sujeito dê ao que ele vê o mesmo estatuto do que ele vive, gerando um sentimento de presença, de acesso direto. Para Galard (*apud* FREITAS, 2011, p.6), o “ao vivo” exerce a função de mediador, ampliando o contato do telespectador com o repórter. Essa “relação direta” corrobora para que as imagens tornem-se um espetáculo midiático. A apresentadora Ana Paula Araújo falou sobre o momento da fuga dos traficantes:

Ao mesmo tempo em que as pessoas em casa estavam assistindo aquelas imagens inéditas, aqueles bandidos fugindo lá pelo alto da Vila Cruzeiro, e todo mundo olhando aquilo de boca aberta, a gente aqui também estava. E tendo que narrar e acompanhar, mas também todo mundo assim muito abismado, chocado com aquilo. Ninguém nunca tinha visto aquele tipo de imagem na televisão em lugar nenhum.<sup>69</sup>

Para Márcio Gomes, a maior dificuldade foi manter a calma durante a transmissão, apesar da surpresa:

Era a notícia acontecendo ali, se impondo de uma forma pra gente e eu poderia falar nos surpreendendo, mas a ideia de que fomos pegos de surpresa e com isso a gente meio que mancou, mas não, a gente conseguiu manter o tempo todo a serenidade. A

<sup>67</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I5IxBnvtkXo> Acesso: 18 set. 2013

<sup>68</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=I5IxBnvtkXo> Acesso: 18 set. 2013

<sup>69</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao.htm> Acesso: 12 set. 2013.

gente conseguiu transmitir exatamente o que estava acontecendo e dividimos com as pessoas o clima de surpresa, o sentimento de surpresa que havia ali.<sup>70</sup>

De acordo com Santana (2009) ainda persiste o senso comum do “seeing is believing”, que faz com que a maioria das pessoas acredite no que assiste na televisão sem analisar quais fatores influenciam a percepção das imagens e como se estabelece essa comunicação. Assim, a transmissão ao vivo dá uma maior sensação de realidade, porque tem-se a impressão de que o que está passando na televisão, por ser inédito, não foi analisado por ninguém e não passou por nenhum tipo de censura, fazendo com que o telespectador tenha a impressão de que qualquer coisa pode acontecer seja numa guerra, como é o exemplo da batalha entre a polícia e as facções criminosas, seja em qualquer evento considerado relevante para ganhar uma transmissão ao vivo. Para Galard “não é a guerra que nos é mostrada ao vivo, é antes o ao vivo que nos é mostrado em espetáculo” (GALARD *apud* FREITAS, 2011, p.6).

No dia da invasão do Complexo da Penha pela polícia, o Disque-Denúncia teve recorde de ligações e a participação da população foi mais uma vez incentivada no *RJTV*. O apresentador Vandrei Pereira disse que “os moradores do Rio [...] se mobilizam para ajudar a polícia a prender os responsáveis pelos atos criminosos”<sup>71</sup>. Apenas nesse dia, o Disque-Denúncia recebeu o maior número de ligações desde a sua criação há 15 anos. Foram 500 denúncias. A matéria da repórter Sandra Moreyra informa que a expectativa do próximo dia é atingir mil ligações e que, para o coordenador Zeca Borges, esse número representa o tamanho da indignação da sociedade. A mensagem dessa reportagem é a de uma grande mobilização contra o crime, bem alinhada ao nome especial dado à cobertura – *Rio Contra o Crime*. O objetivo é mostrar que muitas pessoas estão colaborando e “fazendo a sua parte”, com o intuito de atingir aqueles que têm informações, mas não sabem ainda se devem denunciar. Apesar do tom positivo da reportagem, no texto Sandra Moreyra admite que “nas ruas, a sensação é de intranquilidade”.

A ocupação da Vila Cruzeiro no dia 25 de novembro foi o assunto de abertura do *Jornal Nacional* e dominou a escalada do telejornal, que ganhou um tom sensacionalista, destacando os momentos mais assustadores do dia:

Fátima Bernardes: Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2010.

Márcio Gomes: A maior operação já feita contra o crime no estado.

Fátima Bernardes: Tiros, explosões, incêndios.

Márcio Gomes: E o lugar onde a polícia não entrava é ocupado pelo poder público.

Fátima Bernardes: Traficantes armados e acuados fogem em desespero por um caminho de terra da Vila Cruzeiro.

---

<sup>70</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao.htm>  
Acesso: 12 set. 2013.

<sup>71</sup> Disponível em: <http://www.disquedenuncia.org.br/video.php?id=69> Acesso: 24 set. 2013

Márcio Gomes: Um dos bandidos é atingido e socorrido por um comparsa.  
Fátima Bernardes: No quinto dia de conflito, a cidade enfrenta novas ações de violência.  
Márcio Gomes: Ônibus e carros são queimados desde a madrugada.  
Fátima Bernardes: Tanques nas ruas. Blindados da Marinha também entram na operação contra os criminosos.<sup>72</sup>

Percebe-se que, pela abordagem da Rede Globo, a emissora apostou na durabilidade da ocupação da Vila Cruzeiro, apesar de outras tentativas de operações na área terem fracassado. No *Jornal Nacional*, o dia 25 de novembro é tratado como um dia histórico para o Rio de Janeiro, por isso a primeira frase da escalada é o local e a data. Uma matéria de André Luiz Azevedo destaca o armamento pesado usado na operação, além de embarcar numa linguagem que remete a batalhas e guerras<sup>73</sup>. O repórter usou expressões como “um longo comboio da tropa de elite da polícia”, “a Avenida Brás de Pina se transformou na base recuada das forças policiais” e “essas são as carretas de onde desembarcaram os carros especiais dos fuzileiros navais”.

A matéria relembra os acontecimentos do dia. Aos moradores da Vila Cruzeiro, o repórter destinou apenas duas frases: “Moradores ficaram acuados dentro de casa e começaram a acenar com panos brancos pedindo paz na comunidade”<sup>74</sup>, enquanto um longo trecho lembrou a morte do jornalista Tim Lopes.

André Luiz Azevedo entrevista um policial do Bope e diz que durante essa operação se surpreendeu com o apoio da população: “A gente percebe aqui pela população uma certa solidariedade, eu vejo coisas que eu não via da outra vez: a população fornecendo água, fornecendo abrigo. Como que você está sentindo o clima da população em relação a presença das suas tropas?”<sup>75</sup>. A essa pergunta o policial responde: “Está ficando cada vez mais claro quais são os lados: o lado do bem e o lado do mal. E a população sempre vai escolher o lado do bem.” Essa sonora do policial posiciona qual o lado da emissora e passa a mensagem para os moradores das favelas ocupadas de que o dever da população é apoiar a polícia. Essa dicotomia entre o bem e o mal pode parecer óbvia para um morador de classe média, que não convive diariamente com criminosos. Mas, para os moradores de favelas violentas do Rio de Janeiro, apoiar policiais durante uma operação é um grande risco de vida, principalmente

---

<sup>72</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>73</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>74</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>75</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm> Acesso: 24 set. 2013

durante uma ocupação que já fracassou outras vezes. Além disso, moradores de favelas conhecem os traficantes há anos, já que eles são também moradores dos morros, e muitos são inclusive parentes dos criminosos. Portanto, não é tão simples para quem está lá enxergar esse lado do bem e do mal delimitado pelo policial. Para não encerrar a matéria sem mostrar o lado dos mais interessados no assunto – os moradores da Vila Cruzeiro – duas sonoras são selecionadas. Um morador pede o fim da violência: “A gente não sai, não sabe se pode chegar numa janela, num portão. Tem que acabar né”<sup>76</sup> e uma moradora mostra otimismo: “A gente espera a melhora sempre, né. Acho que dessa vez algo tem que acontecer, né”<sup>77</sup>.

No dia seguinte, a Rede Globo manteve a cobertura especial com a série “Rio Contra o Crime”. Os destaques do dia foram um ônibus queimado durante a madrugada, o envio de 800 homens do exército para o Rio de Janeiro e o encontro entre o Ministro da Defesa, Nelson Jobim, e o governador do Rio, Sérgio Cabral.

### 3.5 A ocupação do Complexo do Alemão

No dia 27 de novembro, as forças de segurança iniciaram o cerco ao Complexo do Alemão, onde os bandidos da Vila Cruzeiro estavam refugiados. A polícia chegou a marcar um ponto de encontro para os traficantes se entregarem, o que aumentou o clima de tensão na região. A repórter Lilia Teles entrou ao vivo no *Jornal Nacional* informando que nenhum traficante tinha se rendido até o momento: “Nenhum deles ainda se entregou. [...] Desde o começo da operação, este é o dia mais tenso de todos”<sup>78</sup>. A apresentadora Carla Vilhena encerrou o jornal lendo um trecho de uma carta enviada por uma moradora anônima da Vila Cruzeiro: “Aos governantes e toda força militar, nossos guerreiros, nossos heróis: obrigada. Liberdade, liberdade abre as asas sobre todos nós!”<sup>79</sup> Esse encerramento melodramático é uma tentativa de passar para os telespectadores o sentimento dos moradores das favelas onde aconteciam os conflitos naquele momento. Um objetivo mais profundo seria transformar essa luta pela liberdade numa luta de todos os brasileiros, incentivando os telespectadores a

---

<sup>76</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>77</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>78</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/o-cerco-ao-morro-do-alemao.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>79</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/o-cerco-ao-morro-do-alemao.htm> Acesso: 24 set. 2013

apoiarem a ação do governo e a ocupação do Complexo do Alemão no dia seguinte. Durante todo o dia 27, o clima foi de expectativa para o início da tomada do Alemão no dia 28.

A operação no Complexo do Alemão começou às 8h da manhã do dia 28 de novembro de 2010. 2.800 homens das polícias Civil e Militar do Rio de Janeiro, do Exército, da Marinha e da Polícia Federal participaram da ação, que contou com 37 carros blindados. Na transmissão ao vivo a ocupação foi anunciada como numa guerra por um território: “Eu acho que a retomada do território começou, Márcio. Os helicópteros acabam de chegar. O tiroteio é intenso”<sup>80</sup>. Desde o início da operação, já estava no ar a edição especial *Rio Contra o Crime*, apresentada por Ana Paula Araújo e Márcio Gomes. Pelas imagens feitas pela equipe de Bette Lucchese pode-se ver os policiais em fila indiana subindo um dos acessos à favela e outros policiais que se posicionam em lugares estratégicos. Bette Lucchese narra as táticas dos traficantes para dificultar a entrada da polícia: “Neste ponto aqui do morro a gente observa que os traficantes jogaram óleo no asfalto pra exatamente tentar dificultar a entrada dos carros da polícia”<sup>81</sup>. Essas táticas relembram a criação do Comando Vermelho, no presídio da Ilha Grande, quando os criminosos tinham contato com guerrilheiros que sabiam estratégias de guerra. Pode-se presumir por esse outro trecho da reportagem de Bette Lucchese que os traficantes do Comando Vermelho se preocuparam em estudar maneiras de resistência:

Aqui também a gente vê, olha, um muro de concreto. Provavelmente os traficantes se escondiam aqui atrás pra poder fazer os disparos. E aqui a gente encontrou também, olha só, um coquetel molotov, uma bomba de fabricação artesanal, né, pronta, com gasolina dentro, pra ser jogada nas tropas que estão entrando na favela<sup>82</sup>.

Com o intuito de mostrar o perigo da cobertura e conferir mais adrenalina a quem assiste a reportagem, um trecho da matéria mostra a repórter correndo e gritando para o cinegrafista: “Vem cá, Luiz, vem cá, Luiz”. Eles procuram um lugar para se abrigar dos tiros e se abaixam. Esse trecho da matéria vai de encontro à política de “risco zero”<sup>83</sup> adotada pela empresa depois da morte do jornalista Tim Lopes e mostra que a ocupação do Complexo do Alemão é um evento importante a ponto de derrubar uma orientação que estava sendo seguida há oito anos.

---

<sup>80</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-da-vila-cruzeiro-e-do-complexo-do-alemao/videos.htm> Acesso: 25 set. 2013

<sup>81</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/invasao-e-pacificacao.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>82</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/invasao-e-pacificacao.htm> Acesso: 24 set. 2013

<sup>83</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

As forças de segurança assumiram o controle das comunidades em apenas 2 horas, prendendo 30 criminosos e 10 toneladas de drogas, além de armas (DE LIMA, 2012). O número de presos é bem inferior ao número de criminosos que foram vistos nas imagens feitas pelo Globocop fugindo da Vila Cruzeiro. De fato, duas horas depois da entrada da polícia, a repórter Bette Lucchese transmitiu as primeiras imagens feitas do alto do morro, via internet:

[...] eu vou pedir ao nosso técnico Mário Lago que mostre aqui talvez a parte mais simbólica, vamos dizer assim uma das mais importantes de toda essa ocupação. Olha só: policiais, eles hastearam as bandeiras do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro nesse ponto aqui, que é o ponto mais alto de todo o conjunto de favelas. [...] É uma imagem realmente impressionante que a gente tem aqui de cima. E tudo isso, tudo isso, há várias horas está completamente ocupado pela polícia, Ana Paula.<sup>84</sup>

O hasteamento das bandeiras do Brasil e do estado do Rio de Janeiro é tratado como um dos momentos mais importantes da ocupação e evidencia como o Conjunto de Favelas do Alemão era considerado um território à parte do Rio de Janeiro, que não pertencia ao Estado. Apesar desse ato simbólico já ter sido feito anteriormente, como foi mostrado na reportagem *Feira das Drogas*<sup>85</sup> de Tim Lopes, o fracasso das operações passadas não foi lembrado. O hasteamento das bandeiras é tratado como um marco definitivo que chega a emocionar, como disse a repórter Bette Lucchese durante a transmissão: “tem muitos colegas da imprensa aqui registrando essas imagens que são realmente impressionantes. Chegam até a emocionar a gente, né, a gente fica até arrepiado”<sup>86</sup>.

Para o apresentador Márcio Gomes, o hasteamento das bandeiras foi o símbolo da conquista de um território: “Naquela hora, eu só ficava pensando nos moradores: antes ali não era o Rio de Janeiro, era uma cidade paralela, com as suas leis, com as suas ordens impondo todo tipo de terror àqueles moradores”<sup>87</sup>. Na matéria feita por Ana Paula Araújo para o *Jornal Nacional* do dia 29 de novembro, ela destacou esse momento como o fim do domínio do tráfico: “No fim do dia, os símbolos de que o Conjunto de Favelas do Alemão não pertencia mais aos bandidos. As bandeiras do Rio e do Brasil foram hasteadas”<sup>88</sup>.

Apesar dessa suposta “conquista do Alemão”, a repórter Bette Lucchese alertou que ainda ouvia tiros em alguns pontos e que nem todas as comunidades estavam ocupadas. Além

---

<sup>84</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VkJN0wAFev68> Acesso: 24 set. 2013

<sup>85</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/tim-lopes-assassinato/sobre.htm> Acesso: 18 set. 2013

<sup>86</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VkJN0wAFev68> Acesso: 24 set. 2013

<sup>87</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/invasao-e-pacificacao.htm> Acesso: 25 set. 2013

<sup>88</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-da-vila-cruzeiro-e-do-complexo-do-alemao/videos.htm> Acesso: 25 set. 2013

disso, a apresentadora Ana Paula Araújo chamou atenção para o número pequeno de presos: 30 presos para 600 bandidos.

Mesmo com a Vila Cruzeiro ocupada desde o dia 25, o assassinato de Tim Lopes ainda é lembrado durante o dia 28. Isso fica claro principalmente quando os policiais prendem o traficante Eliseu Felício de Sousa, conhecido como Zeu. Ele participou da morte do jornalista e estava foragido desde 2007. Foi o repórter André Luiz Azevedo quem entrou ao vivo com a informação. Ele falou sobre esse momento: “Ninguém tinha percebido ainda que era o Zeu. Naquele momento, a gente botou no ar ao vivo. Eu fui narrando, foi um momento realmente muito forte. Lá no estúdio estava o filho do Tim, Bruno Quintella, comandando a cobertura com o Ali Kamel”<sup>89</sup>. Para o jornalista Ali Kamel, a prisão de Zeu foi um desfecho para o assassinato de Tim Lopes: “Na hora eu me emocionei muito. Naquele momento a gente estava dando um ponto final metafórico na história do Tim”<sup>90</sup>. Tim Lopes é lembrado inúmeras vezes durante as transmissões. O tom de ressentimento e de busca por justiça, que pode até ser interpretada como uma busca por vingar a morte do colega, está presente sempre que o assassinato é citado.

A transmissão continuou durante o domingo. O *Fantástico* anunciou uma edição especial da cobertura completa do domingo que foi tratado como o “dia histórico em que o Alemão foi ocupado”<sup>91</sup>. O programa foi encerrado com uma imagem da Igreja da Penha, com a música Baião da Penha, de Caetano Veloso, ao fundo. Como pode-se perceber a mídia bancou a ocupação definitiva do Conjunto de Favelas do Alemão, apesar das outras tentativas fracassadas no passado. Os jornalistas da Rede Globo apostaram na eficiência dessa ocupação e se deixaram, inclusive, emocionar com ela, fazendo com que esse dia representasse um desfecho na busca pela justiça da morte de Tim Lopes. Porém, para Arbex Júnior, o apoio da emissora ultrapassou limites, fazendo com que a Rede Globo fundisse o seu discurso com o do Estado:

Em momento algum da cobertura, nem mesmo durante os depoimentos de outros especialistas e estudiosos de segurança que participaram dos noticiários, houve questionamento se as ações estavam realmente corretas. Isso era fato definido: estavam. A equipe de reportagem atuou como um diário de campanha, cujos registros eram expressão do sucesso e do combate ao mal que afligia a sociedade carioca. Até mesmo a mudança na rotina dos moradores da favela foi apresentada como algo inevitável, mas que era em prol de um bem maior. (ARBEX JÚNIOR *apud* FREITAS, 2011, p.7)

<sup>89</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/invasao-e-pacificacao.htm> Acesso: 25 set. 2013

<sup>90</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/invasao-e-pacificacao.htm> Acesso: 25 set. 2013

<sup>91</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/invasao-e-pacificacao.htm> Acesso: 25 set. 2013

No site Memória Globo, da Rede Globo, a emissora faz questão de dizer que transmitiu a ocupação ao vivo e lembra o jornalista assassinado: “A Globo acompanhou a ocupação, ‘derrubando’ sua programação no Rio de Janeiro para noticiar os fatos ao vivo. Foi na Vila Cruzeiro que o jornalista Tim Lopes foi assassinado em 2002”<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/sobre.htm> Acesso: 27 out. 2013



## 4. O COMPLEXO DO ALEMÃO COMO PROTAGONISTA DE NOVELA

Esse capítulo vai tratar da representação do Complexo do Alemão na telenovela *Salve Jorge*, da Rede Globo, escrita por Glória Perez. Primeiro será apresentado um resumo da novela, com o objetivo de contextualizar a trama, e, em seguida, será evidenciado como a favela e seus moradores são retratados dando ênfase ao comportamento, à linguagem, às roupas usadas pelos personagens e às suas relações. A ocupação do Complexo do Alemão e a fase pós-operação que fazem parte da trama serão comentadas, fazendo um paralelo com o que foi visto nos telejornais.

### 4.1 O Alemão romanceado

Quase dois anos depois da ocupação do Complexo do Alemão, estreava na Rede Globo a novela das 21h *Salve Jorge*. O núcleo principal da novela se passa no Conjunto de Favelas do Alemão e os protagonistas são dois personagens que se conheceram através da pacificação. Morena, personagem da atriz Nanda Costa, é uma menina nascida no morro. Quando tinha 14 anos, durante um baile funk, se envolveu com um traficante e engravidou de seu primeiro filho, Júnior, interpretado por Luiz Felipe Mello. Ela mora com o filho e a mãe, Lucimar, uma empregada doméstica interpretada por Dira Paes. Morena se apaixona pelo capitão da cavalaria Théo, vivido por Rodrigo Lombardi, que chegou ao Alemão para integrar a Força de Pacificação.

A trama principal se desenvolve em torno da história de Morena, uma menina pobre que sonha em ganhar dinheiro no exterior, mas acaba sendo sequestrada por uma quadrilha de tráfico humano. Grande parte da novela se passa na Turquia, para onde as mulheres sequestradas são levadas e obrigadas a se prostituir em uma boate. Tendo um núcleo brasileiro e um turco, *Salve Jorge* apresenta o estilo ponte-aérea da autora Glória Perez, que também adotou esse recurso nas novelas *Caminho das Índias*, exibida em 2009, *América*, de 2005, e *O Clone*, de 2001<sup>93</sup>. Como esse trabalho vai dar foco ao núcleo vivido no Complexo do Alemão, outros aspectos da novela, como o núcleo turco, não serão aprofundados.

Glória Perez recorre ao mito de São Jorge, o santo guerreiro, para traçar o caráter do outro protagonista, o capitão da cavalaria Théo. Théo é devoto de São Jorge, devido a um acidente que sofreu na infância. O próprio personagem personifica o santo e tem várias características em comum com ele, como ser cavaleiro e oficial do exército. Assim, ele assume no imaginário do telespectador o papel do guerreiro que vai chegar na comunidade

---

<sup>93</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-perez/trabalhos-na-tv-globo.htm>  
Acesso: 16 out. 2013

para libertá-la do tráfico. A escolha de São Jorge como o santo herói de uma novela que começa com a expulsão dos traficantes é interessante, porque São Jorge é considerado também o padroeiro do Comando Vermelho (AMORIM, 2011). A devoção é tanta que no dia de São Jorge traficantes comemoram a data com fogos de artifício (AMORIM, 2011) (VITAL DA CUNHA, 2009). Caco Barcellos também retratou a devoção a São Jorge no seu livro *Abusado* sobre o chefe do tráfico no Morro Santa Marta, em Botafogo, que foi por muitos anos controlado pela facção criminosa. Em três trechos do livro, os traficantes pedem proteção ao santo, como nessa passagem: “Cabeludo acendeu três velas e rezou para pedir proteção a São Jorge, o santo dos guerreiros.” (BARCELLOS, 2003, p.94). No livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, o traficante Zé Pequeno usava um colar de São Jorge atravessado no corpo e costumava dizer que tinha o ‘corpo fechado’, e que, portanto, ninguém o mataria (LINS & DA SILVA *apud* VITAL DA CUNHA, 2009). Para Vital da Cunha (2009), o santo tem uma ligação especial com o Rio de Janeiro:

São Jorge, que no sincretismo religioso é chamado Ogum, é o santo que tem sua história ou o mito de sua existência ligada à guerra. É o santo símbolo da vitória sobre o Mal, sobre o inimigo feroz, é o santo mais popular – e para o qual a prefeitura do Rio de Janeiro destinou um dia de feriado – numa cidade onde a categoria “luta” define tão profundamente a auto-compreensão dos moradores sobre a vida que levam nas favelas e periferias urbanas. São Jorge/Ogum esteve sempre associado aos que estão na “guerra do crime”: “bandidos”, traficantes, bicheiros e policiais eram e ainda são costumeiramente vistos portando anéis e medalhas do “santo guerreiro”(VITAL DA CUNHA, 2009, p. 9).

Com base em mais de mil fotos do Alemão feitas pela equipe de produção da novela, a Rede Globo recriou, em 1.800 m<sup>2</sup>, casas e barracos, lojas e botecos, becos e ruas que remetem às favelas daquela região<sup>94</sup> no Projac, o centro de produção da emissora.



Entrada do Complexo do Alemão no Projac



Ladeira do Complexo do Alemão no Projac<sup>95</sup>

<sup>94</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/73057-quotssalve-jorgequot-leva-moradores-do-alemao-para-sua-favela-ficcional.shtml> Acesso: 06 nov. 2013

<sup>95</sup> Fotos da autora.





Alemão cenográfico no Projac



Alemão cenográfico no Projac



Alemão cenográfico no Projac



Alemão cenográfico no Projac

O Alemão cenográfico foi montado em cima de uma ladeira, reconstruindo com cuidado as casas dos moradores, detalhes como emaranhados de fios, anúncios em placas e locais comuns das comunidades como o ponto do mototáxi, a lan house e a padaria. A lan house cenográfica @Virtual que está no Projac, por exemplo, tem muitas semelhanças com a lan house Mundo Mix do Alemão.



Lan house no Complexo do Alemão



Lan house @Virtual do Projac





Fiação do Complexo do Alemão



Fiação do Alemão cenográfico do Projac



Anúncio no Complexo do Alemão



Anúncios no Alemão do Projac



Esquina do Complexo do Alemão



Esquina do Alemão no Projac<sup>96</sup>

No primeiro capítulo da novela<sup>97</sup>, exibido no dia 22 de outubro de 2012, o Complexo do Alemão é apresentado aos telespectadores como um lugar perigoso. Primeiro, aparecem imagens de meninos empinando pipas, jogando bola em um dia ensolarado, enquanto a

<sup>96</sup> Fotos da autora.

<sup>97</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/videos/t/para-assinantes/v/salve-jorge-capitulo-de-segunda-feira-dia-22102012-na-integra/2203152/> Acesso: 03 out. 2013

música “Tristeza” em ritmo alegre de samba toca na comunidade. Morena, a protagonista, está no ônibus que faz a linha Penha – Saens Peña com o filho Júnior. Eles saltam do ônibus, a música para de tocar e começa o barulho de tiros. Assim, a primeira fala de Morena na novela é: “É tiro, Júnior”. Segue um intenso tiroteio e logo nos primeiros 4 minutos da novela, o telespectador já vê um traficante com um fuzil correndo. Percebe-se então que a trama tenta dar à favela a imagem de um ambiente que, embora agradável, onde crianças soltam pipa e praticam esportes, está sempre refém da violência. Nas primeiras cenas, com ar bucólico e samba ao fundo, a favela aparece como local passível de se morar, mas quando os tiros começam essa impressão de encantamento é quebrada.

A relação com o telejornal é muito explorada nesse primeiro capítulo. O telejornal da Rede Globo é repetidamente afirmado como o principal meio de informação da população. Na casa onde trabalha, a mãe de Morena, Lucimar, vê a notícia do tiroteio na televisão. Essa cena é um exemplo de sofrimento do morador que muitas vezes não aparece na mídia, já que as equipes que fazem coberturas de operações policiais ficam voltadas para o que acontece no morro. No entanto, por causa da violência, muitos moradores ficam sem notícias de parentes e não conseguem voltar pra casa.

A novela retrata o desespero dos moradores no momento do tiroteio, mas logo em seguida a vida na comunidade volta ao normal. O tom dos personagens que conversam sobre o confronto entre os bandidos e a polícia é de naturalidade. Apesar do desespero que Morena sentiu quando se encontrava no meio do fogo cruzado com o filho, ela não vai deixar de sair por causa dos tiros, pelo contrário, ela vai para um baile funk. Lucimar chega a reclamar que ela vai sair logo nesse dia que já teve tanta confusão. A filha responde: “Mãe, se eu for ficar esperando o dia que não tenha tiro aqui dentro, eu não boto a cara na janela, né?” Para ela, o tiroteio é um evento rotineiro na comunidade. Mesmo assim, o roteiro da novela se preocupa em não banalizar a violência, mostrando o pânico dos moradores durante os confrontos, a agonia da mãe que não consegue ligar para a filha quando vê o tiroteio na televisão, os comerciantes que gritam e fecham as grades das lojas e a correria de quem tenta escapar das balas perdidas.

Nessa cena em casa, a mãe de Morena também fala que a menina engravidou aos 14 anos. “Vai ficar jogando isso na minha cara o resto da vida? Até parece que não fez igual”, rebate a filha. “Fiz, mas dei conta, não dei? Olha tu aí, criada.”, responde a mãe. Como

mostram os dados do Instituto Pereira Passos<sup>98</sup>, o Complexo do Alemão tem um alto índice de mães adolescentes. Mesmo assim, 14 anos é um exagero. Foram apenas 4 casos registrados em 2009, por exemplo. Em compensação, o número de meninas entre 15 e 19 anos grávidas chegou a superar o de mulheres entre 25 e 29, o que mostra como a gravidez na adolescência é mais comum no conjunto de favelas do que a gravidez planejada durante uma fase mais madura da vida. Sendo assim, os dados dão suporte aos dois casos de filhos na adolescência apresentados nesse diálogo.

Outro ponto interessante é a pouca idade de Morena para uma protagonista. Ela tem apenas 18 anos, mas já tem um filho, trabalha, vai tentar a vida no exterior e ainda acaba engravidando novamente. A idade da personagem é mencionada no primeiro capítulo da novela, mas pouco a pouco o telespectador acaba esquecendo que se trata de uma adolescente. Além disso, o capitão Théo, por quem ela se apaixona, aparenta ser bem mais velho que a menina. É usual nas novelas de Glória Perez as idades não terem muito sentido, mas, nesse caso, a juventude de Morena pode ser interpretada como uma tentativa de mostrar que no morro a vida adulta começa mais cedo.

A personagem Lurdinha, interpretada por Bruna Marquezine, é uma adolescente bonita do morro que apresenta o comportamento dos moradores que sentem admiração pelos traficantes. Morena e a amiga Sheila veem Lurdinha conversando com um traficante com uma arma pendurada no ombro. Morena diz: “Olha lá a Lurdinha, Sheila. Doida pra virar xerifa”. Segundo De Lima, depois da ocupação era mais fácil identificar essa admiração em moradores do Conjunto de Favelas da Penha: “Enquanto os moradores do Alemão se mostravam um pouco mais receptivos, dispostos a colaborar e menos arredios, os da Penha permaneciam retraídos, pouco colaborativos, ríspidos, inamistosos, demonstrando medo e, em alguns casos, admiração por lideranças criminosas” (DE LIMA, 2012, p.66).

Amorim cita o escritor turco Yashar Kemal para falar sobre o equilíbrio que produz a admiração nos moradores de favelas: “os bandidos vivem de amor e de medo. Inspirar apenas amor é fraqueza. Quando inspiram apenas medo, são odiados e não têm quem os ajude” (YASHAR KEMAL *apud* AMORIM, 2011, p.171-172). Segundo Amorim (2011), toda a história do crime organizado mostra claramente uma tentativa de criar vínculos com o meio social. Para Hobsbawm essa cumplicidade entre o crime e a população carente nasce na ausência do poder público:

Em primeiro lugar, um bando representa algo com o qual o sistema local precisa

---

<sup>98</sup> Disponível na aba Regiões Administrativas / Complexo do Alemão / Saúde em: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros cariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros cariocas/index_ra.htm) Acesso: 12 set. 2013.

estabelecer um *modus vivendi*. Onde não existe nenhum mecanismo regular e eficiente para a manutenção da ordem pública - e isso ocorre quase por definição nas áreas onde floresce o banditismo - não há muita utilidade em se invocar a proteção das autoridades, tanto mais que tais apelos provocarão o envio de uma força expedicionária armada, que arrasará a economia da aldeia ainda mais que os bandidos. (HOBBSAWM *apud* AMORIM, 2011, p.171-172)

Lurdinha não é a única que apresenta simpatia pelos traficantes. André Gonçalves interpreta o favelado Miro, que aparece no primeiro capítulo como um morador que inventa letras de funk relacionadas ao tráfico. Com um fuzil atravessado no peito, ele canta as músicas enquanto grava um vídeo com o celular. Num dos vídeos ele diz: “Aí, na moral. Nós estamos esperando vocês invadir. Aqui o bagulho é doido, maluco.” É um exemplo do “funk proibidão”, que faz apologia ao crime. No subcapítulo 2.4 sobre a derrubada do helicóptero da polícia no Morro dos Macacos, foi mostrado um exemplo desse tipo de vídeo<sup>99</sup>, que exaltava a invasão da favela pelos traficantes do Comando Vermelho.

O funk proibidão é o principal motivo para a proibição dos bailes funk nas comunidades pacificadas. A apologia ao tráfico de drogas e o som alto, ambos retratados na novela, além de “outros comportamentos associados com a degradação e a delinquência” (CANO, 2012, p.153) tornam o baile funk um cenário de disputa hostil aos policiais. Segundo Cano (2012), essa disputa atribui uma visão de *locus do mal* aos bailes funks e faz do funk, simbolicamente, “a música do inimigo”. Por isso, o fim do “baile funk é um troféu simbólico para muitos policiais, que mostram quem manda agora na comunidade, como se arriassem a bandeira inimiga depois da conquista do território” (CANO, 2012, p.153).

Ao mesmo tempo, a novela também mostra o lado dos moradores que não conseguem dormir por causa da alta música dos bailes. De Lima entrevistou o General de Exército Adriano Pereira Júnior que contou em seu depoimento que alguns moradores elogiaram o fim dos bailes:

[...] estava em uma sombra atrás da igreja, quando foi procurado por uma senhora, moradora do complexo, que lhe perguntou se “ele era o general que estava mandando em tudo” e se podia lhe dar um abraço. O general perguntou o motivo desse gesto. A resposta foi “que agora, com a presença dos soldados, ela estava tendo o direito de dormir”. Uma coisa tão simples para qualquer pessoa, mas que para muitos dos moradores daquele local era um sonho, ou quem sabe, um pesadelo. Ela era vizinha de um local onde os bandidos realizavam bailes, quando e até a hora que queriam, sem que os moradores tivessem a quem recorrer para que seus direitos fossem respeitados. (DE LIMA, 2012, p.120)

## 4.2 O estilo das periguetes

É nesse cenário dos bailes funk que se destacam as periguetes de *Salve Jorge*. Na novela, elas são três principais: Maria Vanúbia, interpretada por Roberta Rodrigues, a

---

<sup>99</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=y2mYFqOKo8M> Acesso: 5 de set. de 2013.



Lurdinha de Bruna Marquezine e a própria Morena, personagem principal da trama. É um número alto de periguetes para uma novela, que geralmente têm apenas uma representante desse grupo por folhetim<sup>100</sup>. Com roupas justas e curtas, as meninas do morro da novela chamam a atenção pelos decotes e shortinhos, além de aproveitar a noite nos bailes.

A figurinista Helena Gastal diz ter se inspirado nas moças que correm atrás de uma ponta de estoque para se vestir bem, sem gastar muito, para criar o estilo das personagens do morro. Ela definiu Morena como uma “garota cheia de vida, antenada com a moda, que vê novela, lê revistas de celebridade, passeia pelos shoppings e compra nas liquidações ou em feirinhas versões de roupas mais baratas às que encontra nas vitrines”<sup>101</sup>. “O estilo de Morena é marcado por regatas coladas ao corpo, calças e shorts jeans, vestidos e muitos acessórios como pulseirinhas, colares de couro e faixas de tecidos e cintos de couro trançado na cintura”<sup>102</sup>. O visual da protagonista despertou muitas críticas, direcionadas tanto ao seu modo de falar e quanto ao de se vestir, que foi considerado exagerado. Quanto à isso, Glória Perez respondeu:

É preconceito contra as meninas dessa origem. Elas vivem isso no cotidiano. Não são periguetes. Na favela, essa maneira de vestir não está atrelada a um comportamento como no asfalto. Elas tiveram acesso ao mercado, ao crédito. Agora, estão podendo comprar e construir seu próprio estilo<sup>103</sup>.

A autora defendeu a vaidade das meninas do morro:

No começo, eu li que a Morena estava arrumada demais para uma garota do morro. Mas lá é assim. Vi no *Twitter* de uma moradora da favela um comentário rebatendo as críticas: ‘A gente já não tem nada, querem também que não tenha unha nem cabelo?’. São centenas de cabeleireiros no Alemão. A vaidade é uma forma de sair daquele mundo. A aparência é o passaporte para um emprego melhor, uma aceitação maior para além dos limites da favela. Então, elas investem nisso<sup>104</sup>.

Para o geógrafo Jaílson de Souza e Silva, a partir do momento em que as classes C e D ascenderam economicamente formando uma nova classe de consumidores, essas personagens de classes mais baixas viraram protagonistas nas novelas, pondo em evidência suas referências simbólicas, como vestuário e comportamento<sup>105</sup>.

---

<sup>100</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/salve-jorge-a-novela-que-bate-recorde-de-periguetes> Acesso: 25 out. 2013

<sup>101</sup> Disponível em: <http://www.dasmariasblog.com/post/22873/look-de-nanda-costa-em-salve-jorge-e-inspirado-em-mulheres-que-farejam-ponta-de-estoque> Acesso: 29 out. 2013

<sup>102</sup> Disponível em: <http://chic.ig.com.br/novela/noticia/salve-jorge-morena-segue-a-moda-das-celebridades-e-garimpa-pecas-mais-em-conta-para-o-figurino> Acesso: 29 out. 2013

<sup>103</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/1192876-brasileiro-e-preconceituoso-o-espelho-incomoda-diz-gloria-perez.shtml> Acesso: 25 out. 2013

<sup>104</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/1192876-brasileiro-e-preconceituoso-o-espelho-incomoda-diz-gloria-perez.shtml> Acesso: 25 out. 2013

<sup>105</sup> Disponível em: <http://riodejaneiro20131.blogspot.com.br/2013/05/a-favela-entra-na-moda.html> Acesso: 28 out. 2013



O estilo de Lucimar<sup>106</sup> também chama atenção por contrastar com o uniforme de empregada. Quando está na casa da Dona Helô, Lucimar usa o cabelo preso, uma blusa branca com calça preta. Quando trabalha na casa de Leonor, o uniforme é ainda mais completo: um vestidinho rosa com cabelo trançado. As argolas nas orelhas são o único sinal da mulher exuberante em que ela se transforma no morro. Nas ruelas do Alemão, Lucimar anda de salto alto, calça jeans bem apertada e blusinhas justas. Os cabelos soltos e ondulados revelam um lado vaidoso e sensual da personagem.



Morena e Lucimar em cena de *Salve Jorge*<sup>107</sup>



Maria Vanúbia em cena de *Salve Jorge*

Além do estilo único de se vestir, as personagens do morro tem um vocabulário próprio. O destaque é a personagem Maria Vanúbia, do núcleo cômico da novela, que passa a maior parte do tempo tomando sol na laje. Ela tem um linguajar recheado de bordões como “isso aqui não é bagunça!”, “pi pi pi! Olha o recalque chegando!”, “se você está atacada, eu estou blindada!”, “quem é você na fila do pão francês?”<sup>108</sup> e muitos outros. Tudo isso é falado com um sotaque carioca bem carregado. Apesar de muitas pessoas acharem exagerada a atuação de Roberta Rodrigues, o guia turístico Cristiano Ferreira, que mora no Alemão, revelou que ela fez a moradora do morro mais convincente e conquistou a simpatia do público da favela. É ela quem conseguiu mais naturalidade no papel, já que é moradora do Morro do Vidigal na vida real.

Outra característica marcante das meninas do morro são as brigas. Maria Vanúbia discute com Morena, Lurdinha e Delzuite constantemente. Os conflitos têm direito à bate-boca e até pancadaria. Em uma das brigas, Morena chega a arrancar o megahair de Maria Vanúbia. Com estilo marrento, a atitude padrão das moradoras do morro de Glória Perez é não deixar barato nenhuma provocação. Morena, Lurdinha, Maria Vanúbia, Lucimar,

<sup>106</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/personagem/lucimar.html> Acesso: 30 out. 2013

<sup>107</sup> Fotos disponíveis em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html> Acesso: 30 out. 2013

<sup>108</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/Fique-por-dentro/noticia/2013/05/pi-pi-pi-olha-o-recalque-chegando-relembre-alguns-dos-bordoes-de-vanubia.html> Acesso: 29 out. 2013

Delzuite protagonizam barracos e intensos bate-bocas durante a trama, que foi muito criticada por passar a imagem da mulher do morro como barraqueira. Sobre a novela, a historiadora Cidinha da Silva escreveu:

A autora de Salve Jorge está esculachando a favela, como diria uma carioca atenta. Poxa, é uma moçada jovem que não trabalha, não estuda e só tem quatro ou cinco tipos de ações: batem perna, batem boca e gritam, postam coisas na internet, tomam sol na laje e dançam, do funk ao pagode. De quebra, fecham com o pessoal do movimento e planejam subir na vida arrumando marido rico.<sup>109</sup>

#### 4.3 A relação e a distância entre morro e asfalto

No primeiro capítulo, a autora apresenta o intuito de introduzir o telespectador no ambiente de dificuldades vividas nos morros, como em uma cena em que o morador reclama do barulho do baile e na cena do tiroteio. Outro exemplo é quando Lucimar lamenta pra si mesma que tem que ir na mercearia pegar o correio, mas não sabe se vai por causa da operação policial. Ela diz: “Ai, Meu Deus, e eu que tinha que ir nessa mercearia pra ver se o correio passou hoje. Triste! Morar num lugar que o correio não pode subir pra entregar uma carta, um telegrama na casa da gente.” O objetivo dessa fala é contextualizar moradores de outras cidades do país, e até do Rio de Janeiro, sobre o problema da falta de serviços nos morros cariocas. Segundo De Lima, essa precariedade começa a mudar depois das ocupações:

Os serviços essenciais, como correio e limpeza urbana, na maioria das vezes tinham dificuldade de chegar ao interior das comunidades, ou só chegavam com a aquiescência do narcotráfico. Com a ocupação, aumentou o movimento, no interior das comunidades, de operadoras de telefonia, de televisão por assinatura e de concessionárias de serviços públicos. (DE LIMA, 2012, p. 68)

Para o geógrafo Jáilson de Souza e Silva esse é mais um discurso estigmatizante da favela que se dá através do paradigma da ausência: “As favelas são sempre definidas a partir do que não têm. É o local da pobreza, da falta de perspectiva. É preciso construir um novo olhar a partir do paradigma da presença, ou seja, do que a favela tem” (SOUZA E SILVA *apud* VILLAÇA, 2011, p. 58-59).

Apesar da presença desse discurso da ausência, não falta muita coisa na casa de Lucimar e Morena, que não se parece com um barraco de um morro carioca. A casa não é apertada e pequena. Pelo contrário, tem sala, cozinha e quartos bem definidos e até um segundo andar. Segundo Ramos, “os pobres das novelas convivem com boas condições econômicas. Moram em casas, com razoável conforto. Os abismos entre as classes sociais são abreviados” (*apud* GUIMARÃES, 2002, p.123-124). Para Ramos, nas novelas não existem grandes distanciamentos das classes, “os ricos adormecem em suas mordomias e os pobres

---

<sup>109</sup> Disponível em: <http://www.geledes.org.br/em-debate/cidinha-da-silva/17891-a-favela-em-salve-jorge-por-cidinha-da-silva> Acesso: 22 out. 2013

não são tão miseráveis” (RAMOS, 2012, p.402). Apesar dos ricos serem muito ricos e viverem em mansões, a condição dos pobres é constantemente amenizada. *Salve Jorge*, por exemplo, mostra uma realidade dura dos pobres cariocas – o convívio com o tráfico, a exposição à violência, a falta dos serviços básicos que não chegam nas favelas-, mas esse aspecto só está presente no primeiro capítulo. Assim que as forças de segurança invadem a favela, a vida começa a melhorar e outros problemas das comunidades cariocas são esquecidos. Passa-se uma imagem, então, da favela engraçada e divertida, do convívio e da intimidade entre os moradores e das oportunidades que surgem com a pacificação, como os *favela tours*. A truculência de alguns policiais, a convivência ostensiva com oficiais armados com fuzis, a sujeira, os riscos de desabamento e muitos outros aspectos negativos da favela são deixados de lado, apresentando para o telespectador uma imagem estilizada da favela.



Exterior da casa da Morena no Projac<sup>110</sup>



Interior da casa da Morena em cena de *Salve Jorge*<sup>111</sup>

Uma das poucas cenas que mostra a diferença gritante entre favela e asfalto é o momento em que Aisha, interpretada por Dani Moreno, uma menina que nasceu no Alemão, mas foi roubada da mãe e criada por turcos ricos, conhece sua família biológica.<sup>112</sup> Aisha é uma menina rica e mimada, mas que quer conhecer sua família. Quando esse desejo é realizado e ela conhece a favela, ela se decepciona. Ao entrar nas ruelas do Alemão, ela diz com cara de assustada: “A gente tem que passar aqui mesmo?”. Quando é informada de que é ali onde a família mora, a menina chega a dizer: “Não, aqui é uma favela, eles moram na Penha”. A felicidade da família biológica contrasta com a evidente decepção de Aisha<sup>113</sup>, que

<sup>110</sup> Foto da autora.

<sup>111</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html> Acesso: 25 out. 2013

<sup>112</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/capitulo/2013/5/2/morena-ve-riva-tirando-fotos-dela.html> Acesso: 18 out. 2013

<sup>113</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/capitulo/2013/5/3/livia-revela-para-theo-que-morena-esta-trabalhando-nas-ruas-de-istambul.html> Acesso: 18 out. 2013

não acredita que possa ser “daquele lugar”<sup>114</sup>. A diferente linguagem das pessoas do Alemão também é citada por Aisha, que diz que “tinha horas que ela nem entendia o que eles falavam”. O preconceito de Aisha é mostrado na novela como algo que deve ser superado. No final da trama, ela chega até a ir a um baile funk com a irmã biológica.

O papel central de Lucimar, uma empregada doméstica, representa uma tendência nas telenovelas globais. As empregadas domésticas nas novelas brasileiras eram geralmente personagens secundários, pode-se falar até terciários, que não apresentavam dramas próprios e que pouco acrescentavam à trama. Elas serviam como um personagem de apoio, como um acessório para quem tem condições de desfrutar de seus serviços (DANTAS, 2012) e são comumente relacionadas às mulheres negras e nordestinas. Dentro dos estereótipos das novelas, elas se perdem entre as senhoras de meia idade, que já estão na família há anos, e as empregadas bonitas que são colocadas na posição de objeto sexual, se tornando as famosas amantes do patrão (DANTAS, 2012). O autor Manoel Carlos, no entanto, costuma inserir as empregadas domésticas de forma participativa no núcleo familiar de suas novelas, apesar de não dar às personagens um background próprio (NEVES & DALBETO, 2013). É como se existissem apenas no local de trabalho, onde são visíveis para a classes média.

Porém, nos últimos anos, principalmente em 2012, observou-se uma tentativa de fugir desse papel secundário. As novelas *Chocolate com Pimenta* de 2003, *Cheias de Charme* de 2012, *Avenida Brasil* também de 2012 e o remake de *Gabriela* em 2012 trouxeram como protagonistas empregadas domésticas, o que não se via com muita frequência na teledramaturgia brasileira. O mesmo acontece com o papel de destaque de Lucimar, em *Salve Jorge*, que extrapola os estereótipos mais usados nas telenovelas se afirmando como uma mulher bonita e vaidosa, mas que não tem envolvimento sexual com o patrão. Sua importância central na trama, como mãe da protagonista, permite ainda que o público conheça sua história, sua família, sua casa, seus sentimentos e suas dificuldades o que não era usual nas novelas há alguns anos.

Apesar de seguir essa nova tendência, *Salve Jorge* repete o modelo de relação de proximidade entre patrão e empregado. Nas novelas globais os ricos e os pobres têm relações de amizade, como é o caso da delegada Helô, interpretada por Giovanna Antonelli, que faz o papel de patroa de Lucimar e Creusa, interpretada pela atriz Luci Pereira. Apesar da diferença de classes, Helô e Lucimar são amigas e a delegada se esforça para salvar Morena da quadrilha que a levou para a Turquia. Essa relação de intimidade entre personagens de

---

<sup>114</sup> Disponível em: <http://tyg.globo.com/novelas/salve-jorge/capitulo/2013/5/4/theo-ve-morena-na-rua.html>  
Acesso: 18 out. 2013

diferentes classes pode ser percebida também pelo comportamento de Creusa. A empregada está sempre tentando fazer seus patrões – Helô e Stenio – se reconciliarem. Em tom de comédia, a paraibana Creusa sempre dá uma ajudinha para Stenio reconquistar Helô, fazendo comentários opinativos sempre que pode. Em *Salve Jorge*, o ápice dessa convivência fantasiosa com os pobres, como define Ramos (2012), se dá no segundo casamento do casal quando a empregada Creusa, principal incentivadora da reconciliação, é convidada para ser madrinha da cerimônia.

Guimarães (2002) lembra que é frequente nas novelas o confronto entre o povo e a elite, mas, na telenovela brasileira, essa ruptura entre as classes é tratada como uma quebra da ordem natural das coisas e deve ser sanada. Assim, uma das regras de ouro das novelas globais é essa convivência estreita entre ricos e pobres, consagrada nos casamentos mistos. Em *Salve Jorge*, Morena se apaixona por Théo, que é de uma classe mais alta que a dos moradores dos morros. Segundo Guimarães (2002), o conflito entre classes é deflagrado sempre pelos excessos de um indivíduo, o que remete o problema ao plano pessoal. A mãe de Théo, Dona Áurea, é quem representa o estranhamento em relação à Morena<sup>115</sup>. Ela faz o papel da senhora de classe média que rejeita o relacionamento, porque Morena é favelada. Em uma discussão, Morena chega a dizer: “A senhora me respeite também Dona Áurea. Não é porque eu vim da favela que a senhora pode me tratar de qualquer jeito”<sup>116</sup>. Em outra cena, Morena diz para a sogra: “A senhora acha que só porque nasce no morro tem parte com a bandidagem, né? Não tem não Dona Áurea, a senhora pode ir lá ver. É tudo trabalhador”. A sogra rebate com discurso preconceituoso: “Dependendo do ambiente a gente nunca sabe com quem está lidando”. “Não sei onde que o meu filho estava com a cabeça! Um dia ele vai acordar” e “Ia ser um casamento muito desigual” também fazem parte do roteiro do personagem.

A união de Théo e Morena pode ser lida como uma metáfora da sociedade brasileira, em que a reconciliação entre as classes se dá na reconstrução de uma nação através do casamento misto. Segundo Guimarães (2002), o reconhecimento do bastardo, a fusão carnal e afetiva que produzem a miscigenação e a mestiçagem também são elementos dessa mistura que é uma solução infalível para todos os problemas e que se dá na televisão como o pacto nacional idealizado. Em *Salve Jorge*, esse pacto é ainda mais exacerbado por Théo ser o herói que libertou a comunidade do tráfico de drogas.

---

<sup>115</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/1192876-brasileiro-e-preconceituoso-o-espelho-incomoda-diz-gloria-perez.shtml> Acesso: 25 out. 2013

<sup>116</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/personagem/aurea.html#cenas/2268723> Acesso: 24 out. 2013



#### 4.4 A Ocupação repaginada

Foram duas grandes ocupações no Rio de Janeiro em novembro de 2010, a da Vila Cruzeiro e a do Complexo do Alemão, mas na novela elas são resumidas em apenas uma: a do Complexo do Alemão, onde os personagens moram. Porém, a trama enfrenta um problema, já que as imagens mais impressionantes são as da fuga dos traficantes da Vila Cruzeiro. Para usá-las, a dramaturgia transforma tudo em Alemão e mostra todas as imagens como se fossem do mesmo dia.

A novela mostra a preparação para a ocupação do Complexo do Alemão como uma verdadeira guerra. Oficiais vestem fardas de um lado e traficantes escolhem as armas do outro. Imagens jornalísticas se misturam com cenas filmadas na favela e no estúdio. A edição usa imagens de carros de policiais chegando na favela, helicópteros sobrevoando a área, ônibus queimados e mistura a elas cenas de ação cinematográfica com explosões, tiros, perseguições. Essas imagens jornalísticas ajudam o telespectador a lembrar da ocupação do Complexo do Alemão em novembro de 2010, reconstruindo com mais facilidade o contexto da época, que forma a trama principal da novela. Percebe-se que algumas cenas produzidas ganham um efeito para ficarem parecidas com as cenas dos telejornais. Assim, cenas gravadas em estúdio com a participação de atores podem ser confundidas pelo telespectador como cenas reais da ocupação da Vila Cruzeiro e do Alemão, o que cria uma ilusão de realidade, conferindo mais dramaticidade à cena.

O pânico dos moradores é representado pelo dono de bar Clóvis que fecha o comércio apressado. Lucimar e Morena empilham móveis para impedir a entrada de traficantes em fuga. A polícia também é uma preocupação das moradoras que deixam os documentos à mostra com o objetivo de provar que são trabalhadoras. Nas duas cenas, os personagens assistem à ocupação pelo *RJTV* que passa na televisão.

A cena seguinte é um extrato verdadeiro do *RJTV*. A imagem da televisão na novela cresce e ocupa toda a cena. Pode-se ouvir as vozes de Ana Paula Araújo e Márcio Gomes. As falas dos apresentadores estão editadas e as imagens também. Elas passam mais rápido do que aconteceu realmente para criar mais tensão no telespectador, através de um ritmo mais acelerado, como em um filme de ação. Pode-se perceber que algumas imagens foram trocadas ou aceleradas para dar mais dinamismo. O número de falas de repórteres começa a aumentar, até o momento em que só se pode ouvir um grande zumbido, como se uma multidão estivesse falando. O telespectador vê cenas reais de vários momentos da ocupação misturadas em um turbilhão. As imagens mais marcantes são a fuga dos traficantes da Vila Cruzeiro, que dá

início à sequência de cenas, e a fila de traficantes armados chegando no Complexo do Alemão, depois de terem fugido da Vila Cruzeiro. Na novela, essas cenas estão divididas por apenas segundos. Depois de um turbilhão de imagens, traficantes sendo presos e algemados começam a aparecer. Pode-se ouvir uma repórter dizer: “O Conjunto de Favelas do Alemão, uma região extremamente oprimida durante décadas.” A voz de Ana Paula Araújo entra: “Para os moradores, hoje foi um dia inesquecível.” E uma voz de autoridade que finaliza: “Vencemos. Trouxemos a liberdade pra população do Alemão.”

Enquanto na vida real os policiais hastearam os bandeiras do Brasil e do Rio de Janeiro, na novela quem faz isso é o capitão da cavalaria Théo. Por ser o personagem principal, Théo ganha uma participação maior na ocupação. A mãe dele chega a dizer que ele estaria na “linha de frente”, quando se sabe que quem entra primeiro nas operações são os policiais do Bope. É ele quem comemora ao lado da bandeira brasileira enquanto a voz de Ana Paula Araújo fala ao fundo: “O Conjunto de Favelas do Alemão não pertencia mais aos bandidos. As bandeiras do Rio e do Brasil foram hasteadas.”

A cena seguinte já mostra um segundo momento do Alemão, com turistas e moradores andando pelas ruas bem resguardadas pelos oficiais do exército. A novela trabalha então a favela pós-ocupação como um espaço que retornou ao Rio de Janeiro e que pode se aproveitar da característica turística da cidade. Condenando o preconceito de Aisha e Dona Áurea, a novela também tenta desmistificar a favela para os próprios cariocas, mostrando personagens como Pepeu (Ivan Mendes) e Drika (Mariana Rios), que, apesar de serem de classe média, gostam dos bailes funk da favela. Mesmo assim, a favela ainda é o local onde a quadrilha de tráfico humano mais atua, o que mostra como as pessoas de baixa renda ainda são os principais alvos desse tipo de esquema.

A partir desse momento pós-ocupação, a favela passa a abrigar o núcleo cômico da novela, com personagens estereotipados como a personagem Diva (Neusa Borges), que atua como a vizinha fofoqueira; o malandro Miro (André Gonçalves) que está sempre tentando se dar bem; o caricato Pescoço (Nando Cunha) que traz o típico vagabundo que vive às custas da mulher; a manicure Nilceia (Paula Pereira) que também adora uma fofoca e o nordestino Seu Galdino (Francisco Carvalho) que está sempre reclamando dos barracos das mulheres do Alemão.

## 5. O IMAGINÁRIO DO ALEMÃO

Nesse capítulo final, serão apresentados dois casos de pessoas reais que foram figuras centrais durante a ocupação do Complexo do Alemão e desempenharam papéis que marcaram um hibridismo entre a realidade e ficção. Esses dois exemplos vão contribuir para a discussão sobre a conquista de espaço da favela nos meios de comunicação e como esse espaço é trabalhado pelos jornalismo e na telenovela, através da busca do “efeito do real” como legitimador dos discursos midiáticos.

### 5.1 Rodrigo Pimentel ou Capitão Nascimento?

Conhecido como o verdadeiro Capitão Nascimento, Rodrigo Pimentel é ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais, o Bope. Pimentel é um dos autores do livro *Elite da Tropa* que inspirou os filmes *Tropa de Elite 1* e *Tropa de Elite 2*, nos quais ele participou como co-roteirista<sup>117</sup>. O personagem Capitão Nascimento, o protagonista dos filmes, é um capitão no estilo linha-dura do Batalhão de Operações Especiais do Rio de Janeiro. No primeiro filme, Nascimento, interpretado pelo ator Wagner Moura, combate o tráfico e os policiais corruptos dentro da instituição. No segundo filme, o foco é mais político, e os inimigos são os milicianos que estão ligados a figuras do governo. Como co-roteirista do filme, Pimentel admitiu que para construir o Capitão Nascimento buscou lembranças da sua passagem pelo Bope e conflitos familiares pessoais<sup>118</sup>.

Por ter trabalhado no Bope, Pimentel conhece as favelas cariocas. Ele inaugurou no *RJTV* um novo tipo de comentarista fixo: o comentarista de segurança. Pimentel defende a importância de se explicar os problemas da segurança pública como se faz com outros assuntos:

A segurança pública precisa ser debatida, precisa ser comentada, analisada. Eu falo todo dia no *RJTV* [da TV Globo] nessa linha, faço reflexões e o mais interessante é que esporte, cultura, moda, economia, política, isso sempre foi comentado e debatido em qualquer jornal do Brasil. Já na segurança pública a notícia sempre foi apresentada, jogada, e você acreditava naquilo. É o que o repórter policial falou, o que o coronel da PM disse, o que o delegado disse.<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/10/18/em-entrevista-ao-uol-o-verdadeiro-capitao-nascimento-diz-que-e-mais-feliz-longo-do-bope.htm> Acesso: 19 set. 2013

<sup>118</sup> Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/10/18/em-entrevista-ao-uol-o-verdadeiro-capitao-nascimento-diz-que-e-mais-feliz-longo-do-bope.htm> Acesso: 23 set. 2013

<sup>119</sup> Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/10/18/em-entrevista-ao-uol-o-verdadeiro-capitao-nascimento-diz-que-e-mais-feliz-longo-do-bope.htm> Acesso: 23 set. 2013



No episódio do sequestro do ônibus 174<sup>120</sup>, Pimentel, que tinha saído do Bope há três meses<sup>121</sup>, foi convidado pelo *Fantástico* para avaliar a sucessão de erros dos policiais e foi usado como principal argumento de autoridade da matéria (VILLAÇA, 2011). Ainda trabalhando na polícia, ele já comentava abertamente os erros e alternativas de estratégia da segurança pública<sup>122</sup>. Foi através desse sequestro que ele entrou em contato com o diretor José Padilha, que fez o documentário *Ônibus 174*<sup>123</sup>, e depois resolveu transformar em filme o livro *Elite da Tropa*.

As críticas à corporação no documentário *Notícias de uma Guerra Particular* de João Moreira Salles e Kátia Lund<sup>124</sup>, fizeram com que Pimentel fosse afastado da polícia, mas ele continuou debatendo a segurança pública. Oito anos depois do lançamento do documentário, em 1999, já estavam nas ruas as cópias piratas de *Tropa de Elite*. Por causa da pirataria – estima-se que 11 milhões de pessoas assistiram a um DVD pirata antes do lançamento<sup>125</sup> – o filme teve sua data de estreia antecipada<sup>126</sup>. Curiosamente, antes mesmo do lançamento de *Tropa de Elite*, os vendedores dos camelôs já vendiam uma continuação do filme. No segundo DVD estava a cópia de *Notícias de uma Guerra Particular*, primeiro contato de Pimentel com o cinema<sup>127</sup>.

O filme *Tropa de Elite 2* foi lançado no dia 8 de outubro de 2010<sup>128</sup>, apenas um mês e alguns dias antes do início dos ataques no Rio de Janeiro. Por causa disso, o tema do tráfico de drogas e das milícias estava muito presente no imaginário nacional, já que o filme se tornou o maior sucesso de bilheteria da história do Brasil, arrecadando R\$ 102,6 milhões<sup>129</sup>.

---

<sup>120</sup> Em junho de 2000, um ônibus foi sequestrado por Sandro Barbosa do Nascimento, um dos sobreviventes da Chacina da Candelária. Os onze passageiros ficaram reféns por quase cinco horas no Jardim Botânico, na Zona Sul do Rio de Janeiro. O assalto foi acompanhado ao vivo pelas emissoras de televisão. A ação desastrosa do Bope resultou na morte da refém Geisa Gonçalves, que foi atingida por um tiro de raspão disparado por um policial. Sandro acabou caindo e dando três tiros contra a professora. O assaltante Sandro do Nascimento morreu asfixiado por policiais dentro de uma viatura.

<sup>121</sup> Disponível em: <http://contigo.abril.com.br/noticias/entrevistas/rodrigo-pimentel-comentarista-seguranca-globo-ex-oficial-bope-capitao-nascimento> Acesso: 23 set. 2013

<sup>122</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hpIpO2XM7ik> Acesso: 23 set. 2012

<sup>123</sup> Disponível em: <http://contigo.abril.com.br/noticias/entrevistas/rodrigo-pimentel-comentarista-seguranca-globo-ex-oficial-bope-capitao-nascimento> Acesso: 23 set. 2013

<sup>124</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/06/ex-capitao-do-bope-critica-falta-de-estrutura-no-episodio-do-onibus-174.html> Acesso: 23 set. 2013

<sup>125</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-e-maior-bilheteria-da-historia-no-brasil.html> Acesso: 23 set. 2013

<sup>126</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/ator-envolvido-em-pirataria-de-tropa-de-elite-presta-depoimento-4158456> Acesso: 23 set. 2013

<sup>127</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/cinema/posts/2007/09/05/tropa-de-elite-2-continuacao-72311.asp> Acesso: 23 set. 2013

<sup>128</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/06/tropa-de-elite-2-chega-ao-cinemas-dia-8-de-outubro-diz-blog-oficial.html> Acesso: 23 set. 2013

<sup>129</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-e-maior-bilheteria-da-historia-no-brasil.html> Acesso: 23 set. 2013

Em dezembro, *Tropa de Elite 2* se tornou o filme brasileiro mais visto, conquistando 10.736.995 espectadores após nove semanas de exibição<sup>130</sup>.

Como na época do lançamento a situação da segurança pública no Rio de Janeiro já caminhava para o caos dos ataques de novembro de 2010, muitos comentários em redes sociais começaram a surgir relacionando o Rio de Janeiro atual a um suposto “Tropa de Elite 3”. Um exemplo é esse tweet do usuário @KonLiveBrazil, sete dias após o lançamento do filme: “O Diretor de #TropaDeElite2 disse que não terá #TropaDeElite3... Ele só esqueceu que no Rio já virou série!! e já nem sei em q temporada”<sup>131</sup>. Em 24 de novembro, o usuário @reporterdecrime postou: “A ousadia dos bandidos não tem limites, mas o coronel Nascimento vai acabar com a festa deles. #tropadeelite3”<sup>132</sup>.

No dia 25 de novembro de 2010, a situação da segurança pública no Rio já era considerada cinematográfica, como percebe-se por esse tweet da usuária @nanaynews: “Se eu fosse o Padilha, já tacava o Wagner Moura ali no Rio essa semana, uma camerinha e mandava pra Ilha de edição. #Tropa3”<sup>133</sup>. O lançamento do filme um mês antes da ocupação da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão pode ser considerado oportuno. Para muitos cariocas, era como se o cinema tivesse virado realidade. Os ataques e as megaoperações policiais foram a consagração do Bope. Era como se, de uma forma didática, através do drama e da ação do filme, *Tropa de Elite 2* tivesse preparado os cariocas para esse momento e contribuído para um sentimento de luta contra o crime. O tweet da usuária @Camilaxavierr, no dia 25 de novembro, mostra como as cenas reais transmitidas pela televisão remeteram ao filme: “Aí é #Tropa3 RT @odneyts A globonews e globo.com transmite Tropa de elite 2 ao vivo!”<sup>134</sup>. Como ilustrou Villaça: “Ninguém sai à noite e o roteiro da Tropa de Elite 3 desfila no jornal” (VILLAÇA, 2011, p.156).

A presença de Rodrigo Pimentel no estúdio do *RJTV* reforçou a associação com o filme. Para o telespectador, era como se o próprio Capitão Nascimento estivesse narrando a ação da polícia, a estratégia da Secretaria de Segurança Pública e a reação dos traficantes. Através de um personagem fictício, foi conferida à Pimentel uma autoridade para falar sobre segurança pública, baseada num elo emocional criado pelo cinema. Freitas usa a pergunta feita pela apresentadora Sandra Annenberg no *Jornal Hoje* para ilustrar esse elo: “Rodrigo Pimentel, começo fazendo uma pergunta: parece filme ao vivo, né?” (JORNAL HOJE *apud*

<sup>130</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-e-maior-bilheteria-da-historia-no-brasil.html> Acesso: 23 set. 2013

<sup>131</sup> Disponível em: <https://twitter.com/KonLiveBrazil> Acesso: 23 set. 2013

<sup>132</sup> Disponível em: <https://twitter.com/reporterdecrime> Acesso: 23 set. 2013

<sup>133</sup> Disponível em: <https://twitter.com/nanaynews> Acesso: 23 set. 2013

<sup>134</sup> Disponível em: <https://twitter.com/Camilaxavierr> Acesso: 23 set. 2013

FREITAS, 2011, p.5). Freitas (2011) destaca que as apresentadoras Sandra Annenberg e Ana Paula Araújo frisaram sistematicamente as convergências de Pimentel com o filme durante a transmissão, aproveitando ao máximo a figura imaginada de Nascimento. O filme é citado várias vezes e Ana Paula Araújo chega a chamar Pimentel de Nascimento:

Para esclarecer para vocês de todo o Brasil, o Rodrigo Nascimento (risos)... O Rodrigo Pimentel inspirou o personagem do capitão Nascimento – estou até confundindo, juntando os dois aqui –, a partir do livro que ele escreveu, contando ali um pouco dos bastidores do Batalhão de Operações Especiais e deu origem aí ao filme *Tropa de Elite 1*, *Tropa de Elite 2*; que agora a gente está vendo que a realidade está superando qualquer ficção, né, Rodrigo? (JORNAL HOJE *apud* FREITAS, 2011, p.6)

Respondendo à pergunta da apresentadora, Pimentel faz uma comparação entre a ficção e a realidade:

[...] na verdade, a realidade supera a ficção. Nem no *Tropa de Elite 2*, do Zé Padilha, a operação policial foi tão bem montada, tão bem coordenada, com tantos recursos, né... a gente vê aquela cena do *Tropa de Elite 2* – essa operação parece muito mais estruturada, muito mais preparada para enfrentar algo muito mais difícil. Então, a realidade do Rio de Janeiro supera a ficção do *Tropa de Elite*. (JORNAL HOJE *apud* FREITAS, 2011, p. 5-6)

Para Villaça (2011), o filme funcionou naquele momento como um marcador de parâmetro e Pimentel era a inspiração para o capitão Nascimento. Parecia haver o desejo de reavivar o personagem ficcional para a construção de um autor como “princípio de agrupamento” do discurso jornalístico. Pimentel não era apenas um especialista, mas um herói de cinema falando da sua própria guerra. Segundo Foucault, “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT *apud* VILLAÇA, 2011, p.158-161), mas, no caso de Pimentel, como destaca Villaça (2011), o autor emerge da ficção para dar sentido ao real. Segundo Freitas (2011) a função de Pimentel não se restringia a comentarista, já que cabia a ele também a função de ser repórter, por causa da sua experiência no Bope.

A partir da cumplicidade criada com o telespectador, Pimentel legitima o seu lugar de fala, ocupando o espaço do sujeito comum, real, próximo e, simultaneamente, retomando a figura de protagonista do filme, do anti-herói Nascimento, que mesmo atuando com violência, conquista o espectador (FREITAS, 2011). Assim, Freitas (2011) conclui que *Tropa de Elite 2* foi apenas um aperitivo do que estava por vir na vida real, já que não só a televisão é uma mídia mais acessível que o cinema para a maioria da população brasileira, como os cariocas puderam protagonizar eles mesmos cenas de violência cinematográfica. Não é surpresa, então, que diante de tantas referências ao Bope romanceado e ao herói Nascimento, a população

tenha oferecido seu apoio sem maiores resistências às ocupações do Complexo do Alemão e da Vila Cruzeiro. Nas palavras de Freitas,

Rodrigo Pimentel não está apenas como comentarista de segurança pública, ex-capitão do BOPE, coautor de livros sobre o batalhão. Ele é o capitão Nascimento em pessoa, mesmo que assim não seja apresentado em todos os momentos. É ele que traz a resposta para o dilema, para a crise, para o conflito – pelo menos é isso que se tenta transmitir na cobertura dos telejornais nacionais da Rede Globo (FREITAS, 2011, p.9).

## 5.2 O morador da favela na novela

O personagem Sidney, interpretado por Mussunzinho em *Salve Jorge*, não tem um papel de destaque na trama, mas ele legitima o roteiro da autora por interpretar um morador real do morro do Alemão. O personagem é inspirado no jovem Rene Silva, criador do jornal *Voz da Comunidade*, jornal comunitário do Complexo do Alemão. Logo no primeiro capítulo essa relação fica clara quando Rene faz uma participação na novela ao lado do personagem Sidney. O personagem fala para Lucimar: “Ô, Dona Lucimar! Eu e o pessoal do Rene tamos fazendo um jornal na internet. Vai ser o *Voz da Comunidade*”<sup>135</sup>.

Durante a ocupação na novela, Sidney relatou o que estava acontecendo pelo *Twitter*, assim como fez Rene Silva na realidade. Aqui, Rene faz uma participação na novela que funciona como um reconhecimento e uma divulgação do trabalho dele no Alemão. É como se ele estivesse interpretando ele mesmo. Mas, na verdade, ao contrário do que o personagem Sidney fala, o jornal *Voz da Comunidade*, criado por Rene, já existia desde 2005 e tinha, inclusive, aparecido em jornais. A transmissão em tempo real pelo *Twitter* do que estava acontecendo no Alemão durante a ocupação fez com que o jornal de Rene, que antes era mais conhecido apenas na comunidade, extrapolasse as fronteiras da favela e chegasse a outros cariocas. Os números ajudam a dar a dimensão do sucesso que os *tweets* de Rene fizeram: no dia 29 de novembro de 2010, Rene tinha cerca de 700 seguidores no *Twitter*. A conta do jornal *Voz da Comunidade* tinha apenas 180. No dia 30, os números já eram 15 mil para Rene e 30 mil para o *Voz da Comunidade*<sup>136</sup>. Na novela, uma cena retrata como os depoimentos do jovem no *Twitter* alcançaram moradores de toda a parte do Rio: “O menino lá do Alemão está dizendo que o tráfico vai resistir”, diz o personagem Caíque, interpretado por Duda Nagle, que mora em uma mansão no Rio. No escritório de advocacia, os personagens também seguem os relatos de Sidney. O advogado Stenio, interpretado por Alexandre Nero,

---

<sup>135</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/videos/t/para-assinantes/v/salve-jorge-capitulo-de-segunda-feira-dia-22-10-2012-na-integra/2203152/> Acesso: 03 out. 2013

<sup>136</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/a-voz-jovem-conectada-da-comunidade-do-complexo-do-alemao-8365592> Acesso: 05 nov. 2013

acompanha com seus colegas de trabalho e chega a se comunicar com Sidney. Ele diz: “Aroldo, pede pra esse menino desativar o GPS pra não localizarem ele”<sup>137</sup>.

Rene sempre teve interesse nos meios de comunicação. Quando tinha 11 anos, decidiu fazer um jornal. A inspiração veio do jornal da Escola Municipal Alcide de Gasperi que era feito pelos alunos do grêmio escolar e ia para a Secretaria de Educação, que muitas vezes atendia aos pedidos dos estudantes. Rene se empolgou com a ideia e pensou em ampliar o foco. No dia 15 de agosto de 2005, saía a primeira edição do *Voz da Comunidade*, que seria um jornal mensal, com distribuição de 100 exemplares. Em entrevista ao O Globo, Rene falou da importância do jornal:

Uma reclamação fica mais clara se você identifica o problema, entrevista o morador, tira foto — diz Rene. — Havia espaço para um jornal local, porque as pessoas tinham muito medo da grande mídia, que só aparecia quando havia tiroteio e mortes. As notícias que saíam sobre a gente eram sempre ruins, notícias sobre a violência. A vida normal de todo dia era ignorada.<sup>138</sup>

Com o sucesso do jornal, Rene recebeu uma bolsa de estudos de uma escola particular, o Educandário Baptista Moraes. Como não podia mais fazer as cópias na xérox do colégio público, resolveu cobrar pela propaganda dos estabelecimentos comerciais. Antes disso, ele escrevia matérias quando os comerciantes pediam uma ajuda. Graças à publicidade, que aumentou o orçamento, e o crescimento do número de interessados, a tiragem foi aumentando. Antes da ocupação, o jornal já tinha uma circulação de cinco mil exemplares.

A descrição do personagem de Sidney no site oficial da novela também cita o jornal de Rene: “Neto de Clóvis e Diva. Adolescente interessado e inventivo. Curioso, cheio de desejo de aprender. Associa-se à garotada da *Voz da Comunidade*”<sup>139</sup>. Em 2010, o programa “Caldeirão do Huck” deu uma redação completa para o jornal. Luciano Huck foi um dos artistas que começaram a seguir Rene durante a ocupação. Ele retuitou vários *tweets* do adolescente, o que o ajudou a ganhar mais visibilidade. Por causa da iniciativa, Rene chegou a ganhar o prêmio Faz Diferença do jornal *O Globo*, em 2011. O jornal *Voz da Comunidade* ficou pequeno para o papel, principalmente depois do grande interesse que as contas de Rene e do jornal no *Twitter* despertaram em vários cariocas. Por isso, Rene passou a dar mais destaque para o blog do jornal e já conquistou mais de 128 mil seguidores no *Twitter*<sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/videos/t/para-assinantes/v/salve-jorge-capitulo-de-segunda-feira-dia-22-10-2012-na-integra/2203152/> Acesso: 03 out. 2013

<sup>138</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/a-voz-jovem-conectada-da-comunidade-do-complexo-do-alemao-8365592> Acesso: 08 ago. 2013

<sup>139</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/personagem/sidney-mussunzinho.html#perfil> Acesso: 05 nov. 2013

<sup>140</sup> Disponível em: <https://twitter.com/vozdacomunidade> Acesso: 08 nov. 2013

Além de Rene, a vendedora Adriana de Souza, conhecida como Adriana da Empadinha, que vende salgados e doces no Complexo do Alemão, também aparece na novela cantando suas paródias do funk<sup>141</sup>. Apesar de não ser uma personagem, Adriana faz parte do ambiente do Alemão e, por isso, também o ilustra na novela, conferindo mais um efeito de “Alemão verdadeiro” na ficção.

A participação de moradores reais do Alemão na novela tem um poder legitimador, conferindo autenticidade à trama. Como lembra Jaguaribe (2007), o retrato da favela verbalizado pelo favelado tem mais poder do que a visão de uma pessoa de fora, já que é a biografia e não a imaginação que constituem o autor e legitimam o imaginário. Assim, o testemunho biográfico serve como validação da experiência e suporte da ficção. A presença de Rene Silva em uma cena da novela que fala sobre o jornal que ele mesmo criou reafirma, através do recurso do testemunho, a veracidade do discurso da trama. A participação de Rene evidencia que ele está exercendo o direito de ser representado como gostaria de ser visto, o que o torna legítimo no papel de porta-voz da favela, permitindo que o telespectador associe a imagem da novela com a visão de mundo do próprio Rene.

### 5.3 A favela conquista seu espaço

Rodrigo Pimentel e Rene Silva apresentam papéis opostos quanto à representação da favela na mídia. Como foi mostrado, a autoridade de Pimentel é construída a partir de um relato fictício, de um antiherói que representa um agente opressor da favela, o temido Bope. Apesar de sua primeira aparição no cinema ter sido no documentário *Notícias de uma Guerra Particular* de João Moreira Salles e da ficcionalização de *Tropa de Elite* ter surgido a partir de sua situação biográfica, após o sucesso dos filmes o impacto da figura fictícia de Pimentel fez com que não houvesse uma separação nítida entre a vivência histórica do policial e a ficção. O uso dessa personagem para conferir autenticidade ao discurso de Pimentel sobre a ocupação evidencia a falta de uma voz que represente a favela. Durante a semana de ataques e operações policiais foram poucos os relatos de moradores do Alemão, que estavam sempre na mídia como algo a ser mostrado, distante, com os rostos escondidos e as vozes alteradas. Esse é o caso do morador filmado por câmeras escondidas na matéria *Feira das Drogas*, é o caso da narração do menino que não mostra o rosto na matéria de Bette Lucchese para o *Fantástico* e é também o caso dos moradores que, longe das câmeras, balançam as bandeiras brancas de paz pelas janelas durante as ocupações, em 2010. Esse vazio foi ocupado em novembro de

---

<sup>141</sup> Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/por-tras-das-cameras/noticia/2012/11/vendedora-do-alemao-faz-participacao-em-salve-jorge-e-chama-a-atencao-do-publico.html> Acesso: 06 nov. 2013

2010 pela figura improvável de Pimentel, que ganhou autoridade máxima por ser a pessoa que mais conhecia a favela no estúdio do *RJTV*. Em nenhum momento a experiência dele no Bope, um batalhão que entra nas favelas com violência e é temido pelos moradores, foi contestada pela emissora.

Para ocupar esse vazio surgiu, através da visibilidade proporcionada pelas redes sociais, o jovem Rene Silva. Ele sim, um autêntico morador do Alemão, conseguiu extrapolar os limites do morro e passar o que estava acontecendo através do ponto de vista de quem está dentro da zona de conflito. Rene ocupou esse espaço ganhando autoridade através de sua vivência e da sua própria biografia. Assim, usando de sua vida real ele confere à novela *Salve Jorge* a autenticidade e o selo de veracidade que apenas um morador pode dar.

Ao longo desse trabalho pode ser percebida uma evolução da imagem do Complexo do Alemão na televisão. Uma tentativa de mostrar o tráfico de drogas se deu através da matéria *Feira das Drogas* que acaba culminando no assassinato de Tim Lopes e no distanciamento da favela na mídia. Nessa época, a imagem da favela é reafirmada como um lugar de perigo. Porém, já no início do século XX, os morros já eram vistos pela polícia e pela sociedade como locais perigosos e refúgios dos criminosos. Zaluar & Alvito (2006) destacam que essa ideia se disseminou mesmo que as estatísticas criminais apontem que a distribuição dos tipos de crimes e contravenções eram semelhantes em diferentes partes do Rio de Janeiro nessa época. Segundo Rinaldi (2006), esse estigma da favela perigosa se dá principalmente por ser um lugar que foge do padrão, ameaçando a estrutura social. A favela é vista como um local sem ordem, capaz de ameaçar os que nela não se incluem. Por isso, a ideia do perigo reproduz os valores e estruturas da sociedade que busca se diferenciar da vida na favela. A mídia, assim, traz notícias sobre o morro sempre do ponto de vista negativo, dando ênfase ao tráfico de drogas e à violência.

O morador da favela fica marcado por essa representação e traz em si a marca do perigo, como é mostrado na matéria da Bette Lucchese para o *Fantástico*, criando uma identidade social pautada pela pobreza, miséria, criminalidade e delinquência (RINALDI, 2006). Os estereótipos dos favelados como "ladrões", "bandidos", "assaltantes", "delinquentes", "marginais"; "violentos" e "perigosos" ficaram enraizados no imaginário social e são discutidos na novela *Salve Jorge* através do preconceito de Dona Áurea e Aisha. Para o jornalista Marcelo Beraba, a grande mídia tem interesse na cobertura das favelas, mas não sabe como fazê-la, por isso oscila entre a violência e destaques para casos excepcionais, excluindo o morador comum e os problemas urbanos do dia a dia (*apud* VILLAÇA, 2011). Rene é um desses casos especiais e, por isso, antes mesmo da ocupação de 2010 já tinha

aparecido na mídia como o menino prodígio do Alemão que com apenas 11 anos criou um jornal comunitário. Por outro lado, moradores comuns que quisessem reclamar da falta de serviços no morro, por exemplo, tinham pouco espaço.

Para Alvito (2006) até mesmo o termo “complexo” tão disseminado na mídia e que está no título desse trabalho carrega o estigma da violência e da segregação. O autor relembra que o termo “complexo” é originário do vocabulário penal, como, por exemplo, o Complexo Penitenciário Frei Caneca e afirma que, durante seu estudo em Acari, jamais ouviu alguém dizer que morava no “Complexo do Acari”. Alvito também destaca um outro problema que está associado ao discurso criminalizador da mídia:

Enfatize-se, por exemplo, o fato de que os relatos da mídia dependem, em grande parte, do próprio aparelho policial: no dia-a-dia frenético do repórter policial, não há tempo para maiores investigações, e o acesso a outras fontes (os moradores da localidade em geral ou mesmo membros de uma determinada quadrilha) demandaria um enorme investimento de tempo para conquistar a confiança necessária. (ALVITO, 2006, p.188 - 189)

A visibilidade midiática das favelas como local de violência não é algo recente e os meios de comunicação ainda tratam pejorativamente a favela. A presença do jogo do bicho e do tráfico de drogas, levou a mídia a estabelecer uma associação entre violência e favela, criando uma generalização dos seus moradores e um discurso criminalizador da pobreza. As matérias constantes sobre violência criaram no imaginário social o medo e, consequentemente, o distanciamento dessas comunidades. Porém, a pacificação, o funk e as ONGs vêm desconstruindo a imagem violenta desses espaços periféricos. Mesmo assim, a favela ainda é o “outro”, aquilo sobre o qual se fala, e não conquistou uma autonomia relevante a ponto de poder falar de si mesma como sugerem algumas tentativas (VILLAÇA, 2011). Assim, os meios de comunicação acabam se alternando entre a demonização da favela, como é muitas vezes o caso no telejornalismo, e a crescente implementação de ficções românticas, como é o caso do Alemão de *Salve Jorge*.

As imagens de ataques violentos por toda a cidade, em novembro de 2010, amedrontaram a população. Segundo Zaluar (2006), no caso do Brasil não se pode dizer que o medo é apenas uma criação midiática ou do imaginário, já que a recorrência de crimes violentos evidencia que o medo é real. Para Jaguaribe (2009), o aumento da violência no Rio de Janeiro a partir dos anos 1980 causou uma crise de representação da cidade, das favelas e da identidade da comunidade nacional imaginada. Numa cidade onde favelas estão no meio da Zona Sul, a área onde estão reunidos os bairros que abrigam as classes altas, as demarcações que separam o seguro do perigoso se tornam cada vez mais frágeis. Apesar dos moradores das favelas cariocas estarem mais sujeitos à violência, tanto da crueldade dos



traficantes, quanto da força abusiva da polícia, o sentimento de insegurança se espalhou pela cidade, fazendo com que a sensação de instabilidade cruzasse as barreiras sociais (JAGUARIBE, 2009). A violência é capaz de criar experiências coletivas que traduzem dilemas urgentes individuais e da sociedade (JAGUARIBE, 2009). Essa atmosfera de insegurança criou uma necessidade de se debater a favela, a violência e o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Esse sentimento foi experimentado ao máximo durante a semana dos ataques em novembro de 2010, quando todo o Rio de Janeiro se tornou uma zona de conflito. A escolha da mídia, então, foi apostar na estética do realismo, usando recursos como vídeo-flagrantes, imagens amadoras e a transmissão ao vivo, tentando conferir uma experiência impactante de autenticidade. Feldman (2008) destaca que as renovadas narrativas do audiovisual apelam cada vez mais à produção e dramatização da realidade, renovando seus códigos realistas e intensificando seus efeitos do real, com o objetivo de fazer a linguagem desaparecer como construção para se confundir com as coisas, dando a impressão de que o próprio real está “falando” (BARTHES *apud* FELDMAN, 2008).

O boom da estética realista pode ser percebido na proliferação de *reality shows*, imagens amadoras usadas pelo telejornalismo, acontecimentos não-ficcionais incorporados pela dramaturgia, vídeo-flagrantes e vídeos caseiros disponíveis na internet (FELDMAN, 2008). Segundo Jaguaribe (2007), no entanto, o aumento no número de obras que apostam na narrativa realista não é a novidade, mas sim a produção recente marcada pelo forte apelo ao retrato da realidade em face da violência urbana, presente em tópicos como favelas, centros de correção, periferias, prisões e a guerra do tráfico.

A estética do realismo tem grande impacto não só porque trata de assuntos atuais com vocabulário atraente e compreensível, mas também porque mexe com sentimentos coletivos de medo, culpa, vingança e ansiedade sem enfatizar discursos de engajamento e político-militantes (JAGUARIBE, 2009). O sentimento de culpa e vingança<sup>142</sup> estão presentes no discurso jornalístico que trata o Alemão e a Vila Cruzeiro principalmente por causa da morte do jornalista Tim Lopes, sempre lembrada nas matérias sobre o complexo depois de 2002. Durante a semana de ataques em 2010 há um efeito de escalada da ansiedade dos moradores de todo o estado do Rio de Janeiro, que é proporcionado pela incerteza do que pode acontecer se as forças de segurança não reagirem ou fracassarem, além do pânico causado pelas imagens de ataques em territórios conhecidos e usuais dos cariocas que não são moradores dos morros. No caso da ocupação do Alemão e da Vila Cruzeiro, percebe-se o medo muito

---

<sup>142</sup> Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/qtv170720022.htm> Acesso: 6 nov. 2013

latente tanto no discurso jornalístico, quanto na representação romanceada da novela. Enquanto nos telejornais o medo de cariocas de várias partes da cidade estava representado por meio de entrevistas e entradas ao vivo, na novela o foco é para o medo dos moradores do Alemão.

A cobertura das ocupações da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão foi acompanhada pelos telespectadores como um *reality show* da violência carioca. O telespectador e os próprios apresentadores tinham a impressão de estar vivendo cada passo da polícia, cada ataque, cada reação dos traficantes, como se o real estivesse sendo experimentado através da televisão. Durante a transmissão ao vivo, a Rede Globo buscou proporcionar uma experiência real e verdadeira através da precariedade das formas e do amadorismo, percebidos nas imagens de qualidade inferior, feitas pela equipe de Bette Lucchese do alto do Complexo do Alemão, e na sensação de improviso e de urgência, presentes na cobertura comandada por Ana Paula Araújo e Márcio Gomes. Porém, não é apenas no jornalismo que o real “ficcionalizado” ou “dramatizado” está cada vez mais presente.

Em outra vertente, a tendência da estética realista vem acompanhada da cultura produzida na periferia, que está ganhando visibilidade aos poucos. Nos anos 1980, ainda não havia referência a uma cultura ou arte da periferia. Com o movimento hip hop nos anos 1990, o cenário mudou e até mesmo as classes mais altas se atraíram pela estética periférica (VILLAÇA, 2011) Nos anos 2000, desenvolveu-se a literatura periférica, ou marginal, e, em 2007, artistas da periferia lançaram sua própria Semana de Arte Moderna<sup>143</sup>. Villaça cita Heloisa Buarque de Hollanda para introduzir a nova tendência na cena artística brasileira: “é a cultura da periferia e seu poder de resistência e criatividade artística que vem se firmando como a grande novidade que vai marcar a cultura do século XXI” (BUARQUE DE HOLLANDA *apud* VILLAÇA, 2011, p.44). Para Jaguaribe (2009), com a democratização da sociedade brasileira, personagens antes invisíveis e silenciados ganharam evidência. Hoje, como nunca antes, os pobres das cidades e as vítimas de discriminações estão construindo caminhos para garantir seus direitos à representação.

Seguindo essa tendência, a favela tem ganhado espaço também no horário nobre da televisão brasileira. Antes representada apenas nos telejornais, principalmente no discurso limitador da violência urbana, agora se vê com mais frequência o surgimento de narrativas ficcionais que têm como protagonistas os moradores de favelas. No Brasil, o sucesso do filme

---

<sup>143</sup> Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014-487,00.htm> Acesso: 24 out. 2013

*Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, em 2002, alavancou esse processo para o cinema e a televisão. Segundo Santana, a exibição de *Falcão – Meninos do Tráfico*, do rapper MV Bill, em 2006 pelo *Fantástico* na Rede Globo, a produção da série de televisão *Cidade dos Homens*, exibida também pela Rede Globo em 2007 e a exibição da novela da Record *Vidas Opostas* nessa mesma época são provas de que “o antigo paradigma levantado em torno da ideia de que os brasileiros apenas apreciam assistir telenovelas cujo enredo principal são histórias de milionários excêntricos tornou-se obsoleto” (SANTANA, 2009, p.1).

Também em 2007, estreava nos cinemas o filme *Tropa de Elite*, de José Padilha, sucesso de bilheteria que tem como trama principal a guerra nos morros cariocas. Investindo fortemente nessa nova temática, a Rede Globo estreou a novela *Duas Caras*, de Aguinaldo Silva, cujos personagens centrais eram moradores de uma favela fictícia no Rio de Janeiro. A “Portelinha”, imaginada pelo autor, seria baseada na favela Rio das Pedras, um local de milícia na realidade carioca, mas que na novela é representada como um espaço pacífico e diferente das favelas controladas por traficantes. Santana destaca que a proposta de Aguinaldo Silva era “desmistificar a ideia de que na favela só residem bandidos, enfatizando o caráter humano e caracterizando a favela como espaço de pessoas honestas e trabalhadoras” (SANTANA, 2009, p.2).

Nota-se, porém, que todos os exemplos dados acima se passam no Rio de Janeiro. A produção nacional ignora as favelas paulistas, nordestinas e de tantos outros cantos do país. Segundo Zaluar & Alvito (2006), para outros estados, regiões e metrópoles, principalmente São Paulo, que concorrem com o Rio de Janeiro pela importância cultural e política do país, a favela se torna, por extensão, a própria imagem da cidade. Com a chegada do tráfico de cocaína, a favela passou a ser representada como covil de bandidos, zona franca do crime, habitat natural das “classes perigosas”. Por extensão, é assim que o Rio de Janeiro passou a ser visto na mídia e no imaginário brasileiro (ZALUAR & ALVITO, 2006). Como descreveu Jaguaribe, “a favela é o ícone que sintetiza os impasses da cidade” (JAGUARIBE, 2007, p.151).

A formação e o crescimento desordenados do Rio de Janeiro, que já contava com divisões sociais herdadas do período da colonização e da escravidão e que recebeu ainda muitos imigrantes de outras partes do país, fizeram com que a urbanização refletisse desigualdades e criasse uma dualidade entre a cidade, local de ordem social e domínio do poder público, e a favela, espaço ocupado de forma desestruturada pelas classes pobres e distantes do controle estatal (VILLAÇA, 2011), contribuindo para a formação da metáfora da “cidade partida”, que sugere que o Rio de Janeiro seria uma metrópole dividida entre a cidade

do asfalto com suas normas, edificações, legalidades, práticas culturais e a cidade da escassez das favelas e das zonas de pobreza (JAGUARIBE, 2007). Para Jaguaribe (2009), foi a urgência da crise metropolitana que incitou o surgimento de filmes, reportagens, documentários sobre a desconstrução dos centros urbanos brasileiros. Segundo Villaça, essa crise da cidade produz uma multiplicação de imagens do Rio de Janeiro que acabam buscando novos cidadãos-protagonistas:

Diante do esfacelamento da realidade é comum ver a mídia produzir uma espécie de curadoria da cidade, conjugando a narrativa do Rio Maravilha, Rio do turismo e da moda e o Rio violento e marginal. Nesse contexto é interessante apontar o aumento da variedade narrativa sobre a cidade que vai encontrar na periferia protagonistas para uma infundável repaginação. Nessa dinâmica surge tanto a voz das comunidades quanto a da indústria cultural. (VILLAÇA, 2011, p. 89-90)

A novela *Salve Jorge* continua essa sucessão de narrativas que afirmam a inserção da temática da periferia urbana como um dos fenômenos atuais da produção ficcional brasileira. Segundo Santana (2009), o fato de uma novela do horário nobre da TV Globo, ou seja, a principal telenovela do país, transformar a favela no tema central da história promove o debate público a respeito da imagem que se tem do subúrbio. Feldman (2008) identifica como uma das tendências na busca pelo efeito do real a reencenação de acontecimentos não-ficcionais, principalmente os marcados por grande repercussão midiática. O vínculo com esses acontecimentos, como é o caso da ocupação do Complexo do Alemão, legitima a importância social da ficção televisiva, mobilizando os telespectadores e a opinião pública. “Como disse Roberto Irineu Marinho, nas comemorações, em 2005, de 40 anos da emissora mais importante e influente do país, a Rede Globo, de ‘fábrica de produção de sonhos’, teria passado a ser ‘uma usina de realidades’”(FELDMAN, 2008, p.5).

Porém, essa favela representada na televisão não reflete a realidade das ruas. A telenovela e os telejornais, por serem textos midiáticos, podem até se apropriar dos princípios estilísticos da corrente do realismo, aproximando-se o máximo possível do real, mas não podem sê-lo (SANTANA, 2009). Usando noções naturalizadas do cotidiano baseadas na produção do “efeito do real”, surgiram novos registros realistas em narrativas, filmes, imagens e documentários que ensaiam uma tentativa de captar a “vida como ela é”. Mesmo assim, apesar delas manterem uma ligação vital entre a estética do real e a representação social, essas produções acabam intensificando a sensação de realidade fazendo uso de estratégias ficcionais da dramatização, como enquadramentos temporais e personagens inventados (JAGUARIBE, 2009). Essa tentativa de trazer o efeito do real é percebida no primeiro capítulo de *Salve Jorge*, tanto quando imagens jornalísticas são utilizadas em ritmos frenéticos que excedem a velocidade em que ocorreram com o objetivo de dar mais ação às

cenas, como quando imagens filmadas em estúdio ganham filtros com o intuito de criar um efeito jornalístico. Para Jaguaribe (2007), a “mentira” estética do realismo está na sua capacidade de organizar narrativas e imagens de modo a oferecerem uma intensidade do real ainda maior do que está presente no cotidiano. O objetivo é reforçar a conexão entre representação e experiência da realidade, que é vital para o “efeito do real”.

Para Feldman (2008), a estratégia é produzir uma verdade que simule a sua própria não-simulação, criando ilusões de transparência. A proliferação do apelo realista pode ser compreendida como “a expansão de um regime de visibilidade fascinado pela ilusão da transparência total – tudo ver, tudo mostrar, tudo provar, nada esconder” (FELDMAN, 2008, p.6). Para Feldman (2008), apesar de a vida nunca ter sido tão aparentemente valorizada, essa visibilidade da realidade se dá diminuindo a própria vida, em sua condição biológica, a vida de fato, que tem a sua existência expropriada e é reduzida a uma performance comportamental. A vida real acaba sendo, então, administrada com o objetivo de se tornar visível num nível midiático para que possa ser tomada como real e verdadeira. A vida só é verdadeira quando aparece na mídia.

Porém, apesar de tratar da periferia, *Salve Jorge* segue o padrão das novelas globais de amenizar a pobreza. Como destacou Ramos (2012), a emissora sistematicamente sintetiza o Rio de Janeiro em Copacabana, Leme, Arpoador, Ipanema e Leblon, criando a chamada “Cultura Zona Sul”. De alguns anos pra cá, percebe-se uma tentativa de trazer novos territórios cariocas para o prime-time das telenovelas globais, como a Barra da Tijuca de *Fina Estampa*, em 2012, o bairro de Madureira representado pelo fictício Divino, em *Avenida Brasil*, também em 2012<sup>144</sup>, o Complexo do Alemão em *Salve Jorge*, em 2012 e 2013 e a favela Rio das Pedras representada pela fictícia Portelinha em *Dois Caras*, em 2007 e 2008. Mesmo assim, como declarou Ramos, “a realidade das telenovelas é bem mais bela que a da minha rua, a da minha cidade, enfim, a do meu país” (RAMOS, 2012, p.9). Um artigo de Wheatley (2008)<sup>145</sup> sobre a novelas globais destaca como é melhor ser pobre nas novelas do que na vida real:

Tradução da autora: Eles lidam com problemas do cotidiano dos telespectadores, como crimes, sexo na adolescência e o uso de drogas – exceto que este não é bem o Brasil, porque tudo e todo mundo é um pouco, às vezes muito, mais bonito e menos ameaçador do que na vida real. Os pobres, principalmente, se dão melhor no mundo da Globo do que no real: eles são mais bem alimentados e vestidos, se dão melhor

---

<sup>144</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/madureira-bairro-que-inspirou-o-divino-de-avenida-brasil> Acesso: 23 out. 2013

<sup>145</sup> Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/8366b88c-338c-11dd-ba8a-0000779fd2ac.html#axzz2iY7N3QeK> Acesso: 23 out. 2013

com os padrões de classe média e moram em favelas [...] que deixam o real literalmente pra trás.<sup>146</sup>

Em entrevista a Wheatley, Octávio Florisbal, diretor-geral da Rede Globo na época, justificou essa estratégia dizendo que os brasileiros já enfrentam dificuldades demais no dia-a-dia e, por isso, não querem ver ainda mais sofrimento nas novelas<sup>147</sup>. Assim, a estética do realismo é, na verdade, socialmente codificada, não passando de interpretações da realidade. Segundo Jaguaribe, “o paradoxo do realismo consiste em inventar ficções que parecem realidades” (JAGUARIBE, 2007, p.16). Segundo Eagleton, o realismo artístico “não pode significar ‘representar o mundo tal qual é’ mas sim representá-lo de acordo com as convenções da representação do mundo-real” (EAGLETON *apud* JAGUARIBE, 2007, p.26).

Mesmo com esse aspecto apaziguador, *Salve Jorge* ainda é uma evolução na imagem representativa do Alemão na sociedade, proporcionando ao telespectador a possibilidade de conhecer um outro lado do morador da favela. A novela agrega ao estigma da violência outras características das comunidades da periferia, dando ao favelado destaque nacional no horário nobre da televisão brasileira. O uso de moradores reais na trama evidencia essa tentativa de ser fiel à realidade do morro, assim como a escolha de um acontecimento verdadeiro e marcante no desenrolar da narrativa. Essa hipervisibilidade dos moradores, no contexto da dramaturgia, permite que eles possam ser vistos como cidadãos que não têm apenas necessidades, mas também sentimentos, sonhos e histórias pessoais. Eles deixam de ser mostrados apenas como pessoas acudadas pelo medo e esquecidas pelo poder público, mas passam também a ser tratados como pessoas de atitude, trabalhadoras e vaidosas, como a protagonista Morena. A existência desses personagens qualifica os moradores do Alemão, alçando-os à categoria de cariocas. Assim, sua existência passa a ser reconhecida em nível nacional, uma vez que eles ganham visibilidade midiática o que confere, na atualidade, o significado de ser real, já que é na televisão que a comunidade imaginada brasileira se realiza (JAGUARIBE, 2007).

---

<sup>146</sup> Trecho no idioma original: “They deal with issues of daily concern to viewers, such as crime, under-age sex and drug-taking - except that this is not quite Brazil, because everybody and everything is just a bit, often a lot, better-looking and less alarming than in real life. The poor, especially, do rather better in Globo's world than they do in the real one: they are better fed and clothed, get on better with their middle-class employers and live in favelas - Brazil's ubiquitous urban shanty-towns - that leave the real thing literally in the dust”. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/8366b88c-338c-11dd-ba8a-0000779fd2ac.html#axzz2iY7N3QeK> Acesso: 23 out. 2013

<sup>147</sup> Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/8366b88c-338c-11dd-ba8a-0000779fd2ac.html#axzz2iY7N3QeK> Acesso: 23 out. 2013

## 6. CONCLUSÃO

Através dessa pesquisa, foi possível perceber uma mudança no modo como o Complexo do Alemão é retratado pela Rede Globo, a maior emissora do país. A partir do estudo histórico e da análise das matérias de telejornais como *Jornal Nacional*, *Fantástico* e *RJTV*, foi destacada a presença constante do conjunto de favelas na mídia, principalmente no contexto da violência e do tráfico de drogas. A história do Comando Vermelho, a guerra entre as facções e a derrubada do helicóptero da Polícia Militar no Morro dos Macacos ajudam a entender porque o complexo era tão temido pelos cariocas e pelo governo do Rio de Janeiro. Já o assassinato do jornalista Tim Lopes foi um fato importante para o aumento da distância entre a mídia e as favelas do Rio de Janeiro. A crueldade dos criminosos, a mágoa e o medo provocados em grande parte dos profissionais da mídia e o alto risco de se fazer matérias jornalísticas nas favelas cariocas reforçaram ainda mais a imagem da favela como local da violência. Os depoimentos dos jornalistas da Rede Globo reproduzidos nesse trabalho comprovam a nova orientação da emissora de evitar entrar nas favelas controladas pelo tráfico de drogas, o que, numa época em que não havia uma política de segurança eficaz, significava praticamente todas as comunidades do Rio de Janeiro.

Como foi destacado, a atitude por parte da mídia começa a mudar quando o governo do Rio de Janeiro é obrigado a se reposicionar sobre as favelas cariocas com a derrubada do helicóptero da PM no Morro dos Macacos. Apesar da anterior aplicação da política das Unidades de Polícia Pacificadora em algumas comunidades, foi por meio deste ataque dos traficantes que ela foi impulsionada. O motivo, como quase sempre acontece, foi a pressão da mídia, tanto nacional quanto internacional, em relação à questão da segurança na cidade durante a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas de 2016. Mesmo assim, até aquele momento, o Complexo do Alemão, que não está na rota dos turistas que vão circular pela cidade durante os grandes eventos, não era um alvo do governo. A fama de Quartel-General do Comando Vermelho fez com que o Alemão fosse evitado até mesmo pelas autoridades. Foi a própria atitude de enfrentamento do Comando Vermelho nos ataques em novembro de 2010 que fez o governo do Rio de Janeiro resolver ocupar o Complexo do Alemão, o que resultou numa operação que mobilizou as polícias Civil e Militar e o Exército Brasileiro.

Em novembro de 2010, percebe-se pelas reportagens que a Rede Globo optou pela posição de apoiar integralmente o governo, ignorando as tentativas fracassadas de ocupar o complexo no passado e tratando o uso do Exército, a ocupação do conjunto de favelas e o hasteamento das bandeiras como fatos inéditos e históricos. A Rede Globo, que antes

mostrava o Alemão como um lugar segregado do Rio de Janeiro, um território sem lei, onde moradores viviam com medo, lançou para todos os cariocas uma campanha de libertação desses moradores, incitando a população a denunciar as ações dos traficantes. A ocupação do Complexo do Alemão é tomada como definitiva, como um ato de libertação para uma população que durante anos foi oprimida pelo tráfico. Assim, os moradores do Alemão, que mal eram ouvidos pelas equipes da emissora e apareciam nos telejornais com os rostos encobertos e as vozes alteradas, puderam se tornar, finalmente, cariocas de fato.

Essa inserção, definitiva, dos moradores das favelas como moradores do Rio de Janeiro se dá na novela *Salve Jorge*, que traz protagonistas residentes no Complexo do Alemão. No entanto, esses protagonistas convivem com o tráfico de drogas apenas durante o primeiro capítulo da novela, o que implica que são dignos de representação nacional apenas os favelados que moram em comunidades pacificadas. Assim aconteceu também na novela *Duas Caras*, que trouxe uma favela inventada que, de tão fictícia, não estava sob o controle do tráfico de drogas.

Através dessa pesquisa é possível discutir o papel da favela na televisão brasileira e como ele está relacionado à própria inserção da favela na cidade. A favela aumenta sua visibilidade na televisão na medida em que passa a ganhar espaço na própria identidade da cidade, como no Rio de Janeiro, por exemplo, que, com as Unidades de Polícia Pacificadora, ensaia uma tentativa de assumir a favela, incluindo-a até mesmo nas rotas turísticas, com a expansão e o incentivo aos famosos *favela tours*. Assim, os moradores dos morros, que antes apareciam nos telejornais apenas em matérias sobre violência e tráfico de drogas, passam a recriar a ligação da favela com a mídia. Porém, esse elo continua possível apenas para as comunidades contempladas pela política das UPPs, consideradas seguras. A Rocinha, por exemplo, apesar de já ser uma favela com UPP, ainda tem muitos casos de violência, abuso policial e tráfico de drogas, o que faz com que as equipes de reportagem evitem a comunidade. Já na ficção, percebe-se que a visibilidade da periferia é uma tendência que permeia a cultura contemporânea e que foi identificada e apropriada pela emissora, por meio do aumento significativo do número de seriados e novelas contendo personagens de classes mais baixas como protagonistas.

Esse trabalho observou também a tendência do uso da estética do realismo para tratar temas relacionados à violência urbana. Nos telejornais, o realismo é identificado através do improviso, do uso da transmissão ao vivo, das imagens com qualidade inferior que conferem veracidade às gravações e do tom de surpresa dos apresentadores durante as ocupações em novembro de 2010. Na novela *Salve Jorge*, essa tendência está presente na escolha do tema da



ocupação do Alemão como acontecimento central do início da trama e no uso de imagens jornalísticas em cenas da novela.

O papel de Rodrigo Pimentel nos telejornais da Rede Globo, durante a transmissão ao vivo da ocupação do Complexo do Alemão, e a representação de Rene Silva na novela *Salve Jorge* através do personagem Sidney e das participações do próprio Rene são contrapontos que mostram a importância da experiência para conferir veracidade ao discurso. O uso de Pimentel e Rene como forças legitimadoras tanto no telejornal quanto na novela evidenciam também uma evolução na conquista do espaço do morador da favela. Enquanto em novembro de 2010, a maior autoridade conhecedora do Alemão que a Rede Globo escolheu foi um ex-integrante do batalhão mais temido pelos favelados cariocas, o Bope, em 2012, Rene Silva, que conquistou sua própria fama através do *Twitter*, era quem fazia participações especiais em *Salve Jorge*, funcionando como um selo de veracidade da trama.

Com a política das Unidades de Polícia Pacificadora ainda sendo implantada em outras comunidades do Rio de Janeiro e as várias denúncias de que o tráfico de drogas continua atuando em favelas já pacificadas pela polícia, é preciso aguardar para saber se a presença da polícia no Complexo do Alemão é, realmente, permanente. Sendo a UPP ainda um projeto de um governo, pode ser uma política abandonada por governos futuros. Além disso, é preciso observar como a representação do Alemão na televisão vai evoluir e, principalmente, se na Copa do Mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, as favelas vão ser tratadas como parte do território carioca ou serão excluídas dos espaços de representação da cidade. Muitas questões abordadas não foram plenamente esgotadas e esclarecidas no espaço deste estudo e ficam abertas para pesquisas futuras.

## 7. REFERÊNCIAS:

ALVITO, Marcos. Um bicho-de-sete cabeças. In: ZALUAR, Alba. & ALVITO, Marcos. Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMORIM, Carlos. Comando Vermelho: a história secreta do crime organizado. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2011.

BARCELLOS, Caco. Abusado: o dono do Morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

CANO, Ignácio. (org.). ‘Os donos do morro’: Uma avaliação exploratória do impacto das Unidades De Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro. Fórum Brasileiro de Segurança Pública em cooperação com o Laboratório de Análise da Violência – (LAV-UERJ), 2012.

DA SILVA, Cidinha. A favela em Salve Jorge. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/em-debate/cidinha-da-silva/17891-a-favela-em-salve-jorge-por-cidinha-da-silva>.

DE LIMA, Carlos Alberto. Força de Pacificação: os 583 dias da pacificação dos Complexos da Penha e do Alemão. 1.ed. Rio de Janeiro: Agência 2A Comunicação, 2012.

FELDMAN, Ilana. O Apelo Realista. Porto Alegre: Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, nº 36, ago. de 2008.

FREITAS, Viviane Gonçalves. “PARECE FILME AO VIVO”: Capitão Nascimento narra a ocupação da Vila Cruzeiro nos telejornais da Globo. 7o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

GUIMARÃES, Isabel. Populismo Eletrônico: Ratinho e a crise da tv brasileira. Rio de Janeiro: Booklink, 2002.

JAGUARIBE, Beatriz. O Choque do real: estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. Hijacked by Realism. Public Culture 58, vol. 21, nº 2, Primavera, 2009.

\_\_\_\_\_. The Violence of the Real: A Conversation with Rogério Reis. Public Culture 58, vol. 21, nº 2, Primavera,, 2009.

\_\_\_\_\_. Imaginando a “cidade maravilhosa”: modernidade, espetáculo e espaços urbanos. Porto Alegre: Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, nº 18, vol. 2, mai/ago. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9054>. Acesso em: 26 set. 2013.

DANTAS, José Guibson Delgado; FONSECA, Lucas André Emery; RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão. A empregada doméstica representada na mídia: um olhar sobre a novela *Cheias de Charme*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012

LEEDS, Elizabeth. Cocaína e Poderes Paralelos na Periferia Urbana Brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, Alba. & ALVITO, Marcos. Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NEVES, Florentina & DALBETO, Lucas do Carmo. Patroas vs empregadas: o conflito das classes retratado nas telenovelas. Realidade Ficção, vol.20, nº1, 1º semestre 2013.

RAMOS, Roberto. Sessenta anos de telenovela no brasil: um olhar cultural e crítico. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, vol. 11 nº 22, 2012.

RINALDI, Alessandra de Andrade. Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba. & ALVITO, Marcos. Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Segurança Pública. A UPP veio para ficar: histórico. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/historico>. Acesso: 24 jul. 2013.

RÓNAI, Cora. A voz jovem e conectada da comunidade do Complexo do Alemão. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/a-voz-jovem-conectada-da-comunidade-do-complexo-do-alemao-8365592> Acesso: 08 ago. 2013.

SANTANA, Fernanda Castilho. Favela como espaço de identidade: Representações na telenovela *Duas Caras*. Revista Internacional de Folkcomunicação, vol.1, 2009.

SILVA, Rafael. As complexas raízes do Complexo do Alemão. Disponível em: <http://novocomplexodoalemao.wordpress.com/2012/12/04/as-complexas-raizes-do-complexo-do-alemao/> Acesso: 12 ago. 2013.

SOARES, Luiz Eduardo.; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. Elite da tropa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VILLAÇA, Nizia. A Periferia POP na Idade Mídia. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

VITAL DA CUNHA, Christina. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação religiosa em favelas cariocas. Rio de Janeiro: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009.

WHEATLEY, Jonathan. Brazil's winning game-plan. Financial Times, 6 de Junho de 2008.

ZALUAR, Alba. & ALVITO, Marcos. Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZALUAR, Alba. Crime, medo e política. In: ZALUAR, Alba. & Alvito, Marcos. Um século de favela. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

## **WEBSITES**

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. UPP. Disponível em: <http://www.upprj.com>

O GLOBO. Disponível em: <http://oglobo.globo.com>

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. IPP RIO. Disponível em: <http://ipprio.rio.rj.gov.br>

TV GLOBO. Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com>

TV GLOBO. Salve Jorge. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:  
<http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html>